

LUTA!

Por Deus, Terra e Liberdade, brasileiro, Luta!



★
N.º 15

Escreve o Bispo de Maura:

Da mesma maneira que o movimento dos elementos cósmicos calculáveis se sustenta no fato irredutível de que existe um mundo e um ponto de partida determinado e característico de sua evolução, assim, também, a mobilidade psicológica, calculável em princípio, que engendra as figuras religiosas, se funda na psique que existe previamente com determinado modo de ser.

★

um artigo oportuno do
ex-BISPO DE MAURA

afund — Bispo do Rio de Janeiro

— Nesta Revista —

Luta!

Diretor-Proprietário
DOM CARLOS DUARTE COSTA
Revista Mensal Ilustrada

ANO V — Nº 15
AGOSTO
1951

REDAÇÃO
Rua da Constituição, 10 — sob o
Fone: 22-7368
RIO DE JANEIRO

Assinaturas

Capital Federal Cr\$ 40,00
Estados Cr\$ 50,00

Número Avulso

Capital Federal Cr\$ 4,00
Estados Cr\$ 5,00

Nota — A direção não se responsabiliza por artigos assinados.

CORRESPONDENTES

Estado de São Paulo

S. Paulo: Antônio Mellace Netto
Rua 7 de Abril, 264 - 8.º s. 1.820 - Fone:
32-7608.

Santos: Antônio Mellace Netto
Rua 15 de Novembro, 28-3.º - s. 17

Ribeirão Preto: Eugênio R. Bicas
Rua Visconde de Inhauma, 36

Azevedo Marques: Aristides Gameiro.

ESTADO DE MINAS GERAIS

Belo Horizonte: João Lucas de Miranda
Rua Pouso Alegre, 657 — Floresta

Rio Novo:

José Rodrigues Araujo

Simonésia: Raimundo dos Reis Filho,
S. Lourenço — Caxambú: Austriclino Brandão.

S. Geraldo: Te. Albano Antônio de Souza
Av. S. Geraldo s/n.

São João Nepomuceno: Antônio Barroso.

Juiz de Fora: José Soares
Av. Garibaldi, 400

Patrocínio: João Miguel Baxeta
Av. Rui Barbosa

Varginha: José Dália

Caixa Postal, 163

S. Gonçalo do Sapucaí: Dr. Romeu Silva

Ubá: Américo Moreira Mendes Filho

Rua Cel. Júlio Soares, 311

Ubaporanga: Marcelino Lopes Viana

ESTADO DE ALAGOAS

Maceió: Pedro Gomes

Rua Iris Alagoense, 322 — 344

Pão de Açúcar: Miguel Gonçalves Lima

Av. Braulio Cavalcante, 182

ESTADO DE GOIAS

Goiânia: Agrício Braga

Caixa Postal, 45

Pires do Rio: Lindolfo Alves Ferreira

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Natal: João Morais Galvão

Rua Pereira Simões, 31.

ESTADO DE PERNAMBUCO

Recife: João Bezerra de Lima

ESTADO DA PARAÍBA

João Pessoa: Farel Fialho Viana

Caixa Postal, 35

Campina Grande: J. Leite Sobrinho

Rua Epiácio Pessoa, 206

ESTADO DE SERGIPE

Aracajú: Zózimo Ferreira de Almeida.

Estância: Waldemar Floriano

Caixa Postal, 17

ESTADO DO CEARÁ

Fortaleza: Pe. Raimundo Simplicio de Almeida.

Rua D. Teresa Cristina, 227.

Joazeiro: Luiz França do Amaral

Rua Salgadinho, 2

ESTADO DA BAIÁ

Uruçuca: Misael Marques

Rua Soares Lopes, 2

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Cabo Frio: Farah Elias Farah

Rua Jonas Garcia

Rio Bonito: Oscar Nunes

Macaé: Alcebiades Vieira

Rua Eusébio de Queiroz, 7

Casimiro de Abreu: Odilon Lobo

Areal: Jayme de Souza Marques

ESTADO DE S. CATARINA

Lajes: Dom Antídio José Vargas

Caixa Postal, 93

Rio das Antas: Francisco Alves Cordeiro

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre: Pe. Raul Clementino Smânia

Santa Maria: Diniz Bueno Oliveira

Rua Dr. Bozano, 602

Rio Grande: Walter S. da Costa

Caixa Postal, 170

Vacaria: José Júlio dos Santos

Caixa Postal, n. 4

Santo Angelo: José Biagioai

Rua Andradas, 1161

A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA

TEM POR LEMA:

Deus, Terra e Liberdade!

LUTA!

Por Deus, Terra e Liberdade, Brasileiro, Luta!

Já é Tempo...

Escreve: † Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Com o presente número, "LUTA!" comemora o 6º aniversário da fundação da Igreja Católica Apostólica Brasileira.

Foi, justamente, no dia 6 de Julho de 1945, que tive a felicidade de me separar de Roma, com a exclusão do meu SER HUMANO de um IMPÉRIO que atrofia a inteligência, negando a seus súbditos o direito de raciocinar com o seu próprio cérebro, para que fique preso a essa cadeia interminável de crimes contra a Liberdade, contra a Justiça, contra a Verdade, contra a Ciência, que é o PAPADO, o VATICANO, a IGREJA ROMANA, o IMPERIALISMO JESUITICO. As algemas caíram e eu pude dizer:

Quanto mais avançamos no conhecimento de Deus, melhor conhecemos, por assim dizer, que nada há que seja digno d'Ele, e elevando-nos acima de tudo aquilo em que pensamos ou em que jamais poderíamos pensar em toda a eternidade, louvamos-lo na sua verdade incompreensível, perdemos-nos nesse louvor; tentamos reparar, pelo amor, o que nos falta em conhecimento, ainda que tudo isto seja uma espécie de conhecimento e uma luz tanto maior quanto o seu próprio efeito é iluminar um santo e eterno amor.

Passados seis anos, eu posso convidar o povo brasileiro a cantar, comigo, a prece do real salmista:

"Oh! Jehovah nosso amo, que o teu nome seja para sempre glorioso em toda a terra!

"Tu fazes brilhar a tua majestade nos céus! Da boca das crianças tiras a tua glória.

"Quando contemplo o céu, a obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que tu fizeste, pergunto por que é que te recordas ainda do homem e por que tomas tão grande cuidado por ele?

"Colocaste-o um pouco abaixo dos anjos e coroaste-o de glória e de honra. Deste-lhe o império sobre a obra das tuas mãos; tudo colocaste sob os seus pés.

"As ovelhas, os bois, todos os animais dos campos, as aves do céu e os peixes do mar, tudo o que existe e vive.

"Oh! Jehovah, Senhor nosso, que o teu nome seja para sempre glorioso em toda a terra.

"Louvai Jehovah, habitantes do céu, louvai-o habitantes das regiões elevadas. Louvai-o vós todos, seus anjos, vós todas, suas milícias, vós todas, brilhantes estrelas.

"Louvai-o, céus dos céus, e vós, águas das alturas dos céus. Louvem todos o nome de Jehovah, porque ele quis e tudo foi criado. Tudo ficou estabelecido para sempre; fez uma lei que ninguém transgredirá.

"Louvai Jehovah, habitantes da terra, monstros marinhos, profundos abismos, raio, neve, vapores, sopros da tempestade, executores das suas ordens, montanhas, e vós todas, colinas e árvores de fruto, e vós todos, cedros.

"Animais selvagens, rebanhos dos campos, reptis e aves, reis da terra, mancebos e donzelas, velhos e adolescentes.

"Louvem o nome de Jehovah, porque só este nome é grande, a sua majestade domina a terra e os céus! Levantou o poder de seu povo; que seja louvado por todos os fiéis, pelos filhos de Israel, pelo povo que lhe está mais próximo. Louvores a Deus.

E o povo brasileiro tem razão de tecer esse hino em ação de graças ao Todo Poderoso, porque o 6 de Julho de 1945 foi o início da verdadeira independência da PÁTRIA. Não sou eu quem o diz: E' Bernardo Pereira de Vasconcelos. E' Rui Barbosa.

O dia 6 de Julho de 1951 foi a proclamação da liberdade plena de cultos; da libertação franca do Brasil do despotismo de Roma; da completa separação da Igreja do Estado.

Ainda agora acabamos de ouvir o rádio proclamar dias feriados, para o Distrito Federal, os dias santos da Igreja Romana, a Igreja estrangeira. João Carlos Vital, o Prefeito do Distrito Federal, preferiu deixar de lado a Constituição da República, que diz, em seu art. 31 — III: "A União, aos Estados, ao Distrito Federal, e aos Municípios é VEDADO: ter relação de aliança ou



Tendo o Vaticano inventado que o Bispo de Maura andava numa luxuosa Kadilac azul, êle pede, ao Cardial Dom Jaime, que troque sua modesta caruagem, entregando-lhe a Kadilac



dependência com qualquer culto ou igreja...”, para deixar se engatar ao maquinismo perturbador dos interesses coletivos, que é a Igreja Romana.

O dia 6 de Julho de 1945 abre aos brasileiros, páginas de livros científicos para o estudo da ciência das ciências, que é a ciência da religião.

Em época anterior ao Cristianismo, a Humanidade possuía religião uniforme na sua essência.

Os povos cultuavam a religião universal e possuíam a crença em um Deus Único.

Como disse, no n° 8 de “LUTA!”, no artigo “LUZ NAS TREVAS”, nas grutas, na face dos rochedos, em tijolos, papíros, nos troncos das árvores e etc., eram gravados seus ensinamentos, saturados de incomparável moral e que desafiavam os aforismos sociais da nossa época, confundindo seus sociólogos e teólogos.

A ciência astronômica era, então, profundamente conhecida, com seus vastos conhecimentos matemáticos, geométricos, físicos e químicos.

É falso, absolutamente, falso o que propala o Vaticano, dizendo que os povos eram bárbaros, selvagens e heréticos. Bárbaro, selvagem e herético, é o Cristianismo do Vaticano, que nos legou esta civilização pagã e nos entrou o progresso, subjugando-o a dogmas aparentemente espirituais, para realce da sua política de domínio temporal dos povos, mediante a prática do fanatismo religioso, que conserva a Humanidade na ignorância, abrindo caminho á depravação de costumes.

Aí está a civilização cristã do Vaticano:

Corrupção completa dos homens que governam a Humanidade, presentemente, nos três poderes: Executivo, Legislativo, Judiciário;

A mentira oficial;

A mentira social;

A mentira da liberdade;

A oficialização do crime;

A corrupção dos costumes;

A divinização da matéria;

A perturbação da ordem;

O domínio das castas, escravizando os povos;

O desrespeito do homem ao homem;

A hipocrisia;

O sistema econômico capitalista, que desrespeita ás leis eternas da natureza;

O comércio das coisas sagradas.

O Vaticano aponta as modalidades religiosas existentes antes da era cristã como pagãs, quando pagão é o cristianismo do Vaticano.

Já tivemos ocasião, escrevendo sobre divórcio, de dizer que a história de Adão e Eva talqualmente nos apresenta o Vaticano não passa de uma infantilidade, quando é sabido que o alfabeto adâmico baseia-se nas cinco formas fundamentais da geometria: o ponto, a linha, a circunferência, o triângulo e o quadrado, cujas formas, por si mesmas, pronunciam, em Adâmico ou Vatânico: ADAM — EVA — ADAMA —, segundo o modo pelo qual era escrita a língua: ADAM — EVA — MA (lei) ou seja linha horizontal. É a lei base de uma Academia, cuja Universidade é representada pelo termo Adam, sendo Eva a Natureza, a Terra, a mãe dos homens. Não há interpretações metafísicas, mas simplesmente verificação de uma ciência misteriosa, antes que surgisse o Arqueometro.

O alfabeto chinês assenta suas bases nos sinais geométricos, com a perpendicular de gancho.

A Academia adâmica escrevia de baixo para cima, como homenagem á direção de onde partiu a Ciência, do alto do Céu.

O chinês escreve de cima para baixo, em direção ao Sul, homenageando a Índia, de quem recebeu, por Fo-hi, seus sinais modernos.

O Oriente escreve da direita para a esquerda, em homenagem ao Ocidente, de onde lhe veio a Luz.

O Ocidente escreve da esquerda para a direita, em homenagem á Raça Vermelha, bêrço das Ciências e da Protosíntese.

Deixemos, porém, êstes estudos para mais tarde e prossigamos nos estudos iniciados, no n° 14 de “LUTA”, com o artigo de fundo: RELIGIÃO E CIÊNCIA.

O panorama do sentimento religioso é êste:

Até agora a religião sobreviveu ás religiões, como a árvore á queda periódica de seus frutos. A enorme gravidade da situação atual estriba-se em que não é êste ou aquele dogma, senão a mesma transcendência da fé que, em essência, é qualificada de ilusória e fantástica.

Não sobrevive agora a forma vazia da transcendência, que procura um novo conteúdo com que encher-se, senão alguma coisa mais profunda: a necessidade, o anelo que, em geral, se apazigua com o transcendente: em suma, uma realidade espiritual que, abolindo os conteúdos da fé, parece paralisar-se e afastar-se do caminho que conduz pujança da vida.

Fechadas tôdas as saídas, exceto a transformação radical da conduta interior, é preciso, antes de mais nada, esclarecer a mudança de posição instaurada por Kant, segundo o qual a religião é uma maneira íntima de se conduzir a alma, em contraposição com a ideia de que a religião é um meio termo ou mistura confusa dêste sentimento, ação ou ser interior e uma existência que transcende dêle.

Pode existir um meio de relação entre o espírito e o transcendente, e então a religião é a parte desta relação que cai do lado do espírito humano. Mas da mesma maneira que, segundo

Kane, os membros não podem passar dentro de nós de uma região para outra, assim também Deus não pode alicerçar-se em nosso coração. Quando se afirma, todavia, que o espírito se identifica e se confunde com Deus, isto se passa do ponto de vista da metafísica ou da mística. Mas a religião precisa ter um sentido inequívoco, distinto da especulação e, portanto, não pode ser mais que uma maneira de ser, um acontecimento de nossa alma, que é de parte que nos é concedida. Um temperamento erótico acabará por amar, quiza, exclusivamente a uma determinada pessoa, mas já de antemão e previamente era erótico, e há de diferenciar-se essa sua maneira de qualquer outra manifestação ou manifestações isoladas e concretas. Assim mesmo, a natureza religiosa é um templo da alma, que de antemão sente e leva a vida de outro modo e outra forma que uma natureza irreligiosa, e o mesmo faria ainda quando vivesse solitário em uma ilha, onde não ouvisse palavra nem conceito algum sobre Deus.

Dada a singeleza, tratarei em primeiro lugar do caso desta natureza puramente religiosa, no sentido mais categórico, sem resíduo ou mistura de outra coisa. Nesse sentido, esta alma não tem a religião tão somente sob o ponto de vista de um possuído ou de uma faculdade. Seu "ser" é já um ser religioso e, por assim dizer, toda essa alma funciona religiosamente, da mesma maneira que o nosso corpo funciona organicamente. Para este "modo de ser", os dogmas não são meros conteúdos, que aqui revestem uma forma, ali outra, senão que são também exteriorizações da constituição singular de sua alma. O sentimento de dependência e alegria esperçada, a humildade e o anelo, a indiferença às coisas terrenas e o que regula a vida, não constituem tão pouco o aspecto religioso mais profundo do homem religioso. Todas essas coisas brotam e emanam da sua essência, alguma coisa que ele *tem*, como o artista *tem* a fantasia, habilidade técnica, sensibilidade aguda e fofuldade de estilização, enquanto que a substância do seu ser, o que faz o artista, aquilo cuja unidade não pode



A IGNORÂNCIA, A SUPERSTIÇÃO, O FANATISMO, A INTOLERÂNCIA E A BAIULAÇÃO AOS GRANDES SÃO AS ARMAS QUE O CLERO MANEJA AINDA HOJE EM NOSSA PÁTRIA.



decompor-se e analisar-se, faz, por assim dizer, debaixo de tudo isso.

De acôrdo com estas interpretações, parece-me que a religiosidade do homem é concebida sempre como combinação e modificação das energias "gerais", o sentimento, o pensamento, a volição moral ou o apetite. Mas na realidade, a religião é a essência fundamental da alma religiosa, a qual determina a coloração e funcionamento de todas as qualidades gerais — e especiais — da alma. Somente depois — embora no

Deus, Terra e Liberdade



Morte, Fome, Doenças



**É ASSIM QUE O VATICANO,
ALIADO AOS BELICISTAS
AMERICANOS QUER A PAZ.**



**O BISPO DE TUNGA ABENÇOA A ESPADA PERTENCENTE
AO CMTE. DO BATALHÃO DA COLÔMBIA, QUE IRÁ LUTAR
NA COREIA (JORNAL DO BRASIL DE 10/6/51)**



sentido cronológico da palavra — esta essência se decompõe em necessidade e satisfação, como o “ser” do artista se manifesta em correlação do impulso criador e a execução da obra.

Assim, pois, em virtude desta separação entre a necessidade íntima e sua satisfação ou preenchimento, apresenta-se a religiosidade como a constituição natural do homem religioso em contraposição e a objetividade de um conteúdo religioso. Só quando o “ser religioso”, o caráter íntimo, essencial da personalidade religiosa, entra na fase psicológica e se revela como necessidade, anelo, desejo, só então exige uma realidade em que satisfazer-se. Este é o momento em que intervêm e realizam seu papel os agentes espirituais que, em todo tempo, foram apontados como criadores de deuses: o temor e a miséria espiritual, o amor e a dependência, o anelo pela prosperidade material e a redenção eterna.

Mas a questão de origem não se apresenta visivelmente até que a complexão religiosa interior chegue a essa diferenciação entre a necessidade ou anelo e a satisfação. Então é quando a alma tende a uma realidade ao Deus tido como verdadeiro. Assim, pois, só agora pode surgir a questão si a religião é verdadeira ou falsa; questão que, evidentemente, carece de sentido, si por religião se entende aquela constituição fundamental do homem. Mas um homem não pode ser verdadeiro, nem falso; só pode aquele que acredita na crença em uma realidade do além.

O aspecto gnoseológico da confissão: “eu creio em Deus”, sob um ponto de vista nos diz pouco, sob outro ponto nos diz muito. Isto revela que a oposição entre um sujeito crente e um objeto crido, é uma desavença secundária, uma expressão não muito adequada de alguma coisa mais profunda, de uma certa realidade interior estranha ao conhecimento.

O homem em busca da divindade:

As denominações vacilantes dos místicos: Deus é “puro nada” (em contraposição com qualquer coisa particular que se possa apontar), ou Deus é um “Ser superior”, não pretendem outra coisa senão fludir em Deus a questão da realidade. Esta não existe mais no fundo onde brotam as raízes da religião ou a religião como última raiz do mesmo ser. Mas como o homem é um ser ávido e o primeiro passo de sua existência o conduz ao desejo de ter, de possuir; como o primeiro passo do sujeito consiste em ingressar na objetividade, o processo vital religioso, essa profunda constituição de alguns homens, se converte no apice numa relação entre o ser que crê e o objeto crido que existe por si mesmo, ou entre um que deseja e outro que outorga. Desta maneira, esta forma objetivada de realidade age sobre a própria religiosidade, e assim a oração, a magia, o rito se convertem em instrumentos de prática eficaz.

Assim, pois, quando o homem subjetivo enfrenta com a realidade objetiva de Deus, é quando se estabelece integralmente a questão da verdade, a luta sobre a verdade ou a ilusão, e a essência religiosa no homem se detem neste novo plano para o qual se transportou.

Esta transposição, inevitável até agora para os homens, de acordo com o testemunho histórico, da precisamente origem à crítica racionalista. Esta nega a seguinte conclusão: Ou há “na realidade” um ente metafísico, transcendente divino, que existe fora do homem ou, si o espírito científico não admite esta realidade, a crença nela é uma fantasia subjetiva, que é preciso explicar psicologicamente.

Mas si este dilema pretende refutar o metafísico, o irreduzível a termos psicológicos, incorre em grave erro, porque há uma terceira posição: Por acaso esta fé, este fato que se opera na alma, pode ser, por sua vez, algo metafísico, porque nele vive e se dá a conhecer um ser, aquele modo de ser religioso, cujo sentido é completamente independente do conteúdo que a fé produz ou em que a fé faz pressão.

Quando o homem se depara com uma figura metafísico-divina, que supera toda singularidade empírica, não projeta nela sempre nem exclusivamente suas emoções psicológicas, temor, esperança, superabundância, desejo de redenção. Nessa figura projeta, ainda, o homem aquilo que nele mesmo é metafísico, o que nele mesmo transcende de toda singularidade empírica. Da mesma maneira que o movimento dos elementos cósmicos calculáveis se sustenta no fato irreduzível de que existe um mundo e um ponto de partida determinado e característico de sua evolução, assim também, a movibilidade psicológica, calculável em princípio, que engendra as figuras religiosas, se funda na psique que existe, previamente, com determinado modo de ser. De maneira que o fato de produzir-se a série psicoló-

gica como tal série, supõe uma base fundamental que, por sua vez, não se produziu no curso da série.

O pensamento de Feuerbach perdeu o equilíbrio neste ponto. Para êle, Deus não é outra coisa que o homem que, acessado por seus desejos, se exalta a si mesmo até o infinito e depois pede auxílio ao mesmo Deus que assim o criou. "Religião é antropologia" E com esta estrutura acredita Feuerbach ter resolvido o transcendente, vendo no homem o fluxo empírico das particularidades anímicas. Êle tivera dito melhor: "assim, pois, o valor metafísico, superindividual da religião cria raízes na essência religiosa do homem mesmo".

Naturalmente, da mesma maneira que a divinização do homem, pode refutar-se a humanização de Deus, pois em ambos os casos se efetua uma aproximação posterior, á viva força, de duas instâncias que cada uma em seu plano têm que opôr-se imediatamente. Mas é possível superar êste dualismo, porquanto o espírito na fé ou movido pela fé produz com o seu objeto e sente seu ser religioso como o absoluto ultrapassando essa relação, isento da opposição entre sujeito e objeto.

A representação do espaço que encontramos em nossa consciência não nos permite concluir que, portanto, existe fora da consciência um mundo espacial: pelo contrário, si Kant está certo, a mesma representação é tudo o que chamamos realidade espacial. Da mesma maneira, a religiosidade subjetiva nos garante a existência de um ser ou de um valor metafísico fora dela, senão fôr ela mesma, e imediatamente êsse ser e êsse valor, uma realidade, que já compreende em si todo o supracosmico, a profundidade, o caráter absoluto e sagrado que parece perdido nos objetos religiosos.

Esta transformação pode comparar-se á da ética, que não procura a significação moral no próprio conteúdo da ação singular, senão que na "boa vontade". A "bondade" é o caráter fundamental, irredutível de um processo volitivo. Ainda que seja a bondade que determine ao sujeito escolher certos e determinados fins, êstes não são "bons" originalmente, nem emprestam á vontade, que os acolhe, o caráter de "boa". Pelo contrário, é a "bondade" a que, como força espontânea informadora de nossa intimidade dá o valor moral aos diversos conteúdos que, como é sabido, nunca podem ser descobertos nêles, tal-qualmente se apresentem era sua matéria imediata e visível.

Não se pode dizer, á primeira vista, que o conteúdo religioso é, verdadeiramente, religioso ou não: a representação de Deus pode ser criada ou imaginada e tida como mera especulação. Os dogmas podem ser aceitos por mera sugestão, assim como a redenção por mero afã de contentamento. Tudo isso se torna religioso, quando fica enraizado naquella realidade singularíssima que chamamos religiosa, seja ela criada ou reproduzida. E assim como a "boa vontade" de um homem conserva seu valor moral em toda a sua pureza e plenitude, mesmo quando o destino suprime as possibilidades de realizar uma

P R E C E

Nossa Senhora Mevina,
a Verdade nos conduz,
tiveste a Missão Divina
de ser a Mãe de Jesus!

Mãe do moço Nazareno
que, através do seu amor,
revelou, desde pequeno,
ser o Nosso Redentor!

Mãe do Grande Iniciado
que ensinou, aos mais atenc,
o preceito consagrado
que nos manda amar a Deus!

Sim; amar eternamente
e nunca, nunca temer,
como ensinam, no presente,
os que olvidam seu dever!

Abençoa, Mãe Clemente,
e avigora a nossa fé,
devoção e amor ardente
a Jesus de Nazaré!

Recebe, neste momento,
toda a nossa gratidão,
êsse eterno pensamento,
luz do nosso coração!

Rio, 25 de Maio de 1951

Domingos Magarinos

Eulália Magarinos



obra visível, da mesma maneira o valor religioso da alma se conserva ainda quando motivos intelectuais ou de outra natureza tenham anulado os conteúdos em que êste valor teve origem, tornando-os, portanto, religiosos.

Passados seis anos de fundação da Igreja Católica Apostólica Brasileira, já é tempo de apresentar ao público brasileiro sua doutrina filosófica, teológica, como já venho fazendo com a sociológica.

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1951

O Bispo de Maura responde

ao Cardinal de São Paulo

Carlos Carmelo, Cardinal Satã, antes de alertar os católicos e os sacerdotes "leigos" contra a Igreja Católica Brasileira de Carlos Duarte, tu devias te lembrar do papel sujo, que desempenhaste, perante a Nação, quando arcebispo do Maranhão, em 11 de Novembro de 1937, ingressando no Integralismo e fazendo estas declarações:

"Os católicos têm ampla liberdade de abraçar o Integralismo. Não vejo incompatibilidade entre a doutrina integralista e a moral católica. Formo o melhor conceito do Chefe Nacional, Plínio Salgado, julgando-o um católico verdadeiro e um patriota sincero".

Tu, Carlos Carmelo, antes de tocar no meu nome, lava a tua boca, suja, imunda, pelos conciliábulo, mantidos com o teu chefe, verdadeira ave de rapina, e com todos os políticos traidores da nossa Pátria.

Foste tu, Carlos Carmelo, o eleitor desse "General", que acaba de descer as escadas do Catete, para felicidade da nossa Pátria.

Tu, Carlos Carmelo, és um homem sem caráter. Todos os bons brasileiros te repudiam.

Tiveste a coragem de receber dos cofres públicos de S. Paulo Cr\$ 200.000,00, para te enfiatares de Satã. E estás representando muito bem esse papel, no Brasil hodierno. Não o Brasil dos brasileiros, mas esse Brasil do VATICANO e do IMPERIALISMO AMERICANO, o Brasil desses políticos sujos que estão vendendo a nossa Pátria. Carlos Carmelo, estás pregando no deserto. O povo brasileiro perdeu toda a confiança em ti, nos teus companheiros e nos teus asseclas.

Quanto mais alertares o povo, para que não frequente as IGREJAS NACIONAIS, mais repletas elas estarão.

O teu ódio, Carlos Carmelo, á Igreja Nacional, é a melhor bênção de Deus sobre ela.

Breve, com a graça de Deus, nos defrontaremos, para a felicidade do Brasil.

Carlos Carmelo, analisemos, agora, a segunda parte do teu Edital de 3 de Junho de 1951:

Dizes que "as chamadas Igrejas Nacionais" merecem a desconfiança do mundo civilizado, manifestas, como são, as ligações que as conduzem ao Partido Comunista Internacional.

Tu, Carlos Carmelo, deves provar quais sejam essas ligações. Pelos seus Estatutos, a Igreja Brasileira nada tem de comunismo. Seu chefe, o "Carlos Duarte", não está inscrito no Partido Comunista, nem nunca entrou em uma célula comunista. Teve o "Carlos Duarte" a grande honra de prefaciar o livro "O PODER SOVIÉTICO", do Rev. HEWLETT JOHNSON, Deão de Canterbury, o livro que conseguiu afastar dos espíritos a nefasta propaganda fascista (a tua propaganda, Carlos Carmelo) que apontava a Rússia como Nação sanguinária, incutindo pavor aos cristãos, o livro que abriu arcos triunfais, por onde passariam um dia seus exércitos na conquista das riquezas de um país que soube ser forte na adversidade.

Esse livro, Cardinal Satã, será o teu tormento, durante toda a tua vida e no mundo do além-túmulo.

Pérfido Cardinal, retira essa expressão "famigerado", no sentido pejorativo em que tu a empregas.

Quem es tu, Carlos Carmelo, que capacidade tu tens, para dizeres que esse livre endossa erros políticos e sociais, que fariam a infelicidade do mundo?

Tu que só sabes a filosofia e a teologia (saberás mesmo?) medievais do truculento Tomaz de Aquino, lá podes falar em erros políticos e sociais?

Si eu te perguntasse, Cardinal Satã, quantas escolas socialistas existem, tu me responderias? Não saberias responder. Digo-te isso, porque conheço a tua força e a tua capacidade intelectual. Tu não passas de um trapaceiro. E tua vergonha é tão pouca, que pertencendo, como pertences, ao Partido Internacional do Imperialismo do Vaticano, ainda vens falar em Partido Comunista Internacional? Tu endossas a doutrina materialista do fracassado capitalismo, escravizador das consciências, corruptor dos costumes cristãos. Já o "papa" Honório III, em 1220, dizia: "O amor ao ouro foi sempre o escândalo e o opróbio da "Santa Sé". Quem não oferece dinheiro ou dá presentes nada obtem de Roma". E Adriano VI, em 1552, dizia: "A corrupção se estendeu da cabeça aos membros, do papa aos prelados; temos todos descarrilhado: não há um só que tenha praticado o Bem, nem um só!"

Cardinal Satã, o povo brasileiro está tomando conhecimento dos crimes praticados por aqueles que se dizem "infalíveis", por isso não se admira dos crimes, que tu, por ordem do teu chefe, vens praticando, no Brasil, contra os "Comunistas", em Santos, na alta Sorocabana e em todo o Estado de S. Paulo, servindo-te, como tu te serviste, até pouco tempo, daquele que "excomungaste" e depois se aliou a ti, no



Dom Luiz passeia na Ilha "El Gran Roque"



Dom Luiz celebrando missa no exílio



massacre ao "SER HUMANO", á DIGNIDADE HUMANA", naqueles que tu desprezas, mas são filhos de Deus, os "COMUNISTAS". Como Joao XXII, quemando 114 "SERES HUMANOS", tu, em S. Paulo, e o Jaime Camara, no Rio, ambos se deliciam nas lutas sangrentas dos comcios comunistas, acabando todos eles com espancamento e mortes. Tu és um miseravel, Cardial Satã!

Os brasileiros sabem, Carlos Carmelo, que os seus inimigos piores são os Papas, os Cardiais, os Nuncios Apostolicos, os Bispos, os Padres, as Freiras, os governos aliados do Vaticano e do Imperialismo Americano, provocadores de guerras e revoluções, para que o Mundo continui sendo das "CASTAS".

Dize-me, Cardial Satã, que resolveu, até hoje, a "Enciclica Rerum Novarum", publicada, há sessenta anos? Nada e mais nada! Sessenta anos, Carlos Carmelo, não são sessenta dias!

Stalin, Carlos Carmelo, quer tu queiras, quer não queiras, é um dos maiores filósofos do Mundo Hodierno. E' o criador do Socialismo, denominado "Stalinismo". Diz ele: "A história da humanidade passou por três grandes etapas: o matriarcado, o patriarcado e o secretariado".

O Secretariado, a começar da célula e comitê até o Politburo, é um novo aspecto do espirito que surge da transformação econômica, na União Soviética, onde não é possível acumular riquezas, sem a neutralização da humana apetência da riqueza. As potências ocidentais fingem não compreender isso, que não passa de um simples prejuizo burgues.

A criação de um sistema, que desarticulou o padrão de vida monetária da civilização burguesa, aplicado até aos valores morais e subjetivos, deve registrar-se como uma contribuição para o bem-estar da Humanidade.

O servilismo, mantido pela cupidéz de retribuições monetárias, desapareceu e novo progresso espiritual foi registrado, como acabamos de presenciar na última guerra.

O fascismo do Vaticano e do Imperialismo Americano, na defesa dos latifúndios e dos altos interesses capitalistas, prega a sujeição incondicional do individuo ao Estado, ao passo que a Rússia Soviética, comparando a personalidade individual com a personalidade coletiva, estimula a personalidade dentro do marco da coletividade, partindo do bem-estar da comunidade para

o bem-estar individual, sem destruir a personalidade. Dêste modo, a União Soviética abre grandes possibilidades de cultura, a mais vasta, ás massas.

Partindo a Rússia Soviética do bem-estar coletivo para o individual, pratica a verdadeira democracia, concedendo ampla liberdade de pensamento ás massas, não acontecendo isto no mundo capitalista, onde tanto mais poderosa é a organização, tanto mais reduzida é a liberdade, embora com garantias, e reduzida pela coerção financeira imposta e pela vigilância na sua observância.

A opressão do capitalismo osmaga as reservas espirituais das massas.

Assim, nos regimens capitalistas (Vaticano e Imperialismo Americano), existe a liberdade para poucos (os capitalistas), e a opressão para a quasi totalidade da Humanidade (as massas). De onde se deduz que a reforma agrária, dentro da "Rerum Novarum", é a continuação desse estado de coisas.

Dentro dos conceitos emitidos, Cardial Satã, a Humanidade se curva diante do saber desse grande condutor de massas, que se chama Joseph Stalin.

Apesar do grande saber de Stalin, Carlos Carmelo, a Igreja Brasileira tem a sua sociologia, seu sistema econômico, firmado nas leis eternas, que regem os bens da natureza. E' esse sistema econômico que está no meu prefácio do livro "O PODER SOVIÉTICO" e que, sendo a tua inteligência tão curta, não compreendes. A Igreja Brasileira tem a sua filosofia e a sua teologia. Dia a dia se distancia do VATICANO.

Cardial Satã, tu dizes ainda: "Si o Partido Comunista está fora da lei, razão não há para que o Brasil cooneste seitas catolicas livres e infiéis".

O Partido Comunista foi posto fora da lei, mas não esta fora da lei.

A lei que vigora é a CARTA DO ATLANTICO, é o TRATADO DE WASHINGTON, tendo o Governo Brasileiro desrespeitado a CARTA DO ATLANTICO e o TRATADO DE WASHINGTON, pelos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário, a lei do fechamento do Partido Comunista é uma lei que



Capela onde celebrava missa Dom Luiz, quando preso, na Ilha "El Gran Roque"

nada vale. O Congresso não pode cassar mandatos. Posto isto, o crime contra a Constituição Brasileira, que tu pretendes cometer, colocando a Igreja Nacional fora da lei, é um crime que te custará bem caro. Experimenta.

Acabo de chegar do Triângulo Mineiro e de Goiás.

Verifiquei, in loco, a situação da Igreja Nacional e a situação do Vaticano.

Estou ao par de todos os crimes, que vem cometendo contra a Pátria o Vaticano, em território nacional.

Experimenta, Cardinal Satã, a luta entre as duas Igrejas e verás onde tu vais parar.

O povo sabe que os padres americanos não passam de agentes de polícia do Vaticano e de Truman. Usam batina na Igreja e fora andam com o distintivo de policiais. Sabe, também, que eles tem estações clandestinas de rádio. Sabe que andam armados e manejam metralhadoras. Sabe que o arcebispo de Goiás vendeu as principais paróquias aos americanos. Tudo isso e mais alguma coisa o povo está sabendo. E agora comete o crime, que estás premeditando, Cardinal Satã, contra o art. 141 § 7º e 8º da nossa Constituição. Esse crime tu quiseste praticar, em 8 de Agosto de 1945, em requerimento ao Dr. Agamenon Magalhães, Ministro da Justiça do ditador Getúlio Vargas.



Dom Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá, e a Embaixatriz Neves da Fontoura, Presidente do Congresso Católico Interamericano de educação, convidam o Presidente Vargas para a presidência de honra, que, desvanecido, aceita...



rio da anistia, concedida, pelo ditador Vargas, aos presos políticos, e em desagravo ao Senador Luiz Carlos Prestes contra a atitude da imprensa reacionária, a serviço, então como hoje, do VATICANO e do IMPERIALISMO Americano. Esboçava-se então tudo quanto está se passando hoje. Havia dito o Senador Carioca que, numa guerra provocada pelo Capitalismo, o povo brasileiro não deveria tomar parte, por ser um desrespeito a PESSOA HUMANA. Aí está o caso da Coréia. Vai, Cardinal Satã, defender os teus interesses, que são os interesses do teu chefe e do Imperialismo Americano. O povo brasileiro lá não vai, apesar da traição tua e dos homens de governo passado e do atual. Aqueles que foram contra o Senador Carioca devem agora pegar em armas, não para defender o Brasil, mas sim, os interesses próprios.

Entre os anestesiados estava eu, Cardinal Satã, preso a teu pedido, em 1944, por ordem do Vaticano, dada ao ditador Vargas, que leu o meu prefácio ao livro o "Poder Soviético", antes de ser publicado, achou-o bom e mandou fosse divulgado. O Getúlio que permitiu fosse divulgado o meu prefácio, foi o Getúlio que, em 29 de Agosto de 1925, disse: "Quanto à emenda número dez, estipulando que a Igreja Católica (romana), é da quasi totalidade do povo brasileiro, acho em primeiro lugar essa afirmação muito contestável. Para que uma pessoa se diga católica (romana), é preciso que conheça a doutrina, aceite os seus dogmas e a pratique. Nessas condições há uma ELITE, uma minoria selecionada. A alta sociedade adota um catolicismo um tanto cético e elegante, e a grande massa ignara

Tu dizes nesse documento: "E', pois, esta, Sr. Ministro, para requerer a V. Excia. se digne ordenar as urgentes providências, que forem julgadas adequadas, a fim de que cessem as atividades do Sr. D. Carlos Duarte Costa e proibido o funcionamento da Igreja Brasileira". Este teu requerimento, Carlos Carmelo, colide com o art. 141 § 8, que diz: "Por motivo de convicção religiosa, filosofica ou politica, ninguém será privado de nenhum dos seus direitos". Assim reza a nossa Carta Magna. E' preciso que faças uma Constituição a teu jeito, para que "cessem as atividades do Sr. D. Carlos Duarte Costa e proibido o funcionamento da Igreja Brasileira".

Carlos Carmelo, tendo a Igreja Romana, no Brasil, perdido as eleições de 3 de Outubro de 1950, tu não tens vergonha de falar que "O Brasil cooneste seitas católicas livres e infiéis"? Quem és tu para falares, em nome do Brasil?

No teu Edital ainda tocas nos comícios "Comunistas" assistidos, por mim. Na ocasião do comício do S. Januário, eu ainda era bispo romano, por que o teu chefe não me suspendeu? A situação internacional era favorável aos comunistas, derrotando, como estava, a Rússia Soviética os teus companheiros fascistas Hitler e Mussolini, essa a razão. A Igreja Romana curva-se diante de qualquer situação, como já se curvou perante os governos comunistas da Polónia, Hungria e Checoslováquia e, amanhã, se curvará diante de Luiz Carlos Prestes. E' a Igreja de tôdas as épocas, porque se amolda aos governantes de todos os tempos.

Si eu sou comunista porque assisti a êsse comício, comunistas eram os homens de governo, comunistas os embaixadores de tôdas as repúblicas americanas e comunistas todos aqueles que ali compareceram, a título de curiosidade.

O outro comício foi o de 2º de Abril de 1946, promovido pelas forças interessadas na democratização do país, solenizando o primeiro aniversá-



está na fase fetichista da adoração de santos com várias especialidades milagreas". Esse Getúlio, hoje, desdizendo-se, é o Getúlio, que voltou ao poder, por ter ainda reminiscências de ter proferido essa frase, daí a sua vitória, nas eleições de 3 de Outubro de 1950. Empossado, está ele de mãos dadas com o Vaticano, por ser o Vaticano aliado do Imperialismo Americano. E assim este segundo governo de Getúlio é continuação do governo clerical Dutra.

Além de ser eu um dos anistiados, fui prestar minha homenagem de brasileiro a um brasileiro digno, cujo talento, ninguém pode negar, eu admiro. Além disso, Luiz Carlos Prestes é um dos poucos homens públicos, digno do nosso respeito, por ser um homem de caráter.

Agora, Cardial Satã, deves ir gozar da companhia, lá no "Inferno", de um dos teus chefes,

Bonifácio VIII, que escreveu o seguinte: "Que Deus me faça somente o bem neste mundo; pouco me importa a outra vida! Os homens têm alma semelhante a dos animais; uma é tão mortal como a outra. O evangelho ensina mais mentiras do que verdades. O parto da Virgem é um absurdo; a encarnação do Filho de Deus é ridícula e o dogma da transubstanciação é uma tolice! São incalculáveis as somas de dinheiro que a fábula do Cristo tem produzido aos padres. As religiões são criadas por ambiciosos para enganarem os homens. E' necessário que os eclesiásticos falem ao povo, mas não tenham as mesmas crenças que êle. E' tão grande pecado o entregar-se a gente á voluptuosidade com uma rapariga ou com um rapaz, como esfregar as mãos uma na outra. E' necessário que a Igreja venda tudo quanto os simplórios querem comprar".

E no caso dêste ódio que consagras aos comunistas, eu te digo, Cardial Satã, com o "papa" Paulo V: "Em nome de Cristo (carta ao rei Carlos IX, da França), nós vos ordenamos que mandeis enforcar ou decapitar os prisioneiros que fizestes, sem consideração alguma pelo saber, pela categoria, pelo sexo ou pela idade, sem dó, nem compaixão (presos protestantes)... O holocausto mais agradável a Deus é o sangue dos inimigos da Religião Católica Romana; fazei-o correr em ondas sobre o altar!"... E assim foi feito. E é isso que tu queres fazer comigo, com os comunistas e com todos os inimigos da "Santa Madre Igreja". Tolo que tu és! Não vês que as épocas são outras?

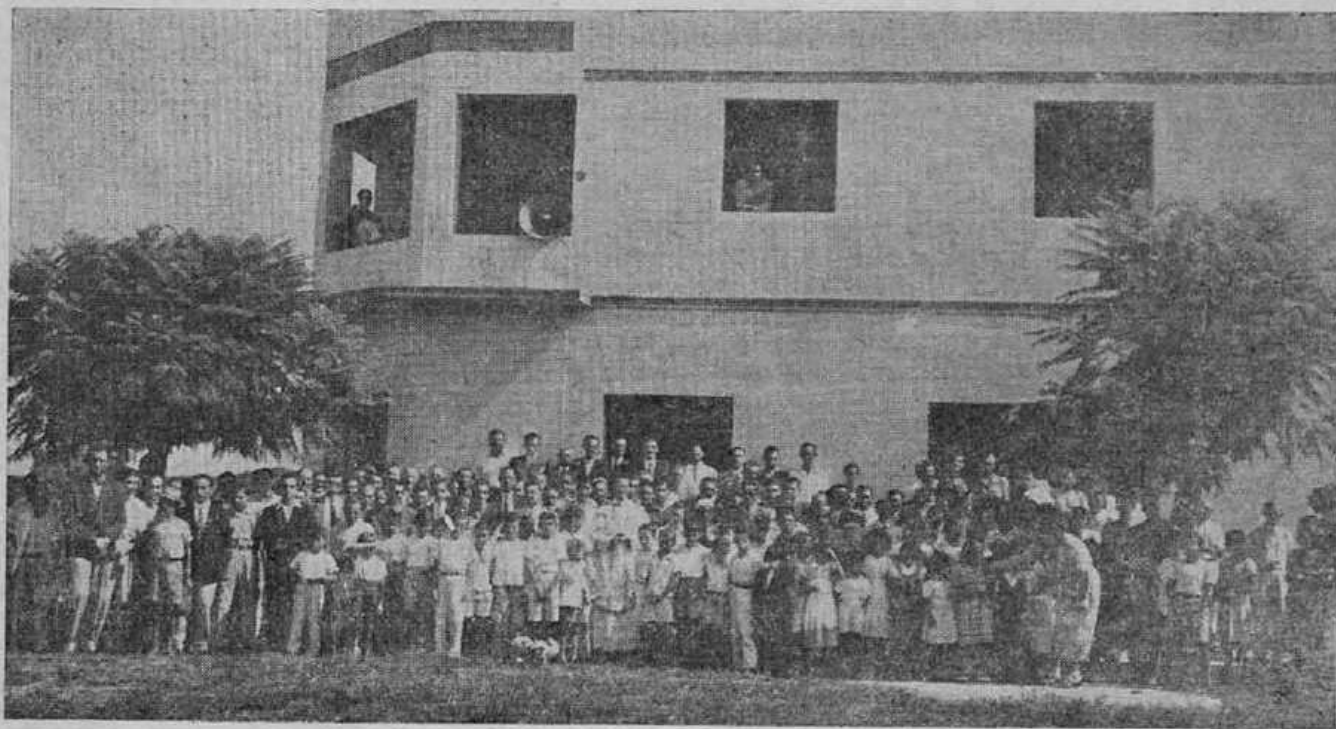
Quero merecer de ti um grande favor: Agradece, por mim, ao teu chefe, mais uma bênção que dêle recebi, enviando-me a "excomunhão", criada, por êle, para mim e todos os bispos sagrados por mim...

Cardial Satã: VALE.

Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1951

† Carlos Duarte Costa

Bispo do Rio de Janeiro



Primeira missa, em Pires do Rio, Goiaz

"Specialíssimo Modo"

Escreve: † Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, cidadão do Estado do Vaticano, subdito do Império do Vaticano, legislando em país estrangeiro, e Brasil, houve por bem, em 3 de Junho do corrente ano, dia, diz êle, da beatificação do Monarca Pio X, conspirando contra o bem-estar e a felicidade do povo brasileiro e incitando-o contra um cidadão brasileiro, amparado pela Constituição do seu país, no Art. 141 §§ 7 e 8, além do § 5, subvertedor da ordem pública e social, estabelecendo preconceitos de raça e de classe, pregando o regime capitalista, pela Encíclica "Rerum Novarum", defensora do feudalismo, que trata barbaramente os brasileiros, tornando-os escravos do Império do Vaticano e do Dolar Americano, seu aliado, revivendo a história do massacre de índios e da raça preta: declarar-me EXCOMUNGADO SPECIALÍSSIMO MODO.

Esquece-se Carlos Carmelo, executando ordens do Tribunal da Inquisição, tal é a Congregação do Santo Ofício, por êle citada, e que traz a "SPECIALÍSSIMO MODO", que eu, dizem os jornais de 6 de Julho de 1945 e o Boletim da Arquidiocese do Rio de Janeiro, já havia sido "excomungado", "SPECIALÍSSIMO MODO", Leia, Sr. Carlos Carmelo, o Can. 2343 § 1, n.º 1.º Por êsse Can., declarado, como eu fui VITANDO, eu já estava excomungado "SPECIALÍSSIMO MODO". Deixe de estar enganando o povo. Estão, para mim, esgotadas tôdas as excomunhões, em seu largo repertório. Nada mais o seu Monarca tem que haver comigo, nem eu com êle, para felicidade minha. Nós não estamos mais na idade média, quando se humilhava o SFR HUMANO de um sacerdote, de um bispo, pela cerimônia da DEGRADAÇÃO. Venha degradar-me isto é, venha reduzir-me ao estado leigo, no qual eu já estou, como cidadão brasileiro. não trocando essa cidadania por privilégios de CASTA SACERDOTAL. Eu posso ufanar-me de ser CIDADÃO BRASILEIRO e o Sr. Carlos Carmelo não, porque põe a CASTA SACERDOTAL, com o seu direito canônico, acima das leis que regem e governam o Brasil. Eu sou brasileiro e Carlos Carmelo não é, porque está sujeito às leis de um Monarca estrangeiro.

Esse "SPECIALÍSSIMO MODO" que veio à tona, agora, é para provocar o povo contra mim e os bispos sagrados por mim.

Carlos Carmelo, o povo brasileiro já não quer saber mais da IGREJA ROMANA. E' brasileiro e não romano. Eis aí, as eleições de 3 de Outubro de 1950!

Esse "SPECIALÍSSIMO MODO", Carlos Carmelo, vem demonstrar que o Vaticano, a serviço do seu aliado, o Imperialismo Americano, quer agitar a opinião pública brasileira, com a questão religiosa, mas é inútil, porque o Vaticano está podre. Do seu lado estão os traidores da Pátria, exclusivamente. Fique o povo brasileiro sabendo que está sendo chamado, pelo Sr. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota (Carmelo, como é

apelidado em S. Paulo) a se pronunciar ou a favor do Vaticano ou a favor da Igreja Nacional.

O Sr. Carlos Carmelo, astuto, como "hom jesuita", conseguiu iludir o Governo de São Paulo, que, pela Secretaria de Segurança Pública, aproveitando-se do Secretário, seu colega de Integralismo, às ordens de Plínio Salgado, publicou uma Nota, proibindo o culto externo da Igreja Brasileira, no Estado de S. Paulo. Essa Nota é capciosa e anticonstitucional. Capciosa porque não chega a tanto a autoridade do Secretário de Segurança Pública, visando com ela intimidar o povo, tão somente. Anticonstitucional, porque o Art. 31, III, da Constituição da República reza: "A União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios é VEDADO: Ter relação de aliança ou dependência com qualquer culto ou igreja". Saibam os brasileiros que o Sr. Carlos Carmelo, para manobrar o Governo de S. Paulo a sua vontade nomeou Chanceler do Arcebispado um irmão do Governador Lucas Nogueira Garcez, que tem, também, pelo menos, uma irmã freira. A família, pois, do Governador de S. Paulo é autenticamente "romana" e esteja alerta com o seu Governador o povo de S. Paulo.

Essa Nota do Secretário da Segurança Pública não tem valor, por ter se pronunciado a respeito o subprocurador da República, quando da questão do Mandado de Segurança, requerido, por mim, ao Tribunal de Recursos. Diz o Sr. Alceu Barbedo: "Dir-se-ia que o ato impugnado poderia apresentar retrocesso ao art. 6 da Constituição do Império, segundo o qual às outras religiões, além da Católica Romana, era assegurado, apenas, o culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo Nada menos certo, eis que não se cogita restringir, por qualquer forma, como ficou bem claro, a atividade da Igreja Católica Apostólica Brasileira, mas, tão somente, de impedir que ela use e pratique o culto pertencente a outro Credo Religioso".

Para que haja essa distinção, em modifiquei o rito e as vestes e ordens que, nas manifestações públicas externas, tais quais procissões, missas campais, etc., a Igreja Brasileira se apresenta com as vestes modificadas, e garantida com a bandeira própria da Igreja Católica Apostólica Brasileira que, num centro verde, representando as matas do Brasil, tem seu ESCUDO.

O Secretário de Segurança Pública diz que recebeu a Nota da Cúria Metropolitana de S. Paulo. Não me consta que a Cúria Metropolitana de S. Paulo esteja acima dos Tribunais do país, ditando leis ao Governo de S. Paulo, a quem cabe acatar as decisões da Justiça.

O Sr. Carlos Carmelo, em seu Edital, adverte aos "católicos romanos" que não lhes é permitido ter contacto com os bispos e sacerdotes da Igreja Católica Apostólica Brasileira, mas o Sr. Carlos Carmelo não pode se imiscuir no Governo da Igreja Brasileira, a qual se submeteu às decisões do Tribunal, modificando seu rito e suas

Igreja Católica Apostólica Brasileira "com as mesmas insignias, as mesmas vestes, enfim, o mesmo rito daquela".

! Onde está, Sr. Carlos Carmelo, a proibição do funcionamento da Igreja Católica Apostólica Brasileira, pelo Presidente da República, do Ministro da Justiça, do Chefe de Polícia, dos Tribunais? Deixe de ser mentiroso, explorador e aguçador da opinião pública.

Liz, ainda, em seu Edital, o Sr. Carlos Carmelo, que "por esse documento (despacho do Presidente da República), fundamentado nas razões do Exmo. Sr. Ministro da Justiça (acima transcritas), ficou patente que a Igreja Católica Apostólica Brasileira — como então se denominava para ilaquear os incautos" etc.

Diga-me, Sr. Carlos Carmelo, quando a Igreja Católica Apostólica Brasileira deixou de ter esse nome para se chamar "Igreja Católica Brasileira"? Eu, Sr. Carlos Carmelo, desconheço essa modificação de nome. Como adquiriu a personalidade jurídica, assim se denomina até hoje a IGREJA CATOLICA APOSTOLICA BRASILEIRA. Não me consta, a mim, que eu tenha entrado em Cartório, pedindo alteração no nome da Igreja Católica Apostólica Brasileira.

Em seu mentiroso Edital, subscrito pelo Secretário da Segurança Pública de S. Paulo, diz o Sr. Carlos Carmelo, para ilaquear os incautos (entre eles o Governador de S. Paulo, com o seu Secretário de Segurança Pública) que: "É público, igualmente, que o mandado de segurança impetrado pelo Sr. Carlos Duarte Costa, contra o despacho de S. Ex. o Sr. Presidente da República, foi indeferido (não é este, Sr. Carlos Carmelo, o termo jurídico) por maioria de votos, pelo Supremo Tribunal Federal (Cf. "Acórdão", de 17 de novembro de 1949)."

O Supremo Tribunal Federal denegou o Mandado de Segurança, requerido, por mim, para que me fosse garantido e aos sacerdotes da Igreja Católica Apostólica Brasileira o direito líquido, certo e incontestável ao livre exercício do culto religioso; de serem reabertos ao público os templos da Igreja Católica Apostólica Brasileira; de ser reaberta à frequência dos seus alunos a Escola Nossa Senhora Menina, mantida pela Associação N. S. Menina, escola da qual eu sou o fundador e o representante legal em juízo e fora dele.

Quando o Supremo Tribunal Federal se manifestou, denegando o Mandado de Segurança, a Igreja Católica Apostólica Brasileira já tinha sido reaberta e a Escola N. S. Menina recomeçou a funcionar, em virtude do parecer do subprocurador da República, estribado, no parecer do Consultor Geral da República e no Ofício do Ministro da Justiça ao Chefe de Polícia do Distrito Federal, acima transcrito, ficando o direito líquido, certo e incontestável ao livre exercício do culto, pela mudança do rito e vestes, garantido. A Igreja Católica Apostólica Brasileira havia, assim, se submetido às autoridades do país e aos Tribunais, embora tanto as autoridades, como os Tribunais, tivessem tomado partido ao lado da "Igreja Romana", Igreja estrangeira, para prejudicar a Igreja Nacional, e todos os homens de bom senso tivessem verificado que escapava às autoridades e aos Tribunais, competência para julgar uma causa tão sublime, como é essa, por ser do fóro íntimo da pessoa humana,



O Papa excomunga, novamente, o Bispo de Maura e todos os bispos sagrados, por êle, com a excomunhão "Specialissimo Modo", criada especialmente. Assim disse, em telegrama do Vaticano, "O ESTADO DE S. PAULO", de 18 de Maio de 1951



vestes, e prescrevendo como devem comparecer em público seus sacerdotes e seus adeptos. Aqueles que comparecem às procissões e as missas campais, estando tutelados pela Bandeira da Igreja Nacional, não são súbditos de Carlos Carmelo, mas sim do Bispo de Maura, que, para sua felicidade, foi expulso da "Igreja Romana", não tendo mais nada que ver com êle e com os adeptos de sua Igreja, os agentes internacionais do Império do Vaticano.

Mente o Sr. Carlos Carmelo, quando diz que a Igreja Católica Apostólica Brasileira foi proibida de funcionar na República, pelo despacho do Presidente da República, de 30 de Junho de 1948. O valor jurídico desse despacho do Presidente da República é, simplesmente o de aceitar a queixa formulada pelos Cardiais contra a Igreja Católica Apostólica Brasileira e ordenando que se manifestasse a respeito o Consultor Geral da República, para que a questão fosse submetida aos Tribunais, de vez que, nem o Presidente da República, nem o seu Ministro, nem o Chefe de Polícia, tinham autoridade, dentro da Constituição, para fazer cessar o culto religioso da Igreja Católica Apostólica Brasileira. Si a Polícia do Distrito Federal se manifestou foi acatando as determinações do Ministro da Justiça, que foram as seguintes: "Na oportunidade, devo ressaltar a V. Ex. (Chefe de Polícia) que não é intenção do Governo submeter os chefes ou fiéis daquela Igreja (Católica Apostólica Brasileira) a qualquer constrangimento em sua liberdade de crença, mas, apenas, como salientou o Consultor Geral da República, em seu parecer, assegurar a Igreja Católica Apostólica Romana, o livre exercício através de manifestações externas, quais procissões, missas campais, cerimônias em edifícios abertos ao público, etc., quando praticados pela

em suas relações com o SER DIVINO. E os Cardiais e o Governo e os Tribunais, não conseguiram o que pretendiam: FECHAR A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA.

Que argumentação é essa sua, Sr. Carlos Carmelo?

Si o Partido Comunista está fora da lei, o Brasil não pode coonestar o funcionamento da Igreja Católica Apostólica Brasileira. Que tem que ver a Igreja Católica Apostólica Brasileira com o Partido Comunista e outros Partidos da República? Nada, absolutamente, nada porque a Igreja Nacional não se imiscui em política, reconhecendo eu, como Pastor de almas, que devo estar completamente alheio á política, porque, como bispo, não posso e não devo dividir o meu rebanho. A Igreja Católica Apostólica Brasileira, assim agindo, só lhe compete respeitar o SER HUMANO, seja esse ser humano, filiado ao Partido Comunista ou a outro qualquer Partido. A questão do Partido Comunista é uma questão política e a questão, provocada, pelo Sr. Carlos Carmelo e o seu colega do Rio, é religiosa.

Fique lá com tôdas as citações do Direito Canônico, que não me interessam, nem a mim, nem aos católicos brasileiros, porque nós nos regemos, pela nossa Constituição e pelo Código Civil Brasileiro.

E assim, Sr. Carlos Carmelo, mais uma vez, não foram "cessadas as atividades do Sr. Carlos Duarte Costa e proibido o funcionamento da Igreja Brasileira", conforme seu desejo e do seu colega do Rio de Janeiro, o Sr. Jaime de Barros de Câmara.

A resposta do resto do seu Edital, leia em outra parte desta revista, *O Bispo de Maura responde ao Cardial de S. Paulo*.

Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1951.

Fraternizemos!

Aos amigos da ICAE.

Coletivismo,
Socialismo,
Cristianismo,
Traços de união... Marcos da Evolução...
Estradas... Rumos... Caminhos...
Sigamos, pois, Irmãos meus!
Não nos tornemos mesquinhos...
Crentes!
Agnósticos!
Ateus!

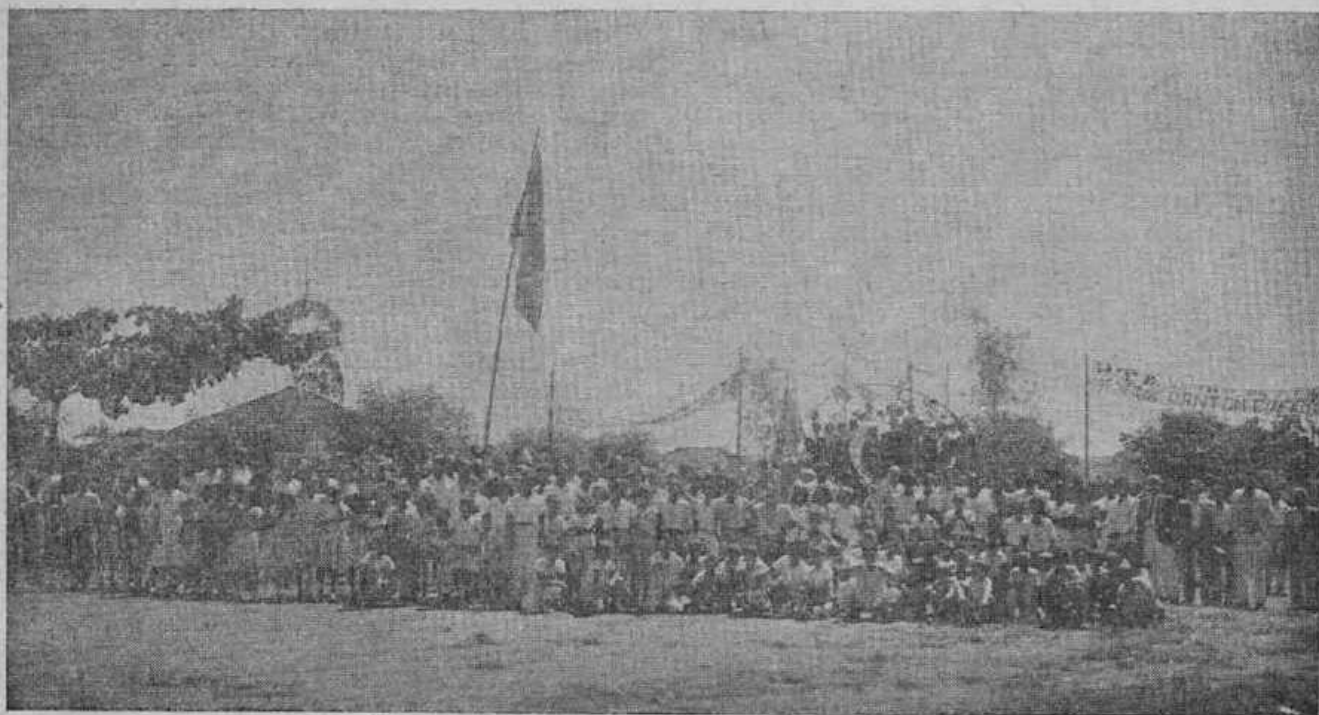
FRATERNIZEMOS!

Demos, de alma e coração,
Dia a dia um passo avante!
Passemos do verbo á ação!
Amemos os desgraçados!
Sejam gregos ou judeus!

.....
Quem ama sem distinção..
Quem ama a todo que sofre,
Tem mais que ouro e prata em cofre...
TEM O ETERNO AMOR!
TEM DEUS!!!

São Paulo.

Mansel Bezerra



Missa Campal, em Pires do Rio, Goiaz, no dia 1° de Maio de 1951

O BISPO DE MAURA CHAMA, AOS TRIBUNAIS, O CARDIAL DE S. PAULO, POR INJÚRIAS CONTRA ÊLE E A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA

Por público instrumento de procuração, passado em Cartório do 15º Offício de Notas, da cidade do Rio de Janeiro, do Tabelião Hugo Ramos, Av. Graça Aranha, 351, em 14 de Julho de 1951, S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro, nomeou seu bastante procurador o Dr. FIDELIS TINOCO SANCHES, a fim de promover a responsabilidade civil e criminal do Cardinal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Arcebispo Metropolitano de S. Paulo, pelas injúrias assacadas contra êle, pessoalmente e a Igreja Católica Apostólica Brasileira, em seu Edital de 3 de Junho de 1951.

Deverá o Cardinal de S. Paulo provar, em Juízo, o seguinte:

a) A Igreja Católica Apostólica Brasileira esteja funcionando na Arquidiocese de S. Paulo e no Estado de S. Paulo;

b) A Igreja Católica Apostólica Brasileira — “como então se denominava para ilaquear os incautos” — tenha passado a denominar-se “Igreja Católica Brasileira”;

c) “Manifestas, como são, as ligações subterrâneas” com o “Partido Comunista Internacional”, a Igreja Católica Apostólica Brasileira, pelos seus Estatutos e pela sua vida em sociedade, tenha ligações abertas ou “subterrâneas” com o Partido Comunista;

d) O “ex-bispo de Maura”, prefaciando “o famigerado” livro do Deão “Vermelho”, tenha endossado “erros político-sociais que fariam a infelicidade do mundo, se um dia fossem colocados em prática”;

e) O prefácio do “ex-bispo de Maura” ao livro “O Poder Soviético” não tenha sido visto e aprovado pelo Exmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, antes de ser publicado;

f) A doutrina apresentada, pelo “ex-bispo de Maura”, no prefácio ao livro “O Poder Soviético”, não seja genuinamente cristã;

g) O fato do “ex-bispo de Maura” ter comparecido ao comício do S. Januário e, posteriormente, ao do dia 22 de abril de 1946, promovido pelas forças interessadas na democratização do país, seja suficiente para se tirar a ilação de ser o “ex-bispo de Maura” comunista e a Igreja Católica Apostólica Brasileira simpatizante do comunismo;

h) Si pelo comparecimento ao comício do S. Januário o “ex-bispo de Maura” é taxado de comunista,

por que o Papa não o suspendeu nessa ocasião, sendo êle ainda bispo romano?

i) Naturalmente, porque o “ex-bispo de Maura”, com o consentimento do Exmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, havia alertado o povo brasileiro, pela participação do clero romano e das freiras no afundamento dos nossos navios, denunciando-os como traidores da Pátria;

j) Em que célula está inscrito o “ex-bispo de Maura” como comunista e com que elementos do Partido Comunista esteja êle em contacto?

k) Qual a ligação de um Partido Político com uma organização religiosa, pelos seus Estatutos e pela sua vida em sociedade, para que tire a conclusão de, posto “fora da lei” o Partido Comunista, o “Brasil não cohoneste” a sobrevivência da Igreja Católica Apostólica Brasileira, sociedade civil-religiosa?

l) O despacho do Exmo. Sr. Presidente da República, aceitando a queixa do Cardinal do Rio e de S. Paulo, datado em 30 de Junho de 1948, tenha o valor jurídico de proibir o livre exercício de funções religiosas públicas, praticadas pela Igreja Católica Apostólica Brasileira. Não seria isso colocar o Presidente da República contra a Constituição, no art. 141 § 7, quando o Supremo Tribunal Federal, denegando o Mandado de Segurança, requerido, pelo “ex-bispo de Maura”, decidiu por maioria de votos, que o Exmo. Sr. Presidente da República não havia infringido a Constituição?

m) O Ministro da Justiça, na época, tenha pretendido submeter o “ex-bispo de Maura e fiéis da Igreja Católica Apostólica Brasileira a qualquer constrangimento em sua liberdade de crença ou sómente tenha querido assegurar á Igreja Católica Apostólica Romana o livre exercício de seu culto público, quando a Igreja Católica Apostólica Brasileira compareça com as mesmas insignias, as mesmas vestes, enfim, o mesmo rito daquela;

n) O “ex-bispo de Maura”, por documento público, não tenha se submetido ás determinações do Ministro da Justiça e do Supremo Tribunal Federal, mudando o rito e as vestes da Igreja Católica Apostólica Brasileira e determinando que, em público compareça com a sua bandeira, para que haja distinção entre a Igreja Católica Apostólica Brasileira e a Igreja Católica Romana.



O Revdo. Padre Dr. Francisco Alves Corrêa, celebrando a festa do Congado, em Dôres de Indaiá

O PAPA NEGRO

Escreve: Ernesto Mezzabotta

PRIMEIRA PARTE

O REI CAVALEIRO

(Continuação)

Capítulo XV

GALANTEIOS DO REI

Enquanto tão negra trama se urdia contra Francisco I, o Rei Cavaleiro; enquanto os diferentes partidos disputavam entre si o trono, chegando mesmo algum a conspirar contra a vida do rei, guiado pelo próprio filho do monarca, vejamos o que fazia o voluptuoso rei, que, mais que qualquer outro soberano, gozou as delícias do mando supremo, e que pôde exclaimar ao morrer.

— Vi e gozei quanto há de bom no mundo!

O rei, segundo o seu costume, descurava os negócios do Estado pelas artes e pelas mulheres.

Posto que a bela Diana ocupasse o primeiro lugar no coração do monarca, ainda assim este não desprezava as aventuras menos ruidosas, mas nem por isso menos apreciáveis.

A chama que naquele momento ardia mais viva no coração do príncipe libertino era ateadada pelos olhos de uma bonita burguesa, a *Arnaudina*, que fazia andar á roda as cabeças de todos os caixeiros e de todos os escriptorários de advogados da cidade.

A Arnaudina era a bela esposa de um ourives calvo e dos seus cinquenta anos, muito ciumento, mas não tanto que atrevesse a contrariar os amores de Sua Majestade, apesar de ter conhecimento dêles. Naqueles ditos tempos, um marido que se atrevesse a mostrar-se zeloso da sua cara metade, quando sobre esta caísse o benigno olhar do rei, tinha o seu quarto pronto e preparado na Bastilha, uma prisão donde era frequente saírem os mortos, mas os vivos raras vezes.

Esta paixãozinha do rei não era ignorada por Diana, mas a condessa parecia-se nisso com tôdas as favoritas, que conservam o poder por muito tempo, e Diana, bem longe de fazer ao rei cenas de ciúmes, arranjava tracas de lhe facilitar as entrevistas com o seu temporario ídolo. Dêste modo, a condessa conseguira ocupar junto do soberano quase a posição de uma espôsa legítima e respeitada, á qual se pode enganar, mas á qual se torna sempre com dobrada dedicação, e com o desejo de obter o perdão, desejo que acompanha a consciência das faltas cometidas.

Francisco patenteava nestas aventuras todo o seu gênio leviano, que o distinguiu em vida, e que foi grande motivo de vaidade para êle e de ruína para a nação.

No trono, onde só devia manifestar altos designios e uma atividade infatigável, não provara aquêlê príncipe senão um gênio envaldecido pelos costumes cavaleirescos e o desejo imoderado de dar de falar de si. Ao principio procurava triun-

far pelas vitórias, mas aquella sua vontade bem depressa lhe cortaram os vãos os generais de Carlos V.

Então, vencido, arruinado, não podendo impôr á Europa os caprichos do seu orgulho, o rei entregara-se completamente ás satisfações pessoais do seu gênio aventureiro. O amor e as lutas ocupavam-lhe o tempo, que não lhe chegava para os negócios do Estado, e aquêlê príncipe, que não pudera cruzar a sua espada com a do imperador Carlos V — que era homem de bastante bom senso para não aceitar um duelo — andava á noite pelas ruas de Paris, correndo atrás das raparigas, e batendo-se com os ladrões, com os aventureiros, com os namorados, que era a única gente que, naqueles tempos de pouquíssima segurança, ousava andar pelas ruas depois do pôr do sol e do toque de apagar luzes.

E' também justo dizer-se que numerosos casos succedidos nestas correrias noturnas explicavam, se não justificavam, a mania do rei. Francisco era um verdadeiro gigante e, mesmo fora do círculo adulador dos seus cortesões, era considerado, com justo motivo como um homem mais forte, mais valente e mais audaz do seu reino. Contavam-se dêlê casos extraordinários que indicavam que misto de loucura e de generosidade era aquêlê rei, que então presidia aos destinos da França.

Assim, por exemplo, uma noite tinha êle encontrado uma dessas desgraçadas raparigas, que os franceses daquele tempo chamavam *filles de joie*. Aquella desgraçada, que procurava quem lhe matasse a fome, tinha encontrado uns vadios que queriam que ela fosse com êles e, como ella recusasse, espancaram-na brutalmente.

Francisco, apesar de ser só a bater-se com três bandidos bem armados e valentes, atirou-se a êles, atravessou um do peito ás costas com a sua adaga de Milão, que Benevenuto Cellini em pessoa lhe tinha temperado e cinzelado; matou o outro com um murro que lhe despedaçou o crânio, e entregou o terceiro á policia que, por verdadeiro milagre, estava próxima do lugar da luta.

Quando o preso soube com quem tinha sido a briga, e se lembrou de que no calor da luta tinha dado alguns sócos e vibrado algumas estocadas á sagrada pessoa de S. Majestade, invejou a sorte dos seus dois companheiros mortos na luta, porque a tortura, o potro e o esquarteramento eram delicias que não faltavam a quem, mesmo sem o conhecer, tivesse posto mãos no rei. Mas Francisco tomou outra resolução: por autorização do monarca foi concedida vida ao bandido, mas êste teve de castar-se com a rapariga de costumes livres. á qual o rei dotou com grande liberalidade dispensando-lhe a sua real proteção.

Esta familia assim formada por um estranho caso, teve sorte muito próspera. Vinte e cinco anos depois, as comadres do bairro da cidade, quando repetiam aquella história, apontavam

umas às outras um belo mocetão, capitão de arcabuzeiros do rei, que era filho dos dois esposos tão estravagantemente casados. No capitão era frisantíssima a semelhança com Francisco I, o que concordava perfeitamente com o caráter e com as extravagâncias do rei cavaleiro.

Assim, o príncipe sozinho, modestamente vestido de sarja escura, por baixo da qual levava a forte armadura que o cobria completamente, dirigia-se uma noite para a casa de Arnaudina. Esta, que fôra prevenida da visita, pusera uma luz no peitoril da janela e estava esperando.

Era uma fresca e encantadora mulherzinha, com dois olhos de fogo e a boca sempre a sorrir, deixando ver duas filas de dentinhos preciosos.

O rei, que gostava de fazer madrigais, chamava aquela boca deliciosa o seu escriptorio de pérolas.

A Arnaudina agradava ao rei principalmente pelo seu inalterável bom humor, pelas francas risadas que a cada instante ela soltava, e pela simpleza das suas palavras e do seu amor.

Ela nunca lhe falava nos negócios do Estado; nunca lhe pedia nada, e mostrava-se zangada quando o rei, com a satisfação de um tio que comprou um brinquedo novo para a sobrinha, lhe oferecia um colar de pérolas, ou um precioso anel, ou mesmo os títulos de propriedade umas terras. Assim, a esperta amante ia-se tornando riquíssima, e isso sem dar lugar àquelas terríveis invejas, que causam muitas vezes a desgraça das favoritas.

A Arnaudina estava vestida o mais provocantemente que era possível. Tinha um vestidinho branco, apertado por um cinto de sêda, que lhe fôra dado pelo rei: das mangas saíam-lhe os braços brancos e roliços, e o decote deixava ver os ombros e o peito, dignos de serem esculpidos em mármore. Raríssimas damas da corte teriam podido permitir-se uma "toilette" tão simples, e talvez que só Diana, a Juno do rei, pudesse arriscar-se, como a Arnaudina, a descurar todos os artificios para embelezar a sua pessoa, já divinamente bela.

Na torre da Igreja próxima deram as nove horas.

A rapariga, que esperava havia já um pedaço, estendeu graciosamente os braços, dando um pequeno bocejo e cruzando-os depois sobre a cabeça, com todos os modos de uma pessoa que está aborrecida.

Vista naquela atitude, teria feito pecar o próprio taumaturgo Santo Antônio.

— Quanto tarda o meu senhor! — murmurou ela.

De repente a porta abriu-se, e então ela sorriu-se com ar de satisfação.

— És tu, meu belo senhor? — perguntou ela languidamente, e sem se voltar para a porta.

— Arnaudina, ouve-me! — respondeu uma voz breve e imperiosa.

Ela voltou-se então num grande sobressalto. Não fôra Francisco que entrara por aquela porta. Uma figura de mulher, alta, majestosa, coberta com um negro véu, estava no limiar.

Arnaudina, tóda assustada, curvou-se até o chão.

— A senhora condessa! — murmurou ela a tremer.

E lançou em roda um olhar, procurando alguma roupa com que cobrir a sua meia nudez.



Última missa celebrada, por Dom Luiz, antes da sua prisão, por ordem do Santo Officio, a Inquisição em pleno século XX



Diana viu aquêlo gesto e encolheu os ombros.

— Deixa-te estar, doida, — disse a condessa com um sorriso. — E' bom que o rei te encontre assim á vontade; estás muito bonita assim, e na verdade o meu real amigo é homem de bom gosto!

A Arnaudina, ainda não refeita do susto, aproximou-se da condessa.

— Minha senhora, — balbuciou ela — bem sabe que eu nunca me atrevera... é por ordem da senhora que...

— E quem te diz o contrario?... Preciso eu de recordar o que se passou? Tu és filha de uma familia de servos de meu pai; eu trouxe-te para Paris e arranjei-te um marido que excedia muito as tuas esperanças; depois fiz-te aproximar de Francisco que, segundo as minhas previsões, se apaixonou de ti. Tu, pela tua parte, tens sempre cumprido o nosso contrato...

— Oh, sim, minha senhora; juro-o. Nunca disse ao rei uma palavra sobre negócios do Estado... Não quero saber nada dessas coisas, e além disso...

— E além disso... tu amas o homem e não o rei. Querias dizer isto, não é verdade, rapariga?

— Sim, minha senhora! — respondeu Arnaudina, recobrando ânimo — e quando o aperto ao seio, parece-me que é um homem da minha condição e não o senhor das nossas vidas e dos nossos haveres.

— Bem, bem... Adivinhei completamente, quando dei aos caprichos de Francisco tão bela diversão. É nota, pequena, que o manter-se o nosso tratado é principalmente em teu interesse, porque eu sou diferente de ti: eu ocupo-me do soberano mais do que do homem, e no dia em que tu me servires de obstáculo... tenho a inquisição ás minhas ordens...

Arnaudina erguen as mãos suplicante. O terror tolhia-lhe a palavra.

— Portanto, obedece sempre, — continuou Diana — e lembra-te que eu tenho espias em tóda a parte e que não me escaparia uma palavra tua, nem um gesto...

— Mancai-me, senhora; — disse a pobre rapariga, com as lágrimas nos olhos — mandai-me e eu obedecerei.

— Ora! as minhas criens ser-te-ão agradáveis... Que esta noite Francisco fique contigo o mais tempo que fôr possível... que as tuas carícias o inebriem mais do que de costume...

— Assim farei, senhora.

— E se o rei por qualquer motivo se sentisse cansado aborrecido... com pouca vontade de continuar a divertir-se.

Diana tirou do bolso um pequeno frasco

Naqueles tempos ainda não se tinha generalizado o uso dos venenos de côrte: Catarina de Medicis ainda não pudera levar para a côrte de França a terrível doutrina dos seus avós e dos Borgias.

Contudo, a pobre mulher, á vista daquele frasco, não pôde reprimir um grito tão forte, que a condessa compreendeu quais fossem os seus terrores.

E pôs-se a rir, dizendo-lhe:

— Louca! A pessoa que em França tem mais interêsse que o rei Francisco viva, sou eu entendes?... Que êle morra, e eu ou serei desterrada, ou metida num convento... Mas eu sou uma doçura em estar a falar-te nestas coisas. O que este frasco contém é simplesmente um bálsamo restaurador; deitá-lo-ás na água em que o rei há-de lavar as mãos.

— E se o príncipe... não se sentir fraco?

— Deitarás também êste perfume na água. Isto é uma prevenção para ter a certeza de que o rei, depois de ter deixado, não irá procurar outros prazeres... Si se servir dêste perfume, sem outra mistura, tenho a certeza de que não irá...

A Arnaudina, si não lhe faltasse a coragem, teria feito ainda outras objeções, mas o terror que lhe inspirava a condessa era tal, que não se atreveu a dizer nada.

Naquele momento ouviu-se na rua um assobio prolongado.

— E' êle! — disse a rapariga cheia de inquietação — E' êle, minha senhora!

Diana encolheu os ombros.

— Aquí tens o frasco — disse ela rapidamente — Lembra-te do que te disse... e si te esqueceres... ai de ti!

Ao ouvir estas palavras, a Arnaudina ergueu a cabeça; mas era demasiado tarde: a fantástica aparição sumira-se, exatamente como si tivesse surtido do inferno e para lá tivesse voltado sem demora.

Arnaudina ainda não recobrou o sangue frio quando entrou Francisco.

— Boa noite, minha querida, — exclamou o monarca, imprimindo um beijo pouco paterno na espádua de Arnaudina — Pela salvação da minha alma! nunca te vi tão bela!... Si te vissem assim tôdas as damas da côrte, incluindo a orgulhosa Diana, de certo, morreriam de inveja!...

— Senhor!... peço-vos... — murmurou a amante, juntando as mãos em atitude suplicante.

Francisco, que tratava de desatar a couraça, repetiu a frase da Arnaudina:

— Senhor... peço-vos... Tu dizes isso, Arnaudina? Oh! O que é que assim transformou a minha bela namorada! Tu dantes não ousavas chamar-me *senhor*; eu era para ti simplesmente

Francisco, o pobre e enamorado cavaleiro Francisco.

— E o mesmo sois sempre, meu belo senhor! — disse a mulher do ourives, que mesmo grande terror a dominava, conseguiu recuperar a serenidade — Mas quando penso na inveja que a minha fortuna deve causar... porque, apesar da tua bondade para com a pobre Arnaudina, tu sempre és o rei de França...

— Ora, ao diabo o rei de França e a sua coroa! — exclamou alegremente Francisco, que nos atos officiaes usava o titulo de rei Cristianissimo. — Repito-te: aqui não está senão um cavaleiro enamorado da sua Arnaudina, e pronto a sustentar de espada em punho a primazia de beleza da sua dama. Queria que aqui estivessem tôdas as damas da côrte, para ouvirem proclamar que uma deliciosa burguesa as vence a tôdas em beleza e bondade.

— Mais baixo, senhor, mais baixo! — disse Arnaudina.

Esta recomendação, repetidas duas vezes, acabou por causar espanto e suspeitas a Francisco.

— E' já a segunda vez que me recomendas que fale baixo! — disse o monarca num tom áspero — Pode saber-se a razão disso?

— Mas... é que pode ouvir-nos alguém...

— Pela salvação da minha alma! — exclamou o rei, batendo um murro sôbre um móvel, que se partiu com a violência da pancada. — E quem poderia ouvir-nos? Talvez o duque de Montmorency, meu ministro; talvez a rainha, minha esposa, ou Diana, a minha favorita; eu considerá-los-ia bem atrevidos si se lembrassem de vir importunar-me nos meus gozos... Que venha alguém incomodar-nos, e juro-te que na praça de Gréve se erguerá um patibulo...

A Arnaudina contemploa com uma ternura misturada de orgulho aquêle homem, o mais belo o mais valoroso, o mais poderoso do reino — O rei franzira o sobrolho, e o olhar fulgurava-lhe. Francisco era verdadeiramente belo naqueles acessos de cólera, e o seu artista favorito, o grande Benevenuto Cellini tê-lo-ia de bom grado aproveitado para modêlo de uma estátua de Júpiter tonante.

— Perdoai-me, meu belo senhor... — disse a Arnaudina, que já não sabia onde estava. — Queria eu dizer que poderíamos perturbar o sono...

— De teu marido!... — interrompeu Francisco, com uma risada tão estridente que ressoou pela rua fora.

Com efeito, a idéia de que mestre Nicolau Arnaude, o ourives, pudesse aparecer com o clássico barrete de dormir a perturbar os passatempos do rei de França tinha tanto de inverossimel e burlesco, que a Arnaudina sentiu também vontade de rir e fêz côro com o seu real amante.

— Assim é que eu te quero! — disse o monarca apertando-a nos braços. — Quando ris, vejo os teus brancos dentinhos, verdadeiro escriptorio de pérola; o teu seio arfa, os teus ombros de marfim sacodem-se em frêmitos deliciosos... Minha querida, como és bela! e como o cavaleiro Francisco se sente mais ditoso do que o rei de França e do que todos os soberanos do mundo!

A MORTE DE UM SOBERANO

A Arnaudina, com o seu seio a arfar, os olhos úmidos, correspondia com ardor ás carícias do soberano. Como ella dissera a Diana, a Arnaudina amava o homem e não o rei, e nos braços d'ele esquecia de bom grado a sua condição de favorita subalterna, instrumento dos cálculos de Diana, e sempre sob o péso das suas mais terríveis vinganças.

Bem depressa deixaram de ouvir-se as palavras, não se sentindo senão os suspiros...

— Delicioso perfume é este, minha bella; — disse o soberano, lavando as mãos na água em que Arnaudina despejara o frasco que lhe dera a condessa — dir-se-ia que as mais perfumadas flores que desabrocham sob o bello céu da Itália, prestaram o seu delicioso aroma a esta água. Quem te fornece tão precioso perfume?

Arnaudina fez-se vermelha até á raiz dos cabelos.

— Um estrangeiro... um freguês de meu marido... ofereceu-mo... de presente...

— E tu guardaste-o para en lavar as mãos com elle! — disse o príncipe rindo, rindo — Uma maravilha de cortesia, na verdade; mas esqueceste-te de um risco... Não se pode oferecer nada ao rei sem primeiro o ter experimentado, bem o sabes... E si esta perfumaria estivesse envenenada?...

Arnaudina empalideceu, e sem considerar a falta de respeito que tal ato importava, tomou nas mãos um pouco daquela água e levou-a convulsivamente ás faces.

Francisco ria a bandeiras despregadas.

— E ella não tomou isto a sério? — exclamou elle alegremente. — Si o perfume está envenenado, morreremos juntos, minha bella... Estou a ter pena de que não seja um verdadeiro veneno, tão doce me seria morrer nos teus deliciosos braços!

No entanto a mulher do ourives experimentava os efeitos daquela água deliciosa. Sentia invadi-la até o cérebro uma espécie de vapor subtil, sentia-se alegre, vivaz, disposta para rir e brincar. Também em Francisco a água produzia os mesmos efeitos de bem estar e de alegria.

Os dois amantes despediram-se com dobradas manifestações de ternura; e Francisco, segundo o seu costume, completamente armado e com a espada debaixo do braço, saiu cantarelhando.

— Ora, vamos! disse Arnaudina. — Eu era bem tola em attribuir á minha senhora sabe Deus que negros planos. Este perfume é digno de um grande rei, e nunca me senti tão bem como desde que banhei a cara com elle.

Mas de repente, e como que para provar-lhe o seu engano, as pernas fraquearam-lhe e dobraram-se-lhe.

— Meus Deus! — murmurou ella — que é isto?

E caiu desamparadamente sobre o sofá.

A pobre fez esforços sobre-humanos para se levantar, e para gritar; tudo foi inútil; um lethargo invencível lhe fez fechar os olhos, apagando-lhe o pensamento, e ella dir-se-ia que estava morta.

A lâmpada perfumada, que alumia a sala, deu um último lampejo e apagou-se.

No Louvre, desde as sete horas da manhã que a consternação era geral. Os criados e os officiaes atravessavam, como sombras mudas e consternadas, as salas do palácio. Reinava em todo o edificio uma atmosfera de dôr e de luto; e sentia-se que a morte entrara na morada dos reis, e que não escolhera uma vitima vulgar.

De feito, quem jazia exânime no seu leito de grandes cortinados de veludo vermelho, recamados das augustas flores de lis, não era senão Francisco I de Valois, rei de França e de Navarra.

A noticia espalhara-se com rapidez do raio pela corte e pela cidade. O fato da morte do rei apresentava-se tanto mais grave quanto desde a véspera ninguem dava noticias do duque de Montmorency, grande condestavel do reino que, como comandante em chefe das forças militares de Paris e da França, tinha a seu cargo a missão importante da manutenção da ordem pública.

Contudo, naqueles tempos de fé robusta, não se corria perigo algum. De resto, o príncipe Henrique, a quem uma morte tão inesperada fizera rei, tomara immediatamente as rédeas do governo com um vigor extraordinario, e com uma prudência que ninguem esperava daquele gaúcho de dezoito anos.

Como sucedera aquillo? Como se dera o fato?

O official que velava á porta do aposento real, interrogado pelo cardial d'Osset e pelo grande preboste Tannaguy-Duchvtek, contara que ao romper do dia ouvira partir do quarto como que um grito abafado.

Cheio de inquietação, batera á porta, sem que de dentro lhe respondessem, e depois, cheio de terror, correra em procura do duque de Guise, primeiro fidalgo da Câmara, e entrara com elle no quarto do rei.

Francisco estava estendido sobre o leito. Pela posição do corpo conhecia-se que elle, surpreendido de improviso por uma grande afflicção, se erguera para saltar da cama, mas vencido pelo ataque fulminante caíra outra vez sobre o leito, e ali ficara sem movimento e sem vida.

Ambrósio Paré, o primeiro médico daquele tempo, fôra chamado para ver o monarca e pousara a sua douta mão sobre o coração de Francisco, mas aquele coração já não pulsava. Tinha-lhe feito passar por diante dos lábios a luz de uma vela, e esta não tremulara; aproximaram-lhe um espelho da boca, sem que o limpo cristal de Veneza ficasse embaciado.

De tal modo que o capitão das guardas do rei, depois de ter recebido as ordens do seu novo amo, — pois que Henrique era maior e por isso tomava immediatamente posse do trono — annunciou em voz alta do cimo da escada principal do palácio:

— O rei Francisco é morto; viva o rei Henrique II!

— Viva o rei! — gritaram os raros cortesãos que aquella hora tão matinal se achavam nas ante-câmaras.

Um momento depois, um fidalgo de cabelos brancos e de elevada estatura entrava pelo portão do Louvre, e dirigia-se para os aposentos do rei.

— Aondes ides, senhor? — lhe perguntou um oficial, em tom de respeitosa deferência, pois que as condecorações que cobriam o peito do estranho visitante indicavam com certeza um personagem de elevada categoria.

— Falar ao rei, como é de direito, — respondeu o outro, sem se deter.

— A qual rei, senhor? — insistiu o oficial num tom de grande firmeza.

— Como a qual rei? eu não conheço senão um, o meu senhor Francisco I.

— O rei Francisco I é morto, senhor, e já se proclamou sucessor seu filho.

Beaumanoir, que os leitores decerto já reconheceram, ficou como que fulminado.

— Morto! — exclamou — o rei Francisco é morto!

— Morto! — repetiu uma voz cheia de espanto ao fundo da escadaria.

E o duque de Montmorency, lívido, agitado, tendo impressos na fisionomia os sinais dos sofrimentos passados, apresentou-se também na sala.

Beaumanoir e o condestável mediram-se com um olhar em que revelava o ódio que um sentia pelo outro.

Mas naquele momento uma preocupação mais grave sobrelevava aquele ódio. Era o pensamento do importantíssimo acontecimento que se dera.

— Repito-vos, senhor, — disse o oficial, inclinando-se diante de Montmorency, seu chefe supremo — que esta grande desgraça nos feriu inesperadamente esta manhã. Sua Majestade ainda está estendido no seu leito de morte; tende a bondade de ir ver.

O condestável, em presença do qual desapareciam tôdas as autoridades secundárias, encaminhou-se para os aposentos reais; o marquês de Beaumanoir seguiu-o, cambaleando como um homem embriagado.

Montmorency ficou-se imóvel diante daquele leito mortuário.

A majestade da morte imprimira na fisionomia de Francisco I uma serenidade, que as suas paixões versáteis poucas vêzes lhe tinham consentido em vida. O velho guerreiro, que pouco antes, numa situação mais horrível do que a morte tivera ensejo de fazer as suas reflexões e de sentir abrandar-se-lhe um pouco o coração de pedra, descobriu-se diante do cadáver do rei, pôs um joelho em terra e murmurou uma oração.

Quanto a Beaumanoir, o espetáculo do seu companheiro de armas, assim colhido pela morte. Quando mais lhe sorria a vida, fez-lhe esquecer a ingratidão, a doblez, a vileza com que o rei procedera para com êle. Uma das mãos de Francisco, uma branca mão aristocrática, pendia enregelada fora do leito; o marquês pegou naquela mão fria, beijou-a com transporte e rompeu em soluços.

Os camaristas, que rodeavam o leito de Francisco I, respeitavam e admiravam aquela dôr, cuja sinceridade ninguém podia pôr em dúvida.

— Senhores, — disse êle, erguendo-se — enquanto não vierem ordens em contrário da



Vista da Ilha "El Gran Roque", onde esteve preso Dom Luiz



parte de El-Rei nosso senhor, o comando supremo de tôdas as forças do reino pertence-me. Que me tragam as chaves dos castelos reais, dos arsenais e do Tesouro.

Partiram alguns mensageiros à tôda pressa para comunicarem as ordens daquele que, morto Francisco, reassumia a si todos os poderes militares, quer dizer a onipotência, num estado feudal e militar, como então era a Franca.

— E quanto a vós, marquês de Beaumanoir... — prosseguiu em tom ameaçador o grande condestável.

Mas de repente deteve-se. Por mais que procurasse com a vista em tôda a volta da ampla sala, não descobriu sinais do seu odiado rival.

Beaumanoir desaparecera.

— Teve medo... — disse por entre dentes o condestável — E não andou mal: si se demorasse, esperava-o a Bastilha!

Si o duque de Montmorency se encontrava no Louvre tão a propósito para assumir de certo modo a herança política e militar do defunto rei, devia-se isso à fortuna insolente, que parecia que acompanhava o bom padre Lefevre em tôdas as suas empresas.

Um noviço, que se dirigia aos aposentos do reverendo para o consultar sôbre um caso delicado de consciência, descobrira o bom padre preso no armário de penitência, com a mordaca na boca. O noviço, acostumado à fórmula do *perinde ac cadaver*, teria deixado estalar de desespero qualquer outro padre da Companhia, para se não intrometer numa ordem, que êle devia supôr que emanava dos seus superiores.

Mas, como se tratava do *magister socius*, do terrível companheiro que, pelos estatutos da Companhia, devia estar dia e noite ao lado do fundador, Inácio de Loiola, o noviço não hesitaria: aproximara-se do armário de penitência, abriu-o, e dera assim a liberdade ao *socius* que estava quase asfiziado.

O discípulo do jesuita levava a discreção ou, si assim querem, a observância das regras da sua Ordem, até ao ponto de não fazer ao seu superior a mais pequena pergunta acerca das causas que o tinham levado àquele extremo duro e ao mesmo tempo ridículo.

O noviço, dentro de breve tempo, pois apenas se passaram alguns meses, teve a prova de que andara bem. Apenas se ordenou, achou-se dum momento para o outro, pároco de Saint Germain-l'Auxerrois, a freguezia mais rendosa de Paris; volvido um ano foi eleito bispo de Senlis, e no decurso de poucos anos chegou a cardinal.

A proteção oculta, onipotente, da Companhia de Jesus cairia sobre êle e supria-lhe os merecimentos, a piedade e o estudo. Era êsse, de resto, o costume da benemerita Companhia, que nunca abandonava quem a servia ou a tinha servido de um ou outro modo... a menos que êsse alguém se não tornasse perigoso para ella, sua autoridade ou engenho.

Lefèvre, vendo-se livre, não perdeu tempo em agradecimentos, nem sequer descansou um pouco, como faria outro qualquer no lugar dêle. No que acabava de succeder-lhe havia um ponto misterioso, e era portanto necessário que êle conseguisse descobrir aquêle mysterio.

Descobrir por onde os seus inimigos tinham penetrado ali não era empresa difficil.

A estante, que encobria a comunicação com o subterrâneo, lá estava ainda no chão; nem os furtivos tinham sequer pensado em tornar a pô-la no seu lugar.

O jesuita, acompanhado do noviço, penetrou no escuro subterrâneo, donde tinham surgido, como demónios do inferno, os libertadores de Tancredo.

Munido de archote, o padre Lefèvre rastreou facilmente no pavimento úmido do subterrâneo a pisada dos três furtivos. Assim chegou passo a passo até ás prisões subterrâneas, donde saíam, como o rugido de um animal feroz os gritos desesperados de Montmorency.

Quando o jesuita entrou no cárcere, cuja porta ficara semi cerrada, o grande condestável, que ali estava amarrado, julgou ver nêle o anjo que, segundo o Evangelho, desceu á prisão de Paulo, o Apóstolo, e lhe partiu as cadeias.

As explicações foram breves: ao jesuita bastaram-lhe duas palavras para saber a maior parte do que succedera, e para adivinhar o resto. Por outro lado, não havia tempo a perder.

Com a ajuda do noviço, e servindo-se dos instrumentos que Domingos deixara abandonados no chão, desprenderam do muro as cadeias que prendiam o senhor de Montmorency; depois, arrastando o seu lúgubre fardo, o duque entrou no convento dos jesuitas, onde Lefèvre, que sabia todos os officios, bem depressa conseguiu desembaraçá-lo daquelle pêso.

Dêste modo, o grande condestável pôde achar-se presente no momento em que Beaumanoir ouvia anunciar a morte do rei; e estar á frente do exército, em tão grave conjuntura, um homem tão dedicado á Companhia não era coisa de pouca monta para os jesuitas.

Quanto a Beaumanoir, que fugira como um louco dos aposentos do rei, encontrou a sair do Louvre o medico illustre, Ambrósio Paré.

— Ah! mestre — disse o marquês, que por communhão de sentimentos e de fé religiosa era amicissimo de Paré, um dos mais firmes sustentáculos do protestantismo, — ah! mestre, que grande desgraça!

— Que grande desgraça, com efeito! — respondeu gravemente Ambrósio. — Êle tinha de feitos, mas era um verdadeiro, e o cetro nunca passaria para as mãos dos jesuitas... ao passo que o filho, tão sujeito aos padres...

— E dêle, do meu amigo, não me resta nada, — continuou Beaumanoir — senão êste lenço.

E mostrou ao medico um lenço que tirara das mãos do rei morto.

Ambrósio, conquanto distraído e absorto, foi vivamente impressionado por um perfume particular e ativo, que se exalava daquelle lenço.

— Meu Deus!... — exclamou êle — e dizeis que êste lenço o tiraste das mãos do rei?

— Das mãos, sim...

— Vinde, vinde comigo, marquês! — exclamou o medico, arrastando o marquês á fôrça. — Provavelmente estamos no rastro de um grande...

Beaumanoir seguia-o sem comprehender bem o que êle queria dizer.

— E' um caso gravissimo, repito! — dizia o medico, a quem a ansiedade de chegar prestava um passo rápido, que já não era próprio da sua idade. — Imaginaí que esta manhã, antes de ser chamado ao Louvre, fui ver certa minha vizinha, ainda nova, que também morreu de repente á noite passada...

— Como Francisco! — murmurou o marquês, estremecendo.

— No quarto, — continuou o medico — sentia-se um perfume muito ativo, perfeitamente igual ao que tem êste lenço...

Paré apertou convulsivamente o braço do amigo.

— E sabeis vós quem é a mulher que morreu precisamente da mesma morte que o rei?

O marquês olhou-o cheio de ansiedade.

— Era a bela Arnaudina, a amante do rei... e Francisco tinha estado com ella a noite passada!

Beaumanoir deu um grito.

— Quem quer que seja, deu um duplo golpe — acrescentou o medico por entre dentes. — O rei e a favorita... aqui anda ciúme... a não ser que o príncipe Henrique...

E, assim falando, tinham chegado ao laboratorio do mestre Ambrósio Paré, vasto edificio que os empregados de policia tinham sempre respeitado, apesar das doutrinas heréticas de seu proprietário.

Ambrósio Paré era um grande medico, e os reis e as rainhas preferiam ser curados e salvos por um douto herético, a morrerem ás mãos de um ignorante católico.

Paré tirou do bolso uma chave monumental e, aberta a porta, entrou em casa, seguido sempre pelo triste e pensativo Beaumanoir.

Ao entrar naquêle escuro pátio, Beaumanoir, não pode reprimir um ligeiro estremecimento, ao lembrar-se das suspeitas que o illustre medico dera a perceber sobre a morte do monarca.

Agitavam-no os mais descontraídos sentimentos, ao entrar naquêle laboratorio, onde o grande medico e químico ia procurar desvendar o mysterio da morte de Francisco I.

continua.

“O Diário”

Órgão do Império do Vaticano, em Belo Horizonte

Em uma nota do dia 20 de Julho de 1951, “O DIÁRIO”, órgão papista, em Belo Horizonte, ataca “LUTA!”, dizendo ser “Uma revista deletéria”, “publicação subliterária e altamente nociva”, e chama a atenção das autoridades, para que proíba a sua distribuição nas bancas de jornais e revistas de Belo Horizonte. Diz que o conteúdo deletério de “LUTA” se manifesta, sob tríplice feição: é anti-social, anti-clerical, imoral. “Procura o panfleto destruir os fundamentos da autoridade civil através da calúnia, investe contra o poder espiritual, por meio da difamação, usa da mentira e da maledicência como armas de propaganda”. Continua o órgão do Vaticano: “reconhecemos e respeitamos a pluralidade de cultos e crenças... Essa pluralidade partidária ou religiosa pode haver. Mas há uma coisa que a lei civil não permite: a calúnia. Há uma coisa que a lei moral não admite: a mentira, a injustiça. É com a calúnia e com a mentira que a tal revista procura denegrir o poder constituído e as instituições religiosas. É por esses aspectos que se torna um periódico inconveniente á leitura do público”.

Analisemos essas sofismas:

Em primeiro lugar, “O Diário” é um jornal que obedece á orientação de um Império estrangeiro, o Império do Vaticano. Coloca esse órgão as Autoridades do país em plano inferior, desrespeitando assim a Carta Magna. Esse órgão é do Arcebispo de Belo Horizonte. O Arcebispo de Belo Horizonte foi eleito por um estrangeiro: O PAPA. A organização da Igreja Romana, no mundo inteiro, obedece a esse Monarca. Esse Monarca é o Direito Canônico. O Código de Direito Canônico, em seu can. 218 § 2, diz que o poder ou autoridade do Papa abrange o mundo inteiro, independente de qualquer autoridade humana. Pelos cânones do Código de Direito Canônico, de 118 a 123, todos os clérigos adquirem direitos e privilégios, que os colocam acima das autoridades civis do país. Pelo canon 121 os clérigos estão excluídos do serviço militar e adquirem imunidades que, perturbadas, colocam as autoridades fora da Igreja Romana, pela excomunhão. O Arcebispo de Belo Horizonte, antes da sua sagração jurou colocar o Papa acima das autoridades civis da nossa Pátria. Isso posto, argumentemos com um “órgão” do Império do Vaticano e não com um jornal brasileiro. Chama, esse periódico estrangeiro, “LUTA!” de revista deletéria. Deletéria quer dizer que “LUTA!” é uma revista que destrói, danosa, desmoralizadora, corrutora. “O Diário” corrompendo o espírito de nacionalidade, obrigando os brasileiros a obedecer mais ao Papa que ás Autoridades do país, destrói tudo quanto as nossas autoridades estão fazendo em benefício do povo, procurando guiá-lo dentro da evolução científica, que tem como maior inimiga a Igreja Romana, pelo Syllabus. É pois, “O DIÁRIO” um órgão perigoso, atentatório contra a segurança do Estado, porque fanatiza com o “opio” religioso as consciências brasileiras, ponde as autoridades do país em plano inferior ao Monarca do Vaticano, ao qual obedece cegamente. Outra não é a letra, outro não é o espírito dos cânones citados. E foi assim que procedeu o Vaticano, por seus agentes no Brasil, entre eles o Arcebispo de Belo Horizonte, na última guerra, dando sinais para que o nossos navios fossem

postos a pique. Não é invenção de “LUTA!”. Leiam os brasileiros os jornais da época e verão suas colunas cheias de traição á Pátria, por elementos do clero romano e de freiras, escondendo em seus palácios os bispos esses traidores da Pátria. E venha, agora, dizer “O DIÁRIO que a leitura de “LUTA!” é deletéria. A leitura de “LUTA!” não sómente não é deletéria, mas esclarecedora dos crimes, que vem praticando contra a Nação Brasileira, desde o Brasil colônia, esses padres, essas freiras da Igreja Romana.

“LUTA!” não destrói os fundamentos da autoridades civil, mas chama a atenção dessa autoridade, quando se coloca fora da lei, para proteger, e candalosamente, com repugnancia do povo brasileiro, uma Igreja estrangeira, que vem cometendo crimes e mais crimes contra a Nação.

“LUTA!”, dentro do espírito da nossa Carta Magna, não reconhece poder espiritual algum.

A Igreja Romana não é melhor de que qualquer outro culto e deve em tudo e por tudo se submeter ao art. 141 § § 7 e 8 da nossa Carta Magna. E o Governo da República deve se colocar dentro da Constituição, no art. 31-II e III, que proíbe, ao Governo, estabelecer ou subvencionar cultos religiosos, ou embaraçar-lhes o exercício, e ter relação de aliança ou dependência com qualquer culto ou igreja.

A Igreja Romana deve ser colocada fora da lei, porque é internacional, tendo seu chefe fora do país.

Por que a Igreja Brasileira é anti-social? Porque admite o divórcio?

No Congresso há um projeto de lei divorcista, amparado por 109 deputados. São 109 deputados, dentro da interpretação de “O DIÁRIO”, anti-sociais. “LUTA!” está em boa companhia!

“LUTA!”, também, não é anti-clerical, pois é órgão oficioso da ICAB, que tem sua hierarquia eclesiástica, em Estatutos aprovados, pelos quais obteve personalidade jurídica, dentro do país.

Vejamos, agora, de onde parte a imoralidade com que procura nos atingir “O DIÁRIO”.

Os fatos imorais apontados por “LUTA!”, não são de “LUTA!”. São crimes praticados por chefes, padres, frades, freiras, da Igreja Romana, narrados através historiadores de reputação mundial.

Vejamos qual a moral da Igreja Romana:

“Não se comete falsidade quando, para substituir um título de herança ou de nobreza, perdido, se faz um outro apócrifo” Manuel de Sá.

“Afirmo que não há intrinsicamente mal algum em usar de equívocos, mesmo quando se faz juramento; onde se segue que não há nisso prejuizo” Padre Suarez.

“Pode-se jurar que não se fez uma coisa, ainda que efetivamente, se tenha feito, entendendo-se, mentalmente, que se não fez em certo dia, ou antes de ter nascido, ou subintendendo qualquer outra circunstância igual, sem que as palavras, de que nos servimos, tenham qualquer sentido que a possa fazer conhecer. Isto é muito cômodo em várias ocasiões, e é sempre justissimo, quando se torna necessário ou útil para a saúde, honra ou bens”. Padre Sanches.

“Se um juiz recebeu dinheiro para dar uma sentença injusta, é *provavel* que pode ficar com esse dinheiro. Essa é a opinião de cinquenta doutores jesuitas”.

Sobre a questão, quando seja permitido a um religioso tirar o hábito, respondem os jesuitas: "Por uma causa vergonhosa, como, por exemplo, para roubar, ir a lupanares".

"A revolta de um clérigo contra a autoridade civil não é crime, porque o clérigo não é súbdito da autoridade civil, mas sim do papa, que pode lançar penalidades sobre as autoridades temporais e desligar os súbditos de toda e qualquer obediência". Manuel de Sá.

"Não só é permitido aos súbditos pegar em armas contra governos opostos á fé católica, mas até é louvável fazê-lo, visto que assim lh'o impõe o seu dever cristão" Senlis, cap. II.

"Tirar uma pequena coisa, ás escondidas do marido ou do pai, não é roubo". Manuel de Sá.

"Uma mulher pode divertir-se, tomando, para isso, dinheiro do seu próprio marido" Escobar.

"Os criados podem tirar, em segredo, os haveres de seus amos, sob o pretexto de compensação pelos pequenos ordenados que recebem, sendo dispensados da restituição". Padre Valene Regnald.

"Deus não proíbe o roubo senão quando êle é considerado mau e não quando se reconhece como bom". Padre Antoine Cosnedi.

"Não se é obrigado, sob pena de pecado mortal, a restituir o que se tirou em muitos roubos pequenos, ainda que a soma total seja grande" Padre Tomaz Tamburin.

"Se um adúltero, embora seja clérigo, conhecendo o perigo, entrou em casa de uma mulher adúltera e, surpreendido pelo marido, mata êste para defender a sua vida ou os seus membros, não me parece que incorra em irregularidade" Padre Henriquez, Teol. Mor. tom. 1º liv. IV.

"Os filhos cristãos e católicos podem acusar os pais do crime de heresia, embora saibam que, por isso, seus pais serão queimados e expostos á morte, como ensina Tolet... E não só lhes poderão recusar alimento, mas até poderão justamente matá-los, se êles quiserem obrigá-los a abandonar violentamente a fé" Padre Estevam Fagundes.

O Jesuita Bonacina isenta de toda a culpa a mãe "que deseja a morte de suas filhas, quando não pode casá-las, por serem feias ou pobres" Padre A. Escobar.

"É permitido matar um proscrito á traição". Padre A. Escobar.

"É igualmente permitido matar aqueles que nos prejudicam junto das autoridades e pessoas de posição". Padre A. Escobar.

"É permitido a um eclesiástico matar o caluniador que ameaça publicar os crimes escandalosos, praticados por êle ou membros do clero, quando êste seja o único meio de o impedir. Isso porque, neste caso, como lhe seria permitido matar quem quisesse lhe tirar a vida, igualmente lhe deve ser permitido matar aquele que lhe quer tirar a honra sua ou do clero". Padre Lamy.

Esta é a moral de "O DIÁRIO", sujeito, como êle está, ao Vaticano.

Agora tome nota:

Tôdas as caricaturas da revista são tiradas de notícias dos jornais ou fatos autenticados, por "LUTA!". E venha "O DIÁRIO" dizer o contrário.

Bem razão tinham Dreyfus, Waldeck-Rousseau, Combes e Briand, quando da separação da Igreja do

Estado, na França, denunciaram 17.000 estabelecimentos de ensino e fecharam 14.000. Inutilmente, os jesuitas, por intermédio do papa, tentaram captar a be-

nevolência do governo francês. A República, compreendendo o perigo de qualquer transigência, foi implacável: não transigiu.

Ê, pois, lamentável, que o Ministro da Educação, Sr. Simões Filho, venha, publicamente, fazer a apologia do jesuita, no Brasil, quando, hoje, os autênticos brasileiros não transigem com os jesuitas, porque sabem que a história dos jesuitas, no Brasil, está muito mal contada. Ê bem outra. Pode o Sr. Simões Filho fazer quantos discursos queira, o Brasil, porém, conhecedor da obra satânica do jesuita, em nossas terras, estará se rindo dêle e apontando-o, aos brasileiros, como bajulador de um trono em plena decadência, pelos crimes que vem praticando, através séculos, contra a Humanidade. Jesuitismo é sinônimo de escravização da inteligência. Não estamos mais em época de nobreza. O militarismo está em plena decomposição. Esse exército internacional de espionagem do Vaticano tende a desaparecer. Não poderá trabalhar mais na sombra, nem retardar a emancipação dos povos. A luz não vem mais do alto, vem de baixo, porque parte do sofrimento. Ê o sofrimento que traz á Humanidade esperanças de dias melhores. A sombra representa o orgulho, o domínio, o egoísmo, o passado.

"O DIÁRIO" ainda diz: "Essa pluralidade partidária ou religiosa pode haver", quer isto dizer que o Império do Vaticano consente a existência de outros cultos, no Brasil. Vejamos como consente: Êste telegrama veio de Manaus:

"Festas Jubileu interrompidas povo instigado padres. Estamos sobressaltados ameaças morte, templos guardados polícia. Atacados quando realizavamos concentração praça pública. Vários feridos, inclusive pastor Antunes Oliveira, e Gioia ameaçado morte. Cidade reina verdadeiro terror. Solicito urgente providência Governo Federal. Não há garantia polícia civil, nem militar. Abraços. Pastor José Vianna".

O "Diário de Notícias" publica:

"Ameaçados vários templos evangélicos do Amazonas. Telegrafam dirigentes dêsse credo ás autoridades federais. Os srs. Ornan Bugalho Correia e José Viana, respectivamente, presidente da junta executiva e ministro-presidente da 1a. Igreja Batista, dirigiram ás autoridades federais o seguinte telegrama: "Comunicamos V. Ex. concentração evangélica, assistida por indivíduos vários credos, ontem noite brutalmente, agredidos por inspetor federal ensino secundário professor Fueth Paulo Mourão e outros que comandavam grupo alunos Colégio D. Bosco. Além das agressões, houve ferimentos, sendo uma das vítimas professor Antunes Oliveira tomava parte na assistência candidato deputado federal. Pedimos providências polícia civil também militar comando guarnição federal nosso glorioso exército não nos deram garantias, estando ainda templos evangélicos ameaçados depredação, inclusive, tradicional templo primeira Igreja Batista Glória Cultura Amazonense e que completa agora 50 anos de existência.

Respeitosas saudações".

Perseguições no Ceará:

"O missionário batista Charles Hocking, que vem realizando o seu trabalho no Estado do Ceará, escreveu-nos narrando alguns episódios referentes á perseguição que vêm sofrendo os evangélicos em várias localidades daquele Estado. Diz-nos êle: "Depois de chegarmos á cidade de Jardim, montámos os altofalantes e usamos alguns discos para atrair o povo para a pregação. Enquanto nos levantamos para cantar um hino, surge, repentinamente, de uma esquina próxima,

uma multidão que nos cercou com violência, antes de terminarmos a primeira estrofe. Golpearam o "pick-up", danificaram o gerador portátil para que ele parasse e quebraram seis janelas do meu carro. Depois de termos juntado nosso equipamento com muita dificuldade, deixamos Jardim, debaixo de uma chuva de pedra e escremento, que vinha de todas as direções. Consegui livrar-me de um homem que investiu contra mim para esfaquear-me. Escapamos milagrosamente, pois de nós mesmos nenhum esforço fizemos para proteger-nos. Este caso de Jardim não é um caso isolado. Durante o mês de Junho deste ano, três de nossas quatro escolas dominicais sofreram ataques de grupos liderados por clérigos que interromperam meu trabalho. Duas vezes, incluindo este caso de Jardim, minha vida foi ameaçada." (S.N.A.).

Como si não bastassem esses atentados contra a liberdade de consciência e religiosa, ainda, em carta ao Ministro da Justiça, Dr. Agamenon Magalhães, o Cardinal Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, incrível, mas verdadeiro, pediu para que fossem cassadas todas as atividades do Bispo de Maura! Atrevido! Quem tem direito de cassar as atividades de um cidadão brasileiro?

Essa a pluralidade de cultos, concedida, pelo Vaticano, aos demais cultos religiosos, que não sejam o dessa Igreja política, suja, que é a Igreja Romana.

Veja lá o que escreve seu sub-literato "O DIÁRIO".



No dia 7 de Julho de 1951, na Igreja Paroquial de S. Ana, da Igreja Católica Apostólica Brasileira, consorciaram-se a exma. sra. Marina de Lourdes da Silva e o Capitão Dráulio Brasil Barreto Lima

EST. S. CATARINA

O "Região Serrana", de Lajes, em S. Catarina, do dia 21 de Julho de 1951, estampa, em suas colunas, na "Secção Livre", o seguinte manifesto de Dom Antídio José Vargas, Bispo de S. Catarina, da ICAB:

MENTIROSOS E IGNORANTES

Pelo folheto intitulado — "Ridículas ao extremo" — respondemos as provocações insolentes do Antônio Borlototti.

Sábado último, dia 14, voltou ele, transcrevendo o Ofício do Sr. Delegado Regional de Polícia, e acrescentando, infra e supra, as suas próprias e costumeiras mentiras, e de seus pares. Sobre o referido Ofício preferimos, ainda, suspender o juízo e, também, aguardaremos, como preceitua e recomenda o bom senso. Mas não assim, com referência àquilo que diz: *desrespeitando o culto alheio, perturbando o culto de outra religião, prejudicando manifestamente a liberdade de exercício de outro culto, usurpando assim, de modo claro, a liberdade do outrem e, afinal, através de uma confusão e de uma verdadeira mistificação, atraindo os fiéis de outra religião — da Igreja Católica Apostólica Romana* — Mentirosos! Vede lá — é "outro culto" — "outra religião" — e dizem e querem que seja o mesmo, idêntico!... Precisamente, quem está desrespeitando e perturbando, desde o início, esse outro culto, dessa outra Religião, dessa outra Igreja a Católica Apostólica Brasileira, como é público e notório, é a scita internacional do assim chamado papa, ou seja essa igreja romana, que teima, obstinada, em não querer reconhecer os direitos alheios. E ainda falam em confusão? Uma Igreja como a Católica Apostólica Brasileira que move campanha sistemática aos erros históricos, quer doutrinários como disciplinares, do sistema religioso romano-papista pode pretender acaso fazer confusão? Efetivamente, porque somos outra Igreja, outro culto, temos outra bandeira, que não a dos Estados papões, temos outro hino, outras vestes, outro Chefe, outra hierarquia e afinal, outras normas muito mais perfeitas de servir Deus e praticar a nosas Religião, não exigimos sejam, em quaisquer hipóteses, respeitados os nossos direitos de livre exercício desse nosso outro culto, à base dos postulados constitucionais. Mentirosos e mistificadores!

Ignoram acaso que só duas coisas idênticas se confundem? Será idêntico combater o "papa" e beijar-lhe os pés? Ou julgam que tangentes e semelhanças, em todos os cultos existentes, sejam equivalente, a identidade global? E se existe, como mentirosamente o afirmais, igualdade de culto e rito, como distinguis combatendo-nos, e como taxais de "ridículo ao extremo", infamando aquilo que dizeis vos pertencer? Mentirosos e caluniadores, aprendam mais isto: "Facta nom sunt supponenda, sed probanda, et quidem jurídica". Esta Diocese Católica Apostólica Brasileira não engole, como poderia pensar alguém, falsas suposições, nem temerá competições jurídicas.

Lajes, Julho de 1951

Ass: Dom Antídio J. Vargas

Sociedades Secretas

Domingos Magarinos

Existe um livro, dificilmente encontrado, porque, os interessados em evitar a sua leitura, destroem todos os exemplares que lhes caem nas mãos, cujo texto elucida, com a máxima clareza, uma infinidade incontável de fatos deprimentes, fracassos e desastres sociais, políticos e econômicos, erros técnicos e administrativos — verdadeiros crimes de lesa-patriotismo — atribuídos à ineptia ou incapacidade moral dos brasileiros, mas que, na realidade, se originam da secreta e fiel execução de um plano diabólico dos INIMIGOS INVISÍVEIS DO BRASIL, apoiados no criminoso sofisma de nossas leis e na passividade psíquica dos nossos patrióticos, sugestão coletiva, decorrente da *Ratio Studiorum*, código pedagógico dos *inacianos*, os famosos jesuitas, e, hoje em dia, cognominada “falta de caráter e desonestidade nacionais, ” pela própria teocracia e plutocracia que nos exploram.

História política e religiosa das sociedades secretas é o nome dessa obra-prima, autenticada por milhares de provas, documentos e testemunhos que elevam seu autor, o eminente historiador Pietro Zacone, acima de toda a qualquer dúvida quanto a sua competência e, sobretudo, a sua idoneidade moral.

Basta salientar que o ilustre escritor que o mundo inteiro considera, e é “absolutamente desconhecido nos meios políticos e religiosos do Brasil”.

O livro é uma preciosidade, um monumento, uma verdadeira pirâmide.

Estável, sólido e eterno, como o símbolo milenário de pedra que imortalizou, no Egito, os segredos fundamentais da Sabedoria Antiga.

Ninguém ignora, no presente, que os europeus encontraram, no interior e no exterior da famosa TRÁDADA SAGRADA, os mais preciosos ensinamentos matemáticos, astronômicos e, quiçá, religiosos, filosóficos e científicos que nortearam e norteiam, ainda hoje, os pensadores contemporâneos, na senda luminosa das verdades mais evidentes e positivas.

O abade Moreau, Maeterlinck, Durville e outros notáveis estudiosos assinalam a realidade do fato que o próprio Napoleão proclamou aos seus soldados e oficiais que o não esqueceram, de retorno à terra natal, e foi, pelo menos, o raio de luz, a centelha intuitiva que iluminou a mente dos privilegiados intelectuais que, mais tarde, na França e outros países da Europa, divisaram o metro, o sistema decimal e “outras maravilhas com que a ciência positiva, oficial, ortodoxa deslumbrou e continua a desluzir a Humanidade”.

A leitura do livro de Pietro Zacone revela que os processos ocultos e criminosos, postos em prática, na Idade Média, para “maior glória de Deus ou da Inquisição”, sofreram modificações, adaptações, acomodações, mas não foram afastados e, muito menos, abolidos. Não levam mais as criaturas às “devoradoras fogueiras inquisitoriais”, mas arrastam-nas aos dantescos suplícios que são a vida moral e material da humanidade no atual momento histórico que nos escrucia, e, sobretudo, permitem “transferir, por meios que escapam às autoridades competentes, as rendas públicas e particulares dos sul-americanos, para as arcas secretas, os subterrâneos das suas matrizes, no estrangeiro”.

Essas sociedades secretas, europeias, dissimuladas ou camufladas em instituições religiosas ou científicas, sob

o disfarce de intercâmbio cultural, desdobram-se em filiais ou sucursais que se estabelecem e operam, nas cinco partes do Mundo, inclusive as duas Américas.

Ninguém acredita “nos exagêros mórbidos dos visionários que vivem a desvendar ou denunciar essas sociedades secretas”, dizem os que partilham dos seus lucros e das suas vantagens, mas ninguém contesta, de boa fé, as surpresas, os danos, as iniquidades cometidas por essas organizações perigosíssimas.

Até nos cemitérios, nos conventos, nas igrejas, nas sacristias, nos altares, durante a última Grande Guerra, a própria imprensa divulgou e as autoridades verificaram, foram encontradas instalações clandestinas de rádios, por todo o território nacional, as quais eram utilizadas por “padres estrangeiros” que denunciavam, aos submarinos inimigos, o roteiro dos nossos vapores, afundados, no oceano Atlântico, casos, “vagamente anunciados e comentados pela imprensa sul-americana”, Inúmeros patrióticos foram vítimas desses atentados.

Ninguém suponha, porém, que essas sociedades secretas só agem durante as guerras. Em tempo de paz, a sua função não é menos ativa, nem menos constante. A guerra econômica, a luta dos interesses internacionais, não é menos encarniçada do que a guerra de extermínio e conquista.

As correspondências cifradas, os códigos secretos, as tintas simpáticas e outros documentos característicos, a todo o instante, descobertos, não deixam a menor dúvida, porque, são as provas patentes de todas essas verdades.

Os notórios “privilégios diplomáticos” confirmam a existência e vigilância dessa REDE DE ESPIONAGEM INTERNACIONAL que devassa e negocia a



Isto se passou em Cordisburgo, em Minas Gerais. Sera que os brasileiros estão em plena Inquisição do “Crê ou morre”?

inviolabilidade dos segredos civis e militares. Truman afirma que a Rússia se arma para a guerra. Um estadista, um homem de bem, um *honest man* para fazer declarações, desta natureza, possui, por força, um documento incontestável. Acredito que o Presidente dos Estados Unidos da América do Norte o possui. Mas, de que modo o teria conseguido? Naturalmente, violando os mais rudimentares princípios do Direito Internacional.

Esses INIMIGOS INVISÍVEIS DO BRASIL e, quiçá, da América Meridional, estão acima e fóra da lei. Contra eles não ha polícia, nem justiça. Ao contrário, contam e desfrutam todo o amparo, garantia e proteção oficiais. Membros, agentes ou representantes credenciados de poderosos e riquíssimas organizações, desta natureza, graças aos meios sugestivos ou convincentes, postos em ação, levam todos e tudo de vencida, sem que ninguém os incomode. Quando se lhes exige o cumprimento de seus deveres, são, piedosamente equiparados ao "martires cristãos da Antiga Roma".

O extenso litoral, a longa fronteira que caracterizam o território nacional, a capital da República e as capitais dos Estados, são o vasto cenário das suas trágicas, porém, rendosíssimas atividades.

São essas sociedades secretas que, isentas, livres e desobrigadas de toda e qualquer contribuição e, quiçá, de toda a qualquer responsabilidade, no propósito criminoso de forçarem os países sul-americanos à compra de armas e munições que abarrotam as fábricas de países que utilizam e remuneram os seus "valiosos serviços", preparam ou fomentam revoluções e guerras, organizam *trusts* e greves e, graças ao ardid, clássico ardid, dos seus *mitrados* agentes, perturbam, constantemente, o *modus vivendi*, a cordialidade ou solidariedade que deve fraternizar e fortalecer as repúblicas do continente sul-americano, na defesa mútua, comum e humana dos seus interesses, das suas riquezas e dos seus direitos.

São essas sociedades secretas que, praticando todas as contrafações possíveis, todos os delitos imagináveis, inclusive o suborno e o contra-bando, prejudicam a solução de todos os problemas internos e externos dos países em que se radicam.

São essas sociedades secretas que, obedientes às ordens emanadas das suas matrizes, no estrangeiro, se intrometem, maquiavelicamente, em todos os setores da administração pública e, graças às tristes consequências da *Ratio Studiorum*, do *perinde ac cadaver*, métodos pedagógicos dos "nossos primeiros mestres", arrastam dirigentes dos países e representantes dos povos latino-americanos à prática desses "assombrosos fracassos e desastres técnicos e administrativos, verdadeiros crimes de Ieso-patriotismo", cotidianamente assinalados e comentados.

São essas sociedades secretas, em suma, que, dessa ou daquela maneira, fazem *evaporar* o nosso ouro, as nossas riquezas naturais, os nossos valores, desviando e transferindo, sistematicamente, para as suas matrizes, no estrangeiro, esses valores e essas riquezas, a título de lucros, subvenções, donativos ou esmolas.

Não percamos tempo a combater efeitos; destrua-mos, corajosa e dignamente, as causas nefastas e notórias desses efeitos.

Rio, 1951.

Reino de Sata

Antonio Machado

1. Vou-me deter aqui, ó minha musa, dorme!
Eu vou sentir o horror da crápula disforme,
Toda a gangrena e pus que a Humanidade afunda,
No mais terrível cáos, na lama suja e imunda!...
Quero ficar a sós... quero bramir sem tréguas,
E ser ouvido aqui, e ser ouvido às léguas!
Quero atingir os maus... pintá-los como são!
E, filha, tu não vês que tens um coração?
Vai dormir lá nos céus, por estrelas veladas!
Faz-te amiga dos só's, da luz, enamorada!
E deixa-me ficar, ó minha musa, dorme,
Enquanto eu sinto o horror da crápula disforme,
— Toda a gangrena e pus que a Humanidade afunda,
No mais terrível cáos, na lama infecta e imunda!...
2. Ó todos que viveis, ou que passais aqui!
O que escuto, escutai; é o que sinto, senti!...
Tere's a idéia, então, do assombro que me aterra,
Que faz tremer os céus, que faz tremer a terra!...
Vereis rolar em sóis, constelações de luz,
Da abóbada de Deus, dos mundos de Jesus!...
Sombra imensa baixar sobre as coisas sagradas;
E sobre os arrebóis, sobre as santas estradas,
A tristeza sem fim das maldições finais,
Que invade em turbilhões os castos ideais,
Sangrando-lhes o seio, onde vibrava o amor,
Co' o trágico punhal do assassino amador!...
Ó todos que passais, ou que viveis, ouvi!
— Ouví có o coração o que se passa aqui!...
3. Sinistros rataplãs conspiram pelo espaço...
Nessa conspiração, há um cheiro de cangaço...
Percebe-se que o pó da estrada se levanta...
Nas quatro direções, o vento ruga e espanta!...
São eles que lá vêm!... Vêde que negras sombras!
— Trazem fogo nos pés, pois morrem as alfombras,
Derretem-se os cristais, e o chão se carboniza,
Onde esse batalhão funesto passa ou pisa!...
Vêde o que vejo mais: — ao longe, no horizonte,
Homens, como visões, de letreiros na fronte,
Já bêbedos do pus que lhes devora a mente,
Numa demonstração tão cínica e demente,
Que arrepiá os mortais, compromete o Porvir,
E compromete um Deus, que parece dormir!...
4. Já vistes coisa igual? — todos os crimes juntos?
— Os judas, os caíns, espíritos defuntos,
Numa parada só, solidários em tudo,
Que diz respeito ao mal, a matar sobretudo?!...
Jamais vistes!... Jamais sonhastes tal.
Um século de luz, que apodrece a moral,
Que condecora os maus, que endeusa criminosos;
Que encarcera ideais, que liberta leprosos!...
Quanto horror! Quanto horror! Mas quanta rea-
[lidade!
Quanta miséria e dor tortura a Humanidade!...
Eis as sombras, olhai! — o Prometeu moderno
Troca o fogo dos céus pelas chamas do inferno!
Não quer ser Prometeu, que é melhor ser abutre:
— Devora corações, e é de almas que se nutre!
5. Ó mestre Satanás, que trabalho fecundo!
Tu gangrenaste a fé e encurraliste o mundo,
No lódo em que perdeu todo sentido o Bem!
Penetraste no lar em plena luz do dia,

Envenenaste o amor, a frio e com desdém!
Roubando-lhe o calor festivo da alegria!
Nas mãos da pobre mãe, puséste o falso e o fútil,
Para o filho criar, e um dia te ser útil!...
A escola vem depois, mas... vem para servi-lo!
Continúas ali a melhorar aquilo
Que começou no Lar: — o trabalho de sapa...
A envenenar o sêr que te não mais escapa,
E a quem não deixarás mais nunca a sua sorte,
Pois que te vai servir, do nascimento à morte!...

6. Sim, mesmo porque, tomaste, sem rodeios,
A direção da mó da vida e, sem receios,
Movimentas, assim, êste mundo moderno,
Na direção do cães... na direção do inferno!...
Todas as invenções e todas as ciências,
Adaptaste ao papel das tuas conveniências!
Tu sujaste o jornal de nódoas sem remédio!
Levando à tela a mão, fotografaste o tédio!
O rádio é teu também!... E, cínico, tu zombas
Dos anseios de Paz, pois, tu fabricas bombas
Cõ' os átomos de sol para a matança em massa!...
Não te contentas mais cõ' a pequena, desgraça!
— Tem de ser mais total!... A hora é coletiva?
— Socialize-se a dor!... Sem dor ninguém mais
[viva!...

7. Não nasceste em Belém, nem sei de um teu Calvário,
Entre uns poucos ladrões!... Mas és extraordinário!

Comandas, ó Satã, o escárnio das orgias...
Por toda parte és tu: — ladrões... patifarias...
E, velha como tu, tão velha e tão velhaca,
A negra exploração, que os homens pesa e ensaca,
E os vende a preço vil nos mercados da Vida,
Como se fossem grãos, ou coisa parecida!...
— A triste exploração, que é base de um regime
No qual mentem as leis, e onde a Verdade é crime!
Onde êste, que produz, a nada tem direito;
E êsse, que nada faz, encontra tudo feito;
Onde se nega o herói, e se afirma a ralé!
Onde a opressão é lei, e a Liberdade é ré!...

8. A História toda és tu: — mentiras e sacrasmos...
E, em cõpulas malsãs, em lúbricos espasmos,
Tu lhe impingiste o mal, torcendo-lhe os sentidos,
Tirando-lhe a razão com tiros e estampidos!...
Traçaste, com canhões, com granadas e obuses,
Essa rota de dor, onde milhões de cruces,
Milhões de crimes são, causados pela guerra!...
E, assim, tu dêste um nó no destino da terra!
— O homem não melhorou... e, triste e imensa e

[escura,
Da vida fez e faz a vala, — a sepultura
Da escravidão comum, da escravidão geral,
Onde o interesse é Deus, e Deus, o Capital!
E nada engrossa mais a pança dos ricos,
Que bombas e canhões, metralhas e estilhaços!...

9. A guerra é teu mistér, — teu principal negócio!
Ligados ao canhão, pelas unhas de um sócio,
Tu terias os mais!... Forjaste o monopólio
E o truste espoliador!... E, desde então, o pe-
[trôleo,
O ferro, o manganês... (E isso é Democracia!...)
— As fontes de calor e as fontes de energia,
Os antigos metais e as modernas areias,
Bancos de exploração das riquezas alheias:
— O açúcar, o algodão, o trigo, o chá, o café;
Tudo te foi gerar em torno... e o Candomblé
Deu-te o resto: — a oração e as santas indulgências
Para sacramentar as tuas excrecências!...



O Papa Satã manda prender, em seguida a êste
ofício, Dom Luiz



E eis o teu mundo, ó Satã, — o sérdido e moderno
Mundo, — pátria do mal, muito melhor que o in-
[ferno,

Que te diverte mais, porque se queima, a frio,
A alma e o coração e o sentimento e o briio!...

10. Eis o trôco, porém, da tua sordidez:
— Aos lares falta o pão e, junto da escassez,
A violência dos NÃOS, estrangulando a idéia...
Entopem-se as prisões e insufla-se a alcateia,
Contra os rastros do herói, que inflama, que sacode,
Que excita como a luz, e que arrasta e que explode
As fúrias dos irmãos contra a malta assassina,
Contra a fúria voraz das aves de rapina!...
Açambarcaste os bens, — é certo, — à custa alheia;
Mas, aos poucos, também, sugando ao povo a veia,
Tu só és negação!... Não há vocabulário,
Contra o grito geral e revolucionário:
— ABAIXO A EXPLORAÇÃO DO HOMEM
[PELO HOMEM!
VIVA O PRATO COMUM DE PÃO QUE
[TODOS COMEM!

SEGUNDA PARTE

11. Tudo tem sido assim, há mais de seis mil anos!
A história dêste mundo é a história dos tiranos!...
A origem do tostão é a origem da facada!...
Sobre o corpo do bom, o mau abre a picada!...
A terra é um bem comum? — que se divida a terra,
Apenas entre alguns: — é a rixa, a luta a guerra...
Se todos querem ter, se forge a propriedade,
Que é roubo, mas é lei; e dê-se liberdade,
Mas só para roubar! — é a tal iniciativa
Da corja liberal, — a malandragem viva!...
Se é pouco uma nação para o "Reino-Cubiça",
Dominem-se as demais! Que a força entre na liça!
E se alguém protestar, se diga: — é "traidor"!...
Que vá para a prisão o "mistificador"!...
12. Tratemos de afirmar que a terra é um improvizo
Na Mó transcendental... surgiu sem prévio aviso
Da gênese de Deus!... Nada! Nada, de Física,
Que tudo cabe ali nos vãos da Metafísica:
— O impossível, o irreal, o vago... o Idealismo!...
Isolemos, assim, do grande, mecanismo,
O barro onde amassar a h'pótese imutável!
Fixemos a razão! Façamo-la intratável,
Se a dúvida surgir, se houver contradição!



Dom Luiz, no pico da montanha, na Ilha "El Gran Roque", cercado de crianças, pede a Deus perdô seus perseguidores



E que o *sim* seja sim e que o *não* seja não!
A dogmas, afinal, a coisa se reduza...
Que, tudo feito, assim, será também confusa,
Será "bicho-papão", a *tese* formulada,
A *antítese* que é não, e a *síntese* gerada!...

13. Tenha-se medo ao nú, — à coisa aberta e exposta
Aos límpidos clarões! Amenos a mão-posta
No sobrenatural, em direção ao alto,
Se o espírito se achar um dia em sobressalto!
Nada de explicações, nem clarezas, nem luzes...
Se há túmulos ali, nada de rosas! — cruces!
Reforcemos o nó... prolonguemos o acoite
Da grande escuridão... prolonguemos a noite...
A nebulosa... o cáos... criemos o mistério!...
Fantasmas e visões são reis de um grande império!
Podem todos sentir; porém, pensar, mui poucos!
Ganhemos o geral e chamemos de loucos
Àqueles que a razão e que o pensamento
Quiserem sobrepôr ao puro sentimento!...
14. Atribuem-se a Deus as graças e o flagelo;
O que é bom e o que é mau; o que é feio e o que é
[belo!
E... adeus contradições! — Se foi o Padre Eterno
Que a coisa fez assim, com céu ligado a inferno,
É que teve razões e muitas para isso!...
Ao lado da oração, portanto, haja o feitiço!
Se há fartura demais para uns quantos apenas,
É justo que milhões sofram milhões de penas;
E que lhes falte o pão... que vivam na miséria!...
(É da constituição divina da matéria!!!...)
As coisas são assim, por causa e por efeito!
E tudo é perfeição se vem de um Ser perfeito!
Se a causa é perfeição, é o efeito também,
Que não pôde esconder o que a causa contém!...
15. Se não é mau ser mau, ser bom é indiferente;
Que o absurdo aqui é apenas aparente!...
Não pôde este existir, se aquele não existe;
Têm que viver os dois... e é nisto que consiste;

A luta entre os mortais: — ausências, privilégio;
Nas fábricas, milhões, e uns poucos no colégio;
Para uns quantos o anél, e a enxada para o resto;
Alguns na direção, e os outros, no cabrêsto!
Tem de haver um juiz, enquanto houver um réu;
E tem de haver "boné", enquanto houver chapéu!...
Se há minas que explorar, é justa a exploração!
E, se há braços demais, e há estômagos sem pão,
Os lucros que se têm, na compra dêsse excesso,
São justos e são lei... são ordem... são progres-
[sol!...

16. E o mundo, assim, será esse eterno interstício
De fome, de exploração misérias, meretrício!...
Que tudo é natural!... Criem-se os preconceitos
De classe, raça e côr! Firmados os conceitos,
Arrimo hão de encontrar nos múltiplos dos "ismos"
— As garras de ilusão untadas de exorcismos!...
E eis o caldeirão da vida: — os desesperos,
Lamentos e aflições, sucumbem aos tempêros
Dos circos e das Sés!... Insufle-se o pecado,
Que o cura quer viver... e é assim, como o soldado,
— Se êste se acabar, o caçador que oprime
Nas mesmas proporções, em relação ao crime:
Se, êste se acabar, o caçador que oprime
Também se acabará!... Nada de irmãos na terra!
— Odeiem-se, senão, não pôde haver mais guerra!
17. Que não descubra o pai que ao filho êle envenena
Ao dar-lhe o prato crú de sangue e de gangrena,
Que recebeu do avô, do bisavô... de Adão!...
A herança é sempre assim: — legaliza o ladrão,
E faz lembrar ao pai o filho vida-a-fóra!...
De repetir o pai um filho não se córa!...
Se isso é tradição, conservem-se a velhice,
A safadeza, a dor, os crimes e a intrujice!
Que haja um grande pomar, mas cheio de maçãs;
E Evas, a granel, modernas... e pagãs!...
Que o homem seja "adão" até perder a fala;
Que se atole no pus, no lamaçal que exala
O atávico do odor da espécie animalêsca,
Na ironia de um ser em fase tão protêsca!...
18. Fanfarra! Excitação! Sermães!... Hipocrisia!
Mais firmas de "INTRUJÕES & TAL E COM-
[PANHIA!"
As favas, ao cupim, toda moral cristã,
Que o gorila atual pôde ir toda manhã
À missa e comungar... e, deixando a capela,
Ir às farras legais de cravo na lapela!...
Se garrando o céu lhe foi pelo vigário,
Que importa a exploração ao pobre do operário?!...
Que importa ser ladrão, durante todo o dia,
Se, à noite, há confissão e água benta e peia?!...
Depois, toca a dormir e sossegadamente,
Que o dia de amanhã é o de hoje novamente:
— Mais farras, mais ladrões e mais exploração...
Mais Evas no jardim... mais carnes em leilão!...
19. Eis, em traços gerais, a "sã" Filosofia,
Que enfatúa o cristão e a sua Economia!...
Ha nela São Tomaz, Adão "Ximite" e Tal;
Defendem-na: — o glutão, a toga, o industrial,
Galões e solidéus, e muito deputado;
E muito figurão... muito imbecil formado! —
— Todos que vivem bem, de papo sempre cheio,
À custa dos demais, sugando o sangue alheio!...
Traz o nome de Deus essa "doutrina" espúria,
E leva o "jamegão" de muita mitra e cúria!
E a Esperança também, no campo e na cidade...
Mas fica, a meretriz, com as coisas desta terra,
Que valem mais que o *mais* que num talvez se ee
[encerra



Panorama da Ilha "El Gran Roque", onde o Vaticano acorrentou Dom Luiz



20. Mas o povo quer pão, e não, filosofias...
Arquivem-se, pois não, discursos e teorias!
E basta de Platões... e basta de Pilatos,
Que em circunstâncias tais o que se quer são fatos!
Se é lei universal alimentar a Vida,
Não há melhor sermão que um prato de comida;
Porém, geral, comum, e nunca extraordinário,
Que o estômago de um rei é igual ao de um operário!
Todos querem comer... eis a grande batalha!
Mas têm que trabalhar! Quem não trabalha,
Não tem direito ao pão, não tem direito a nada,
E deve se afastar de vez da nova estrada!
E Deus virá depois... e, em consequência
De outro estado mental, de uma outra consciência!...

TERCEIRA PARTE

21. Houve tempo em que o Bem lutava contra o Mal;
E o problema era, então, mais de fundo moral...
Não havia a equação do problema econômico,
Nem tudo era imoral, nesse sentido irônico
E tão universal, de caráter tão crítico,
Quer no campo da fé, quer no campo político!...
E, se a luta mudou, é claro, que os fatores
Mudaram-se também e que os dois lutadores
Não são aqueles mais, mas o Erro e a Verdade!
E, então, não vale aqui, — nos diz a realidade,
— A idéia — ilusão, que é idéia negativa,
Se não proviér do ser, ou da matéria viva,
— Da substância a final de que se nutre e fôrma,
Com que nasce e se instruí e com que se transforma!
22. Vamos pensar, então, com as coisas da matéria,
Com a natureza, enfim, e nada de pilhéria!
Descubramos a flôr, abrindo-a à consciência,
De cuja chama e luz nos vem a experiência!
É a mestra-razão que ensina o pensamento,
Que o adestra e o conduz ao são conhecimento!
Há o pensamento e o ser, porém, inseparáveis,
Conceituando a idéia a leis mais ponderáveis!
A idéia vem do ser, do que existe e é palpável,
E não pode existir, nem decifrar o estavel
Se não tomar-lhe a côr, a essência a fôrma e o
[fundo,
Quer se trate de um grão, quer se trate de um
[mundo!
A idéia só é mãe, casada aos elementos,
Sem os quais nada é, nem gera pensamentos!

23. Amarrada a razão ao que fôr ponderável,
É só romper depois as cercas do imutável;
Deixar a escuridão, ganhar a claridade,
Nas mãos do natural, do simples, da unidade,
Em busca do melhor, numa ascensão sensível,
— Processo natural, nem sempre compreensível,
Porque, em saltos-mortais simula violência,
Quando, entretanto, ali, só existe consequência!
Onde há revolução, há desenvolvimento,
Progresso, evolução, mas por consentimento!
Pois, o acaso, jamais, — o vago, o impreciso,
Póde o alvo atingir do claro e do conciso,
Que demonstra sinais de sua quantidade,
Mas, se existe, afinal, existe em qualidade!
24. Há um limite nodal, — espécie de vertente
De simples transições de passado, em presente;
Do insensível que foi, no sensível que é;
De um bicho, — um irracional, em outro, — o
[chimpanzé;
E dêste, para o atual, para o homem assim;
De algum, para o alguém; da quantidade, enfim,
À qualidade, ao mais, ao máximo e melhor,
Partindo do menor, do mínimo e do pior!
Se há dúvida, provém do pavôr à Verdade,
Que nos reduz a nós, à simples realidade
De quase inexpressão, que nada representa,
Se isolada da mó total em que se assenta,
— Da eterna constituição de leis universais,
Que lembra todos nós e envolve tudo o mais!...
25. Há numa rosa a flôr que passa e que agoniza;
E, ao mesmo tempo, a flôr que vive e poliniza!
A árvore secou, mas estrumou a terra,
Que vai reproduzi-la, e que a semente encerra!
O atual jacarandá, que o "humus" engrossará,
Há milênios que foi humilde e simples vara;
A haste enrijeceu e, forte, e resistente,
Não volta mais atrás, caminha para a frente,
Mas sem se repetir, porque a reprodução
É sempre um pouco mais, jamais, repetição!
Repetir é parar, e parar, inconcebível;
Onde há tempo e lugar e um agente possível!
Cada etapa é um clarão, porém de luz mais forte,
Em que morre a ilusão, mas é ilusória a morte!
26. Fôrças novas que vêm... fôrças velhas que vão:
— Eis o eterno "vai-e-vem" de eterna conexão,
De vínculos sutis do sábio cruzamente,
Que entrosa ao universal o último elemento!
É a luta natural de fôrças naturais,
Em que trocam papéis os filhos com seus pais,
Para a renovação das múltiplas substâncias,
Na vasta adaptação a novas circunstâncias!
E os regimes sociais, — os roteiros da vida
Em sociedade, — assim, buscam leis e guarida
Na mesma conexão; e é o mesmo o movimento,
Que os gera, que os conduz e impulsiona ao lento,
Mas infalível fim de históricas mudanças,
Ao enalço da Luz... de novas Esperanças!...
27. Já houve escravidão! Teve os seus áureos dias...
Ditou normas e leis... e até soberanias!...
Fez govêrnos, fez reis, revoluções e guerras!...
Colônias engendrou; ricas fez muitas terras,
Pobres até então... forjou independências!...
E... fez grandes nações!...
Alertou consciências!...
Mas, um dia, caiu! Caiu como um sadismo,
Nas mesmas condições do antigo comunismo!
É o regime feudal: — tal foi o seu destino:
— Foi lógico... foi bom... depois, foi desatino;

E a história o remorum como a um velho detrito,
 Como causa do mal da época e do atrito,
 Entre o escravo e o barão! Sucede-lhe, — à No-
 [breza,
 — O novo, — a "original" República Burguesa!...

28. Teu fim, mundo burguês, é histórico e é fatal!
 Não podes dar atrás, que a lei universal
 Te vai ferir também! Vai, pois, te despedindo,
 Porque mais de um bilhão já te vai reduzindo,
 E, à frente de Titãs, trilha novas estradas,
 Fóra da exploração o das coisas privadas!...
 Planos, combinações, conlúios militares,
 Não te vão garantir as bases e os pilares,
 Tão pôdes como estão!... A tua burguesia!
 Estertora num adeus seguro de agonia,
 Morre de armas nas mãos e grita, a alucinada!
 Quer ver mais uma vez a terra ensanguentada...
 E ameaça repetir Nagasaki e Hiroshima,
 A louca, à proporção que a morte se aproxima!...

29. Não podes esconder o cancro que te come:
 — Cancro de exploração, de miséria e de fome,
 Que te invade os pulmões e a mente te gangrena;
 Te oprime o coração, e a vida te envenena!...
 E, diante da lesão gravíssima e geral,
 Acuado pela dor, te finges, ó chagal,
 De grande valentão, de forte e corajoso,
 Quando, no fundo, és tu sómente o canceroso,
 O covarde, o vilão, que estrebucha e que morre,
 Afogado no pus, na baba que te escorre
 Da boca tumular, neste apagar de luzes,
 De bombas, de canhões, de foguetes, de obuses!
 Já não há mais ninguém que a pele e a vida arrisque
 Por míseros tostões... por tijelas de "uísque!"

30. De todo modo, és tu, agora, o moribundo,
 — A grande podridão, e o crime deste mundo!
 E eis ao que se reduz a tua "eternidade"!...
 E, em nome do Porvir e da Humanidade,
 Tens hoje de ceder as rédeas ao Trabalho,
 Livre da exploração, e livre do chanfalho!



Dom Luiz, entre as criancinhas, na
 Ilha "El Gran Roque", preso às
 ordens do Vaticano



O Trabalho, jamais, foi causa e sim, efeito;
 Cabe-lhe agora ser a causa e o direito!
 Há de a Justiça, então, soltar-se pelas ruas,
 E libertar até as pobres pedras nuas,
 Pisadas por ladrões, por cínicos calcadas,
 — Testemunhas do suor das massas exploradas!
ESTE O MUNDO, ESTA A LEI: DEPOIS DO
[IMPERIALISMO,
A FESTIVAL CANÇÃO DO POVO, — O SO-
[CIALISMO!...

PERTENCE-TE, BRASIL!

Bezerra da Cunha

— Aos defensores das nossas riquezas —

Desperta, ó meu BRASIL! Bem alto ergue o Teu grito
 Contra êsses tristes vis — a causa dos teus males...
 Não deves consentir, nos montes e nos vales,
 Ecôe o brado teu de escravizado e aflito!

Não podes merecer a sorte de um preceito...
 Nem deves permitir que se te exgote o cálix...
 Ao contrário, demonstra o que és o quanto vales
 Provando o que de Ti alguns dos teus têm dito!

Desperta, ó meu BRASIL! Não deixes que a Desgraça
 Continue a afligir-Te e, um dia, enfim, desfaça
 O valor que desperta inveja ao mundo inteiro!...

Levanta-Te BRASIL! Confiados na vitória
 Os teus filhos estão antegosando a glória
 De afirmar que o BRASIL... enfim, é brasileiro!

EMBAINHAI A VOSSA ESPADA!

M.B.C.

... Pedro — disse Jesús — embanhai vossa espada.
 Quem com ferro ferir assim será ferido!
 E Pedro obedeceu, embora constrangido,
 Por lhe causar surpresa a ação inesperada

Mas a Igreja Romana — a que se diz fundada
 Para honrar a Jesús, tem ao contrário agido:
 — Armas de toda espécie abençoadas têm sido,
 Ferindo a Lei do amor por Cristo propagada!

A Igreja se irmanou aos homens maus da Terra,
 E, faltosa, ajudou a forgiar a guerra,
 Visando defender os interesses seus!

No entanto, o seu dever — ante o exemplo de outrora
 É impor que se embainhe a espada do Ódio — agora...
 Pois só Amor constroi e nos conduz a Deus!!!

URBANO VIII

Escreve: *Maurício de Lachatre*
continuação

Enquanto que o papado perseguia na Itália os sábios, cujas luzes temia, em França a realeza, continuando a pisar aos pés os direitos sagrados da humanidade, encarniçava-se sobre os homens que lhe faziam sombra, ou sobre os cidadãos cujas riquezas excitavam a sua cobiça e mandava-os queimar vivos como dados às ciências condenáveis da astrologia judiciária ou da alquímia. Milhares de inocentes foram assim enviados á fogueira por acusações de feitiçaria de um absurdo revoltante; e um Richelieu, um cardinal, um primeiro ministro, um padre, que devia necessariamente saber o que julgar de semelhantes superstições, teve a infâmia de se servir desse meio para se desfazer daqueles que o incomodavam, ou para aumentar os seus tesouros.

Por instigação sua, os jesuitas perseguiram os feitiçeiros, como já tinham feito contra os protestantes, isto é, contra aqueles que podiam inspirar receios á realeza ou ao papismo. A fim de excitar as paixões do povo contra as suas vítimas, os discípulos de Inácio de Loyola espalhavam calúnias atrozes a seu respeito; accusavam-nos de fazerem malefícios aos homens, ás mulheres e aos animais para os fazerem perecer, ou causar-lhes enfermidades incuráveis; pretendiam que elles, por meio de operações mágicas tinham o poder de evocar os demónios, destruir as sementeadas, excitar as tempestades, fazer brotar do solo milhares de insetos e de reptis perigosos, de corromper o ar e as águas e fazerem nascer epizootias cruéis. Afirmavam que esses supostos feitiçeiros procuravam constantemente recrutar novos discípulos para Satanaz, e que tôdas as noites apresentavam ao seu senhor aqueles que tinham seduzido, homens ou mulheres; diziam que o príncipe das trevas lhes apparecia sob diferentes formas, que exigia d'elles juramentos espantosos para se assegurar da sua fidelidade, que lhes imprimia nos órgãos sexuais certos caracteres indelévis; que em seguida ensinava-lhes a preparar beberagens compostas de sucos de plantas venenosas, de miolos de gatos selvagens, de entranhas de crianças no berço, e nas quais os feitiçeiros, seus discípulos, misturavam ás vêzes parcelas de hóstias consagradas que tinham tirado da boca num dia de comunhão; que lhes ensinava além disso a fazerem pós de diversas cores para provocarem enfermidades ou para as curar, uns pretos, que eram mortais, outros vermelhos, que curavam febres furiosas, e finalmente pós brancos para curar tôda a espécie de doença.

Os doutos padres da sociedade de Jesús pretendiam mais, que os adeptos do espirito maligno, sob a presidência do seu senhor, se reuniam á noite nos campos ou nas florestas sombrias e isoladas; que se dirigiam aí pelo ar, montados num bode, num cão sem cabeça, ou no cabo de uma vassoura; que uns saiam pela chaminé,

outros pela janela e muitos pela fechadura da porta; que estas viagens se executavam com uma prontidão incrível e só faziam sentir aos feitiçeiros e feitiçeras, o mextremo cansaço em todos os membros.

Aí, segundo os jesuitas, passavam-se sacrilegos horrores entre o príncipe das trevas e os seus acólitos; o conciliábulo começava por um festim magnifico: Igurias admiravelmente adubadas eram servidas aos convivas em pratos de ouro ou de prata; somente as viandas estavam em estado de putrefacção e não saciavam a fome. Satanaz presidia a esse banquete sob a forma de bode, dum cão ou dum gato preto, dum cavalo com cabeça de lobo, ou dum lobo com cabeça de cavalo. Depois da refeição, discursava num idioma que não pertencia a nenhuma lingua humana; em seguida levantavam-se todos para dansarem ao som de instrumentos extravagantes; um pau servia de flauta, uma cabeça de cavalo descarnada substitua a rebeca, e por tambor um deles batia com uma maça num velho tronco de carvalho, e ao som dessa música horrível, mais atroz ainda ao que os gritos loucos e os rugidos que elles soltavam, feitiçeiros e feitiçeras se despojavam das suas roupas dansando, uniam as costas uns dos outros, e homens e mulheres se confundiam sem escolha e sem distincção de idade ou de sexo, em abraços e caricias abomináveis. O próprio Satanaz revestia sucessivamente as formas de uma donzela formosa ou de uma jovem adolescente, e tomava posse de todos os homens e de tôdas as mulheres ultrajando a natureza. Quando estavam fatigados de luxúria, aclamavam a Satanaz e agradeciam-lhes a festa que lhes dera.

Desgraçados daqueles ou daquelas que não davam graças ao demónio: eram immediatamente castigados com um sem número de bordoadas. Finalmente, antes de se separarem, vinham todos ajoelhar diante do espirito das trevas; os homens beijavam-lhe os anus, as mulheres o membro viril, depois do que uns e outros depunham-lhe aos pés certas ofertas para se resgatarem dos males que elle lhes podia fazer, ou da servidão que lhe deviam. Alguns davam-lhe galinhas pretas, outros pequenos cães pretos, ou unicamente cabelos arrancados das partes vergonhosas; si faltavam a isso eram punidos com as desgraças domésticas, com doenças ou com a morte dos seus filhos; porque uma vez que se tinham entregado a Satanaz, este governava-os com um rigor que mal se poderia acreditar; maltratava-os, batia-lhes, afligia-os com enfermidades pelas menores desobediências, por terem faltado a um conciliábulo, por terem chegado tarde, por terem restituído a saúde a alguém sem sua permissão, ou por terem recusado envenenar os seus vizinhos, quando elle o ordenara.

Tais eram as superstições que propagavam os jesuitas, no começo do décimo sétimo século! Resultou disso que o povo, amador sempre do maravilhoso, acreditou nos feiticeiros, e em breve não se ouviu falar senão em magia, em sortilégios, em malefícios; por toda a parte se atribuíram os acontecimentos mais vulgares, e quando os padres ou os governantes queriam desfazer-se de algum inimigo, apontavam-no como um daqueles que estavam em relação com o príncipe dos infernos.

Estas crenças tornaram-se tão gerais, que ganharam as classes mais elevadas da sociedade; por isso a jovem princesa Catarina de Lorena, achando-se atacada de uma doença de languidez, cuja causa ignoravam os homens da arte, pretenderam os padres que lhe haviam feito uma malefício e acusaram disso um gentilhomem chamado Tremblecourt. Por esta simples acusação, o desditoso foi preso, conduzido ao castelo de Chatté e aplicado á questão; como ele não quis confessar o seu pretendido crime de magia, foi torturado e dilacerado até se seguir a morte. Deve-se dizer que ele era culpado de ter falado mal de alguns eclesiásticos poderosos da diocese, e que eram além disso suspeito de pender para a reforma. Morto o feiticeiro, tratou-se de exorcismar a princesa, e o bispo designou para essa tarefa um capuchinho converso chamado Felix de Cantalice. Este foi imediatamente ao castelo do duque de Lorena, fêz-se conduzir ao quarto de dormir da formosa Catarina, e ordenou que o deixassem só toda a noite para poder fazer os seus exorcismos sem ser incomodado por distrações exteriores. Ora, o astuto capuchinho adivinhara que a doença da jovem princesa era imaginária e que apenas necessitava de um marido; portanto exorcismou tanto e tão bem que logo na primeira noite Catarina sentiu um grande alívio; nas noites seguintes, continuou os exorcismos com o mesmo fervor, e pouco a pouco a enferma readquiriu forças, e as faces tornaram-se-lhe vermelhas; por desgraça, querendo o duque de Lorena assegurar-se dos meios que empregava o capuchinho para produzir aquela cura milagrosa, entrou uma noite no quarto de sua filha, e não ficou pouco surpreendido de os encontrar adormecidos nos braços um do outro; não pôde conter a sua cólera, precipitou-se sobre os culpados e estrangulou o sedutor. No dia seguinte, correu o boato que o capuchinho sucumbira numa luta com o espírito maligno, e para dar mais crença a esta fábula, o duque Carlos de Lorena enviou embaixadores a Urbano VIII para solicitar a canonização do bemaventurado Felix Cantalice, concedendo o papa mediante uma soma de sessenta mil libras, importância da taxa que deviam pagar os novos santos, para serem catalogados nas matrículas da corte romana.

O exemplo propagou-se, e cada província teve, como a Lorena, os seus feiticeiros e os seus exorcistas; a pequena cidade de Loudon, no Poitou, tornou-se entre outras o teatro de uma luta horrível entre uma legião de demônios evocados pelo cura Urbano Grandier e os padres de um convento de carmelitas, apolados por alguns veneráveis jesuitas. Foi o caso que a cidade de Loudon encerrava um convento de ursulinas composto de donzelas nobres e sem fortuna; era, pois, certamente um cargo muito agradável o de



D. Carmen Castillo, progenitora de Dom Luiz, aproxima-se da Ilha "El Gran Roque", a fim de visitar seu filho, preso, por ordem do Vaticano



diretor daquelas formosas freiras; por isso, depois da morte do padre que estava de posse do título de confessor, se apresentaram muitos concorrentes. O cura da cidade, chamado Urbano Grandier, foi ao concurso e regeitaram-no porque pregara no púlpito contra os carmelitas que entretinham relações com as religiosas, porque atacar os privilégios odiosos da nobreza, e sobretudo porque era suspeito de ter escrito uma sátira veemente, sob o título de a Sapateira de Loudon, contra o cardinal-ministro. Um cônego da paróquia de Santa Cruz, chamado Mignon, teve o cargo de diretor daquelas santas mulheres. Havia alguns meses que o cônego Mignon exercia o seu cargo de confessor, quando subitamente se falou em coisas singulares passadas no convento das ursulinas; espalhou-se o boato de que os espectros e fantasmas apareciam todas as noites, ás freiras, que muitas de entre elas eram agitadas de sintomas singulares e mui naturalmente, visto as idéias da época, atribuíam-se êsses fenômenos ao demônio. O diretor apressou-se em reunir muitos carmelitas e alguns cônegos, e na sua presença exorcismou três ursulinas que declararam que estavam sob a influência de um malefício do cura Urbano Grandier, que o sortilégio fôra operado por meio de um ramo de roseira florido lançado no convento, de modo que todas aquelas que tinham cheirado as rosas, haviam ficado enfeitçadas.

Grandier, vendo-se atacado pessoalmente, acusou o cônego Mignon de calúnia e apelou para os juizes e para o bispo de Poitiers, que recusaram intrometer-se nesse negócio; então dirigiu-se ao arcebispo de Bordeos, que se achava na

abadia de Saint-Jouin, próximo de Loudon, e conseguiu com o seu apóio fazer cessar os clamores das religiosas possessas. Estavam as coisas nesse estado, quando o conselheiro de Estado Laubardemont, a ama danada de Richelieu, veio o Loudon para vigiar a demolição do forte dessa cidade; os inimigos do cura apressaram-se em instruí-lo do que se tinha passado no mosteiro das ursulinas, do qual a soror Joana dos Anjos era superiora e sua parente. De volta a Paris, o conselheiro participou ao cardinal aquele acontecimento singular. Richelieu encantado por poder vingar-se do autor de uma sátira que o tinha desmascarado, enviou imediatamente Laubardemont a Loudon, com uma comissão real que o autorizava a proceder contra Grandier.

O cura foi preso e conduzido ao castelo d'Angers; apoderaram-se dos seus papeis, mas não encontraram nenhum que o compromettesse, á exceção de um manuscrito contra o celibato dos padres, si é que, a acreditar no que diz Bayle, essa obra não foi maldosamente introduzida nos papeis de Urbano Grandier pelos seus inimigos. Contudo, como a ordem de Richelieu era formal, instaurou-se o processo com um cuidado particular, e os juizes, á falta de provas materiais, aliciaram testemunhas falsas. Duas mulheres de má vida declararam ter tido um comércio criminoso com o acusado, e uma delas confessou que a embriagara com voluptuosidades infinitas para a fazer consentir em ser púncesa dos mágicos; as ursulinas acusaram-no de se ter introduzido de dia e de noite no seu convento, de lhes ter aparecido sob tódas as formas, de ter abusado delas uma vez sob a forma de um formoso cisne, de um touro, de uma serpente, outras vezes sob a figura de um adolescente e sob a do seu diretor Mignon; e como prova irrecusável, alegavam o seu estado de gravidez, que foi efetivamente verificado por médicos e matronas. Procedeu-se a novos exorcismos, e de tódas as vezes as freiras fizeram as mesmas revelações acusando Urbano Grandier de ser o autor do seu mal em virtude do seu pacto com o diabo.

Os juizes, que estavam todos vendidos a Richelieu, adotaram sem exame estas acusações ridículas e levaram a imprudência ao ponto de atestarem que, por diferentes vezes, durante os exorcismos, tinham visto sair três demônios do corpo de soror Joana dos Anjos, superiora das ursulinas, um sob a forma de um gato preto pelas ventas, outro sob a de um galo pelo anus, e o terceiro sob a de uma chama côr de sangue pelas partes vergonhosas. Terminado êste processo monstruoso, Laubardemont enviou os documentos ao cardinal-ministro, e êste apressou-se em nomear uma comissão de catorze magistrados, criaturas suas, para julgarem os antes condenarem o desditoso cura. Esta grande iniquidade foi realizada, em 18 de agosto de 1634! Urbano Grandier foi acusado e convencido do crime de magia e de malefício sôbre os pessoas, condenado a fazer penitência, a ser torturado e afinal queimado vivo com os pactos e caracteres das santas ursulinas de Loudon, e por êsse fato mágicos que as religiosas tinham depositado no tribunal.

Antes de ser conduzido ao suplicio, o desditoso foi aplicado á questão extraordinária do borzeguim, e atormentado atrocemente para lhe arrancarem uma confissão; mas apesar do hor-

ror do suplicio, suportou-o até ao fim e persistiu em declarar-se inocente do crime de magia. "O verdadeiro motivo desta perseguição feita a Urbano Grandier, diz Nicolau Pinette nas suas memórias, não era a magia, porque eu, que escrevo isto, assisti ás cerimônias de exorcismo das religiosas de Loudon, e posso afirmar que elas representavam uma comédia ridícula e abominável, e a prova é que logo depois da condenação deixaram de estar possessas, e continuaram com o seu modo de vida habitual..."

Urbano VIII soube os detalhes do assassinato jurídico de Grandier e a história dos diabos de Loudon, com indignação e dó, mas guardou-se bem de duvidar dos fatos que lhe eram atestados pelos reverendos padres da sociedade de Jesús, testemunhas desses prodígios, e por um lord estúpido chamado Montaigu que, iludido por aquelas truanices, viera a Roma para se fazer católico.

Enquanto ao imbecil Luiz XIII acreditou firmemente que o seu reino estava assaltado por legiões de demônios, e imaginou, para o garantir dos seus malefícios, pô-lo sob a proteção da Virgem, por um edito real concebido nos seguintes têrmos: "Consagramos particularmente a nossa pessoa, o nosso cetro, o nosso diadema e todos os nossos súditos á bemaventurada e sempre gloriosa Mãe de Deus, que tomamos, hoje, por padroeira especial do nosso reino de França".

Para Richelieu, êste acontecimento não era senão um episódio insignificante; católico fervente por cálculo, perseguia os hunguenotes, os feiticeiros, os homens de letras que ousavam escrever contra o papado enquanto que fornava alianças com os protestantes da Alemanha e se unia aos ingleses para combater os católicos espanhóis e preparava os meios de subtrair a França á obediência do papa e fazer-se proclamar patriarca das Gálias. Já êle fizera entrar nos seus planos um eclesiástico italiano, fino e astuto, chamado Mazarin, que desempenhava o cargo de núncio extraordinário junto da côrte de França; já êle fizera adjudicar tódas as abadias regulares e pusera á testa delas priores dedicados á sua pessoa, a fim de ter nêles auxiliares úteis quando chegasse o momento da luta com a santa sé.

Mas o papa que advinhara os seus projetos, resolveu fazê-los abortar; expediu imediatamente ao núncio Mazarin ordem para sair da côrte de França e de se dirigir ao condado d'Avignon na qualidade de vice-delegado, ordem que o prelado teve de cumprir, com grande desprazer de Richelieu que o queria enviar ou á Espanha ou á Alemanha para desligar os soberanos desses países da causa de Roma; em seguida significou ao cardinal-ministro que pusesse um freio á sua ambição, senão queria ser assinado ás nações como um inimigo da religião. Em breve, a exemplo de S. Santidade, ninguém em Roma teve mais respeito á França e aos seus representantes. Um dos sobrinhos do papa ousou matar pela sua própria mão o grande escudeiro do marechal d'Estrées, embaixador francês, por êle se não ter curvado bastante para cumprimentar sua eminência; um outro sobrinho de Urbano VIII, o cardinal António, não recebeu envenenar a enteada do marechal, que fizera sua

amante, e que estava grávida d'êlo, para se subtrair á obrigação de a desposar.

Em vão o embaixador reclamou o castigo do culpado; S. Santidade não quis ouvir coisa alguma, e proibiu mesmo ao marechal a entrada do seu palácio e do consistório. O marechal retirou-se imediatamente para Caparole, para junto do duque de Parma, que estava em hostilidades com a santa Sé, e participou á cõrte de França tudo quanto se tinha passado, para que exigisse uma reparação dos insultos feitos á Nação na pessoa do seu embaixador. Contudo, Richelieu não quis fazer representação alguma ao S. Padre, e com o seu silêncio pareceu aprovar o procedimento que êle tivera. Obrando assim, o astucioso cardinal tinha por fim aumentar a audácia e a insolência de Urbano e evitar tôda e qualquer dissensão com a cõrte de Roma até o momento de descarregar o grande golpe, isto é, tirar a França da obediência dos papas. Para assegurar o sucesso dessa empresa importante, não lhe restava senão fazer com que os jesuitas abraçassem os seus interesses, e trabalhava nisso ativamente favorecendo a tendência desses padres para as grandezas temporais.

Desde o princípio do século que os discípulos de Inácio de Loyola tinham introduzido nos seus estatutos importantes modificações que, insensivelmente, deviam tornar menos áspera a disciplina e operar mudanças notáveis na ordem; assim, os professores que até ali só haviam exercido uma censura intelectual sôbre os seus irmãos, foram investidos nos cargos administrativos com direito de partilha nos rendimentos dos colégios e dos outros benefícios da sociedade; seguiu-se mui naturalmente que êstes perderam uma grande parte da sua influência moral, e abrandaram pouco a pouco a sua severidade na admissão de novos membros, a fim de aumentar os seus rendimentos. Em breve, os colégios se acharam cheios de gente ávida e interessada, que não fez escrúpulo algum em se afastar dos deveres que lhe impunha o seu título de jesuitas de defender o papado, e só pensou nos meios de chegar mais rapidamente aos maiores cargos da ordem que conferiam ao mesmo tempo a autoridade espiritual e o poder temporal, e permitiam gozar na ociosidade as riquezas que afluiam de todos os lados para os tesouros da sociedade.

Uma vez entrados neste caminho, os jesuitas de França não pararam mais, e êsses homens, tão austeros antes, tão humildes, tão desinteressados, não recearam deixar ver em pleno dia o seu amor imoderado pelo dinheiro; fizeram-se corretores, agentes de negócios, banqueiros; administraram bens de seculares, intentaram processos e dirigiram empresas comerciais. As suas casas professas transformaram-se em escritórios e em centros de grandes indústrias, que pouco a pouco se estenderam aos dos hemisférios, e promoveram benefícios enormes aos colégios dos jesuitas estabelecidos nas diferentes partes do mundo.

Até êsse momento, tinham observado o princípio da sua sociedade relativamente á instrução gratuita para as crianças; tornando-se mais ambiciosos pelo próprio fato dessa acumulação de riquezas, começaram a afastar-se d'êlo, senão abertamente, pelo menos aceitando presentes



Casebre transformado em Capela, na Ilha "El Gran Roque", onde celebrava missa Dom Luiz, tolhido na sua liberdade, por intolerância do Vaticano



pela admissão de alunos, e procurando de preferência aqueles cujas famílias eram poderosas.

Os jesuitas não se ocuparam mais em pagar a fé nem em conquistar o mundo para o catolicismo; pelo contrário, esforçaram-se por dobrar a religião ás necessidades dos seus interesses materiais, e não só mudaram a constituição da sua ordem, como também alteraram os dogmas do cristianismo e corromperam a moral. Os seus teólogos publicaram numerosas obras sôbre a natureza do pecado, e declararam que não era outra coisa senão um afastamento voluntário dos mandamentos de Deus e que por conseguinte não se era culpado senão pelo conhecimento prévio da culpa e pela vontade refletida de a cometer.

Adotado êste princípio, desenvolveram-no com finíssima sutileza escolástica, e tiraram d'êlo as consequências mais singulares. Segundo essa doutrina bastava que uma causa ocasional ou necessária operasse sôbre o nosso livre arbítrio ou sôbre a liberdade da nossa vontade para não ter pecado, mesmo cometendo um parricídio. Uma paixão violenta, o habito, o mau exemplo, serviam de desculpa para justificar os maiores crimes. Os padres Tomaz, Tamburini, Suarez, Busebaum, Belarmino, Manuel Sá, Escobar Sanchez e um grande número de cassuistas, compuseram livros enormes sôbre estas matérias. Contentar-nos-emos com transcrever algumas das suas dissertações para dar uma idéia do grau de imoralidade a que tinham chegado aqueles padres infames, e para fazer compreender a justa indignação que os fez expulsar de todos os países, e a reprovação que nos nossos dias se liga ao nome jesuita.

"E' um grande benefício e uma graça preciosa, dizem os filhos de Inácio de Loyola, não conhecer a Deus; porque sendo o pecado uma injúria á Divindade, se não há conhecimento de Deus, não há necessariamente nem pecado, nem condenação eterna; assim o ateu, visto que não acredita na existência de Deus, não poderia cometer ação alguma condenável pela Igreja, mesmo quando o quisesse. E' certo que se pode

adorar legitimamente toda a espécie de coisas inanimadas, e até mesmo animais, apesar de que isso pareça censurável á primeira vista; pode-se igualmente prestar culto á criatura ou a algumas partes do seu corpo, mesmo ás do pudor, pela razão de que a Igreja permite adorar a Deus nas suas obras; contudo, como adorando ou beijando essas coisas se poderia passar por supersticioso, não se deve praticar isso em público”.

“Quando os gentios e os pagãos adoram os ídolos, como crêm firmemente que esses ídolos representam a Divindade, não cometem pecado”.

“Não se é obrigado a acreditar nos dogmas da religião nem nos mistérios, para obter a salvação; basta que se tenha tido fé uma só vez, embora por espaço de um segundo, durante a vida inteira. Succede absolutamente o mesmo com relação ao amor de Deus; não se é obrigado a amá-lo, senão por uma certa decência que nos diz que êle é digno do nosso amor; mas em consciência não se é obrigado a amá-lo, nem a servi-lo com coração sincero”.

“Para ouvir missa, basta que se esteja presente enquanto o padre oficia; uma má disposição de espírito, como a de olhar para as mulheres com os olhos da concupiscência, não basta para fazer perder os merecimentos do santo sacrificio, contanto que nos contenhamos exteriormente”.

“Não é um grande pecado para uma donzella entregar-se ao amor antes do matrimônio, ou para as mulheres receberem carícias de outros homens, e fazerem infidelidades a seus maridos em certas circunstâncias. Assin, quando a casta Suzana, da Escriitura Santa, exclama: “Si me entrego aos desejos impudicos destes velhos, estou perdida! estava em perfeito erro; como ela recejava a infâmia de um lado, e a morte do outro, podia dizer: “Não consentirei na ação vergonhosa, mas sofrê-la-ei, e não a revelarei a ninguém, para conservar a vida e a honra”.

“As donzellas sem experiência pensam que para ser casta é necessário gritar por socorro e resistir com todas as forças aos sedutores; não é assim. São igualmente puras, quando se calam e não resistem. Ninguém peca senão pelo consentimento e pela cooperação; si Suzana tivesse permitido aos velhos exercerem nela a sua luxúria, sem tomar parte nisso interiormente, é certo que não teria sido culpada. — Além disso a concupiscencia não é má por si mesma, nem em si mesma: é uma coisa muito indifferente e que não tem nada de censurável, tocar ou olhar para o próprio corpo, ou para o de um outro, quer no banho quer noutro sitio qualquer, si nisso se encontra utilidade ou deleite; um homem e uma mulher, que são estranhos, podem despir-se completamente na presença um do outro sem cometerem pecado. Uma mulher jovem pode sem inconvenientes lançar mãos dos enfeites para provocar os desejos carnaes dos homens, perfumar-se, pôr côr no rosto, adornar-se com ornamentos supérfluos, vestir roupas ligeiras que deixem ver o seio, desenhem os cortonos das coxas e façam adivinhar a sede do pudor, contanto que a moda o ordene”.

“Um homem não comete pecado, quer seja padre ou religioso, si entrar em lugares de deboches para falar de moral ás mulheres perdi-

das, ainda que seja mui verosimil que êle succumba á tentação, mesmo quando o tenha experimentado muitas vezes, e se tenha deixado seduzir pela vista e pelas caricias daquelas mulheres. A intenção que o levou a esses templos da voluptuosidade, basta para o preservar do peccado. Assim o servo, que é obrigado para viver, a servir um amo luxurioso, pode desempenhar as ações mais vis e mais vergonhosas, sem que por isso deixe de estar em estado de graça; pode mesmo alcovitar-lhe prostitutas, indicar-lhe os lugares, e ajudá-lo a escalar uma janela para praticar um rapto ou um estupro. Uma serva pode igualmente favorecer as intrigas de sua ama, introduzir os amantes a occultas de um pai ou de um marido, levar cartas e desempenhar todos os pequenos empregos nesse gênero, sem que isso tenha consequência alguma”.

“Uma meretriz pode exigir legitimamente o salário da sua prostituição, contanto que o não estime num preço muito elevado. Succede o mesmo a toda a donzella, que exercer secretamente a prostituição”.

“Pelo que diz respeito á mulher casada, os casuistas divergiam em opinião; uns pretendiam que não tinha direito igual a fazer-se pagar, visto que os proventos da prostituição não estavam estipulados no seu contrato de casamento; outros queriam, pelo contrário, que lhe fosse permitido elevar a um preço alto a sua honra, em relação á sua beleza, á sua nobreza e á sua honestidade”.

“O roubo não é peccado em certas e determinadas circunstâncias; uma mulher pode, a occultas de seu marido, tirar da bolsa comum o que julgar conveniente para doações piedosas; pode roubá-lo para despendêr á sua vontade no jôgo, no vestuário, ou na paga aos seus amantes, com a condição de que dará metade á Igreja. Os filhos podem igualmente, sob a mesma reserva, tirar aos pais, para os seus divertimentos, todo o dinheiro que a sua condição os autoriza a despendêr; os criados podem roubar os amos, em forma de compensação, si os seus salários forem muito módicos, e para repartirem com os padres; finalmente, todo aquele que roubar um rico sem o prejudicar, adquire o direito de legitima posse si empregar uma parte em obras pias, e pode sem peccado dizer ousadamente em justiça que não roubou coisa alguma”.

“Contudo si a consciência se recusar a um juramento falso, podem-se estropiar as palavras da formula pronunciando-as, e ficar-se á ao abrigo de toda e qualquer suspeita de peccado. Além disso, é permitido, quer em matéria ligeira, quer em matéria grave, prestar um juramento sem ter a intenção de o prestar; neste caso não se é obrigado a cumprí-lo. Si um juiz intimar para que se cumpra a fé jurada, pode-se recusar fazê-lo e dizer: “Não, não prometi coisa alguma”; porque isso pode significar: “não fiz uma promessa que me obrigue”. Sem esta evasiva pode-se ser condenado a pagar o que se não quer reembolsar ou a desposar a mulher que se não quer por esposa”.

“Logo, si, matardes um homem em vossa defesa legitima, podeis afirmar, sob a fé do juramento que o não matastes, com esta restrição mental: “Si êle não me tivesse atacado”. Si fordes surpreendido por um pai no quarto de

sua filha, e que elle queira forçar-vos a fazer-lhe uma promessa de casamento, podeis jurar ousadamente que a desposareis, subentendo estas palavras: "Si for obrigado a isso, ou si fór do meu agrado." Um mercador a quem taxem por baixo preço os seus gêneros, pode servir-se de pesos falsificados, e poderá negar na presença do juiz que tenha feito uso de pesos proibidos, subentendendo "dos quais o comprador tenha sofrido injustamente". Assim, também, se podem testemunhar perante a justiça, coisas supostas, com o auxilio de restrição mental; pode-se, pois, depôr que se ignora o que apenas se ouviu dizer; pode-se mesmo inventar fatos e receber sem escrúpulo dinheiro por êsse testemunho falso, sob a condição de entregar uma parte à Igreja".

As doutrinas dos bons padres sobre a sodomia, sobre as relações amorosas das mulheres entre si, sobre as vergonhosas torpezas de bestialidade, eram tão espantosas como as que Peles pregava sobre perjuro, sobre o roubo, sobre a prostituição e sobre o adultério; somos, porém, forçados a omiti-las, em virtude da obscenidade das cenas monstruosas que os veneráveis jesuitas traçavam nas suas obras com uma affectação de condescendência, não omitindo detalhe algum, e não deixando escapar a ocasião de mostrar o seu prodigioso saber em matérias semelhantes. Eram igualmente muito indulgentes para os assassínios, para os envenenamentos e até mesmo para os parricídios.

"Si um religioso, diziam êles, apesar de bem instruído no perigo que corre sendo surpreendido em adultério, entrar armado em casa da mulher com que tem relações amorosas, e matar o marido para defender a sua vida, não se torna irregular e pode continuar nas suas funções eclesiásticas. Si um padre, estando no altar, fór atacado por um marido cioso, pode licitamente interromper a celebração dos santos mistérios para matar aquele que o atacar, e logo em seguida, com as mãos manchadas de sangue voltar para o altar e acabar o sacrificio da missa."

"Não é permitido ao marido matar a mulher surpreendida em adultério; e a um pai matar a filha antes de haver sentença do juiz; de outro modo pecam mortalmente, mesmo si os culpados não quiserem interromper o ato na sua presença; mas depois de publicada a sentença, o pai ou o marido podem matar, um a filha, outro a mulher, porque se tornam os executores voluntários de um julgamento."

"Um filho pode fazer votos pela morte de seu pai a fim de gozar da sua herança; uma mãe pode desejar a morte de sua filha, para não ser obrigada a sustentá-la e a dotá-la; um padre pode desejar a morte de seu bispo na esperança de lhe succeder, porque é menos o mal do próximo do que o seu próprio bem que se deseja. — O filho que, num momento de embriaguez matar o pai, pode-se regosijar com o assassinio que perpetrou, em virtude dos grandes bens que disso lhe devem resultar e a sua alegria não tem nada de repreensível. — Um filho pode matar o pai, quando êste for banido ou declarado traidor ao estado ou á religião. — Os filhos católicos devem denunciar os pais, si forem heréticos, ainda que saibam que êsse crime implica a pena de morte para os autores dos seus dias; e si habitarem num país protestante, podem degolá-los sem temor nem remorsos."



Depois desta função religiosa, Dom Luiz foi preso, por intriga e calúnia do Nuncio Apostólico e do Arcebispo de Caracas, fazendo-o passar como comunista



Tais eram as doutrinas propagadas pelos partidários da côrte de Roma, pelos servos dos papas, por essa infame companhia de jesuitas que estava de posse da educação e da direção das consciências. Durante mais de cinquenta anos, um desses padres impudicos, o jesuita Escobar, ousava afirmar nas suas obras que não era pecado praticar o ato de sodomia, e contudo conservou o privilégio de confessar donzelas ingênuas e de pregar a sua moral destetável do alto da cadeira da verdade. Um outro discípulo de Inácio de Lolola, chamado Busembaum, ousava escrever que se podia beber em demasia sem pecar, contanto que se parasse antes de não poder distinguir um homem de um carro de ferro, e contudo estava encarregado como reitor de dirigir os colégios de Hildeheim e de Munster, com a aprovação da Santa Sé.

Não se pode acreditar que esta excessiva indulgência dos papas pelos jesuitas apertasse mais os laços que os prendiam ao catolicismo; não, o tempo das dedicações tinha passado; alguns casuistas, arrastados, pelas disputas religiosas, atacaram os dogmas e os mistérios da religião, e acabaram por deixar de respeitar o altar que os fazia viver. O padre Guimenius escreveu que não era necessário acreditar nos mistérios da Trindade e da Incarnação para obter a salvação, porque a não ser assim e contra toda a justiça os surdos e os mundos de nascença achar-se-iam condenados. "A religião cristã, acrescentava o douto jesuita, é acreditável mas não evidente, porque ensina coisas obscuras; ainda mais, aqueles que concordam em que esta religião é evidentemente verdadeira, são forçados a concordar que é evidentemente falsa. Conclui, pois disso que não é evidente haver na terra religião verdadeira, porque, como é que se sabe que todas as religiões que existiram e que existem, seja a do Cristo a mais verdadeira! Foram os oráculos dos profetas publicados pelo Espírito de Deus? Nego! São verdadeiros os milagres atribuídos a Jesus Cristo? Affirmo o contrário! E' verdade que não há inconveniente em fazer acreditar aos homens simples alguma coisa falsa, e é por isso que aprovo o Evangelho e todos os livros santos."

O padre Tamburini, na sua doutrina do probabilismo, vai mais longe ainda: Em matéria de religião, diz êle, é permitido seguir ora uma opinião provável, ora outra; é provável que o Cristo se fizesse homem, é provável que Jupiter se transformasse em touro. Devo acreditar nisso? sim! O contrário é, igualmente, provável e posso afirmá-lo do mesmo modo". O mesmo autor, passando a outras considerações, acrescentou: "É provável que um impôsto tenha sido lançado injustamente sobre uma provincia, mas é provável também que tenha sido estabelecido justamente; posso eu, na minha qualidade de recebedor, exigi-lo em consciência? sim! Posso também, como contribuinte recusá-lo? responderei sim do mesmo modo."

Como êstes bons padres tinham composto manuais para os fiéis de tôdas as profissões, em que estavam mencionados, explicados e desculpados todos os casos de consciência, bastava a cada um regular o seu procedimento segundo as suas prescrições para ter a certeza de viver em estado contínuo de graça.

Mas o século estava muito adiantado, e as luzes geralmente espalhadas, para que semelhantes doutrinas não excitassem uma opposição enérgica; como o sistema desta moral perniciosa se baseava inteiramente sobre idéias dogmáticas, cuja base era o livre arbitrio, foi exatamente sobre êste princípio que os seus inimigos os atacaram. Esta luta, a mais terrível que os jesuitas tiveram de sustentar, e que estêve a ponto de pôr em questão a própria existência da sociedade, começou de um modo bastante singular.

Na ocasião em que o célebre Luiz Molina publicava as suas obras sobre a graça, e dividia os teólogos de todos os países em dois campos, dois jovens estudante, um holandês, chamado Corneille Jansenius, e outro Gascão, chamado Duverger de Hauranne, seguiam os cursos da universidade de Louvain, então em opposição com o jesuita Molina. Ambos tomaram partido pelas doutrinas ensinadas no seu colégio, e conceberam contra os seus adversários um ódio violento que aumentou com os anos e que mais tarde devia ter terríveis consequências para os molinistas. Duverger e Jansenius dirigiram-se a Paris para terminarem os seus estudos, e foram em seguida a Bayonna, chamados pelo bispo daquela cidade para tomarem a direção de um colégio que êle fundara ali. Jansenius desempenhou o cargo de provisor até a idade de trinta e dois anos, e só o deixou para voltar a Louvain, onde fôra nomeado principal do colégio de Santa Pulquéria. Algum tempo depois, fêz-se receber doutor em teologia; mais tarde ocupou a cadei-

ra de professor de Escritura Santa, e em último lugar foi promovido á dignidade de bispo de Ypres, que apenas conservou poucos anos, tendo succumbido a uma peste que appareceu na sua diocese.

Foi sem razão que os molinistas se julgaram livres de um dos seus mais temíveis inimigos; Jansenius morrera vítima da sua caridade tratando dos pestíferos; mas ficavam as suas obras, e o fim glorioso do autor dava-lhes um valor extraordinário.

Uma dentre ellas, o Marte Gallicus, dividida em noventa e oito capítulos que formavam outras tantas sátiras pungentes contra os soberanos, atacava de frente a realza, desvendava os crimes dos reis de França, desde Clovis até Luiz XIII, e tivera já uma fama prodigiosa em toda a Europa. Contudo êste successo não era nada comparativamente com aquêle que devia ter a sua última obra, intitulada o Augustinus, que não fôra impressa ainda — Neste livro, que era principalmente escrito contra os jesuitas, o autor desenvolvia as fórmulas sobre a graça, sobre o peccado e sobre a remissão com vigor e lucidez; demonstrava que o princípio que os rege é a negação da liberdade ou vontade humana, que a alma está presa pelos laços da concupiscência e não pode ser livre senão com o auxilio da graça espiritual, isto é, que a nossa vontade está determinada a querer e a executar o que Deus ditou. Jansenius fazia igualmente de Deus a fonte da justiça, da verdade, ou antes reconhecia como Deus a própria verdade, porque é ella a mais sublime expressão do ser divino.

Enquanto que o illustre bispo de Ypres compunha o Augustinus, o seu amigo Duverger de Hauranne, que voltara a Paris, procurava já realizar pelas práticas da sua vida as perfeições da sua doutrina, e esforçava-se por lhe propagar as idéias essenciaes. Fêz adotar os seus princípios por um grande número de eclesiásticos, entre outros por la Roche-posay, bispo de Poitiers que, querendo absolutamente tê-lo junto da sua pessoa, lhe deu um canonicado na sua cathedral. Duverger não pôde habituar-se àquella vida de preguiça e de ociosidade, e resignou o seu cargo pela dignidade de abade de Saint-Cyran. Em breve mesmo, resolveu sair de Poitiers para voltar a Paris, e entregar-se num mais vasto teatro, ao seu zêlo e proselitismo. Dedicou-se á direção das consciências, e em pouco tempo alcançou uma reputação de piedade e de saber que lhe atraiu numerosos discipulos e ardentes amigos nas classes mais elevadas da sociedade; bispos, magistrados, ministros de estado, mosteiros de religiosos, personagens da mais eminente piedade,

ISAAC GARSON

ADVOGADO

Rua 1.º de Março, 35 — 1.º andar — Sala 6
das 12 ás 18 horas

Tel. 23-3981

Rio de Janeiro

consultavam-no todos e recebiam os seus conselhos com o mais profundo respeito e extrema docilidade. Sebastião Zabet, bispo de Langres, concebeu mesmo por êle uma tão grande afeição, que quis fazê-lo nomear seu coadjutor, dignidade que o abade de Saint Cyran regeitou, assim como o titulo de bispo de Bayonna, que lhe offereceu o cardinal-ministro por um motivo de interesse pessoal e para fazer do douto amigo de Jansenius uma criatura sua.

Pouco tempo depois, Zamet apresentou o seu protegido á célebre madre Agnés Arnaud, abadesa de Port-Royal, e á irmã de Agnés, chamada madre Angélica, abadesa do convento do Santo Sacramento, agregado áquella abadia, e que foi mais tarde suprimido, por ordem do rei, o que obrigou as freiras a reunirem-se ás religiosas de Port-Royal.

Esta piedosa habitação obteve em seguida, graças ás solicitações dos amigos do bispo de Langres, por privilégio de ser consagrada a uma agregação de frades e de religiosas, sob a direção de uma abadesa. Duverger de Hauranne, nomeado diretor da comunidade, pôde então pôr em execução os projetos que meditava e atacar as infames doutrinas jesuitas. Estes, furiosos por se verem desmascarados, lançaram libelos contra o abade de Saint-Cyran, excitaram o ódio invejoso do cardinal-ministro contra êle, levaram a audácia ao ponto de acusá-lo de heresia, e obtiveram que o encerrassem na prisão de Vincennes.

Laubardemont, o mesmo que figurara no processo de Urbano Grandier, foi encarregado de instaurar aquelle novo processo e fazer pronunciar uma condenação.

Foi nesse momento que se soube em França a morte de Jansenius e o aparecimento do Augustinus. Contudo a atenção não se concentrou immediatamente sobre aquella obra, por isso que os espíritos estavam muito preocupados com as emprêzas do cardinal-ministro contra o papado. Richelieu acabava de fazer publicar pelo parlamento um decreto proibindo submeter ao núncio apostólico as informações dos individuos nomeados para os benefícios consistoriais; ao mesmo tempo declarara nulo o registro de alguns breves que o parlamento de Borgonha promulgara de seu moto próprio; além disso fizera publicar, sob o nome dos dois irmãos Dupuy, uma obra intitulada "Dos direitos e das liberdades da Igreja Galicana"; finalmente os jesuitas, sempre sob a sua inspiração, tinham feito aparecer escritos cheios de ataques directos contra o papado, e em que os bons padres tentavam provar que a criação de um patriarca em França não tinha nada de cismático, e que o consentimento de Roma era tão necessário como o fóra para o estabelecimento dos patriarcas de Alexandria, de Jerusalém e de Constantinopla.

Urbano VIII mostrou-se extremamente ofendido, com a obra dos jesuitas franceses, entregou-a á inquisição de Roma e fê-la condenar como encerrando máximas perniciosas, contrárias á ordem hierárquica e á jurisdição da Igreja. Apesar de que o Santo Padre sabia perfeitamente de onde partia o golpe, não ousou castigar o

verdadeiro culpado e dissimulou o seu ressentimento; fêz mais ainda, mandou pedir ao marechal d'Estrées que voltasse a Roma, e obrigou seu sobrinho, aquelle que envenenara a enteada do embaixador, a ir ao seu encontro, em sinal de arrependimento pelo que se passara; avançou mesmo a promoção de dois cardiais para dar o chapéu ao núncio Mazarin, e testemunhou por êste modo a sua solicitude em satisfazer os desejos de Richelieu.

A causa deste excesso de condescendência, pelo ministro francês, provinha simplesmente de que S. Santidade queria obter a condenação do Augustinus, de Jansenius, em França. Não estava, porém, no poder de um homem impedir a propagação de uma obra que produzira uma sensação profunda e universal; os teólogos de Paris tinham-se applicado ao estudo do Augustinus d'Ypres, e haviam-no comentado por todos os modos; os jesuitas tinham-se colocado ao lado do papa e atacado o inimigo comum. Em tôda a Europa, o clero se achava dividido em dois campos; não se ouvia falar senão em graça eficaz e em graça sufficiente, e os nomes dos jansenistas e dos molinistas, que os dois partidos adotaram, tornaram-se tão famosos como o tinham sido noutro tempo na Itália os de guelfos e dos gibelinos.

Urbano VIII, instruído pela experiência dos últimos séculos, de que tôdas as discussões eram funestas ao papado, quis fazê-las cessar, publicando um breve que proibia a leitura do Augustinus, mas essa proibição não fêz mais do que aumentar a curiosidade geral, e o livro espalhou-se com espantosa rapidez.

No meio destas disputas, morreu o cardinal Richelieu, e o abade de Saint-Cyran, restituído á liberdade, pôde pôr-se á frente dos religiosos de Port-Royal, e dar um novo impulso á guerra teológica.

Enquanto ao papa, vendo impotente os seus esforços para sufocar aquellas contendidas, tomou o partido de não se inquietar com elas e de concentrar todos os seus cuidados na guerra mais séria que acabava de rebentar entre a S. Sé e o duque Odoardo Farnése. Procedeu como tinham por hábito proceder os pontífices, excomungou o duque de Parma, lançou contra êle os raios do Vaticano, declarou-o destituído de todos os seus direitos sobre os seus estados, e desligou os seus súditos dos juramentos que lhe tinham prestado como ao seu soberano legítimo. Como as bulas de anátema tinham caído num grande descrédito, sobretudo depois de que S. Santidade as fulminara contra os católicos espanhois, que mascavam tabaco, que o tomavam em pó, ou o fumavam nas Igrejas, e como Urbano podia melhor do que ninguém, reconhecer a sua inefficácia nas coisas dêste mundo, teve o cuidado de apoiar a sua excomunhão com um bom exército, que tomou o caminho de Parma. Em vão os embaixadores das potências estrangeiras quiseram intervir e reconciliar os dois inimigos, o soberano pontífice recusou aderir a proposta alguma de paz, e respondeu: "que não havia pacificação alguma possível entre o senhor e o seu vassallo, que queria punir o duque, que tinha

dinheiro, coragem e tropas e que com isso Deus e o mundo seriam por êle!"

Todavia Urbano estava em erro, porque os príncipes italianos, ciosos do engrandecimento do estado romano, não queriam deixar o pontífice apoderar-se do ducado de Parma, como fizera das províncias de Urbino e de Ferrara. Os duques d'Este, os príncipes da família de Medicis e os Venezianos, formaram uma liga, e vieram acampar em Modena para fechar a passagem ás tropas do papa. Odoardo Farnése, vendo que a Itália se declarara a seu favor, tornou-se mais ousado e resolveu tentar um grande golpe que terminasse imediatamente a guerra. A frente apenas de três mil cavaleiros, sem artilharia e sem infantaria, rodeou o exército do pontífice, que, estabelocera quartéis de inverno nos arrabaldes de Ferrara, fêz uma irrupção nos Estados da Igreja, sem ser incomodado nem pelo forte de Urbino, com o qual contava S. Santidade, nem pela milícia da S. Sé que, em vez de combater, se encerrou em Bolonha, e chegou até ás portas de Roma, tendo recebido na passagem a submissão das cidades de Imola, de Faenza, de Lali, de Castiglioni de Lago e de Città del Pieve. Mas aí, ou porque o assustasse a sua própria audácia, ou porque estivesse sob o império de considerações religiosas, em vez de atacar a cidade santa, que estava desguarnecida de tropas, e que teria tomado ao primeiro assalto, entabou negociações.

O astuto pontífice fêz hábilmente demorar os preliminares, ganhou tempo, recrutou novas tropas, e quando estêve em estado de entrar em campanha, interrompeu as conferências, obrigou o duque a retirar, e encarregou o cardial Antônio de tomar a ofensiva á frente de um novo exército de trinta mil homens de infantaria e de seis mil cavalos. Ao principio o sucesso respondeu ás suas esperanças; as tropas de Urbano repeliram diante de si os Venezianos e os duques Ferrara e de Modena, na Palestina e no ducado de Rovigo. Contudo nenhum dos aliados do duque de Parma veio fazer a sua submissão á S. Sé; continuaram todos a defender-se brandamente, e pareceram não ter outro fim senão demorar a guerra, esperando que uma crise financeira lhes desse a vitória sem combater.

Ora, o papa que sabia perfeitamente que o seu tesouro estava esgotado e seu crédito perdido, via com raiva aproximar-se o momento em que as suas tropas, á falta de soldo, debandariam, e o deixariam á mercê dos seus inimigos, si não fossem reforçar as suas fileiras. Escreveu, pois, aos seus generais que dessem uma batalha decisiva, enviando-lhes correio sobre cor-



Missa de Natal, em Porto Alegre, celebrada, pelo Pároco, Padre Raul Clementino Smania.

reio para os ativar e censurar a sua indolência. Contudo toda esta grande impaciência serviu apenas para fazer cometer imprudências aos chefes do exército papal; porque estes para obedecerem ás ordens do papa, travaram escaramuças em sítios arriscados e fizeram-se bater pelos Venezianos. Em uma delas, o cardial Antônio estêve a ponto de cair em poder dos inimigos e deveu tão somente a salvação á rapidez do seu cavalo.

Afinal chegou o momento crítico, o do soldo das tropas. S. Santidade não tendo como satisfazer ás exigências da sua posição, teve de dirigir-se aos embaixadores da regente de França, e pedir-lhes que negociassem a sua paz com os outros estados da Itália. Os embaixadores não quiseram atender a proposição alguma antes do papa ter levantado as sentenças de excomunhão fulminadas contra o duque de Parma, restituindo-lhe a cidade de Castro, condições estas que êle teve de aceitar. Urbano sentiu uma tão grande humilhação, por se ver reduzido a semelhante extremidade, que no momento de assinar o tratado, caiu em deliquio.

Desde êsse momento, a sua saúde foi-se debilitando, e pareceu abandoná-lo toda a sua energia moral; ouviam-no tão somente gemer e chorar, pedindo ao céu que o vingasse dos príncipes ímpios, que o tinham obrigado a fazer a paz; e em 29 de julho de 1644, exalou o último suspiro, blasfemando o nome de Deus, e confundindo nas mesmas maldições o doge de Veneza, os duques de Parma, de Modena e de Toscana, os Franceses e os Espanhois, os protestantes e os católicos!

LUTA!

Assinar "LUTA" é dar demonstração de querer libertar a Pátria do jugo nefasto do Vaticano, corruptor de consciências e blasfemador de Deus.

Dem Carlos

MESAS-REDONDAS

Domingos Magarinos

É digno de nota a desenvoltura, a "sinceridade" dos convivas de certas mesas-redondas, empenhados na defesa dos seus interesses, erros ou mesmo crimes, impunemente perpetrados durante o "Governo honesto do homem mais honesto deste Mundo".

Ouvi, ha dias, uma curiosa *conversa fiada*, na qual as doutrinas, as teses mais "oportunas" foram, amplamente discutidas.

Veio à baila o "nacionalismo da maioria dos brasileiros ignorantes de tudo que se passa, no resto do Mundo".

"O nacionalismo é isto!... "O nacionalismo é aquilo!..." "O nacionalismo é a muralha chinesa que impede a evolução do Brasil!..."

"Só um espírito obtuso, arcaico, retrógrado ou rotineiro, um *eminente analfabeto*, pensa e fala em nacionalismo".

"Só, no Brasil, se pensa e fala em nacionalizar. Em toda a parte do Mundo só se pensa e fala em desnacionalizar. É a única maneira de conquistar ou consolidar a Paz, isto é, universalizar os povos".

"Na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, em Portugal, ninguém pronuncia a palavra maldita, o vocábulo execrado que a própria Igreja Romana excomungou".

"Dizem que os estrangeiros exploram o Brasil e os brasileiros. O Brasil e os brasileiros é que exploram os estrangeiros, porque, os estrangeiros, geralmente, são os *homens do dinheiro* e só quem tem dinheiro pode ser explorado. Os brasileiros nunca tem dinheiro, e, quando tem, já não são brasileiros; são norte-americanos".

"Que pode fazer o Brasil, sem o capital estrangeiro? Que vale a nossa decantada *naturalidade* sem, a moeda estrangeira? Que valem o ferro, o petróleo, os minérios e tudo mais, sem o *ouro estrangeiro*?" "O café, sem o *dólar*".

"Desnacionalizemos o Brasil e os brasileiros para que possam, realmente, progredir", braçou um dos mais audaciosos ou melhor, o hóspede, o visitante, o homenageado, justamente, como proclamavam os jesuítas, em 1550".

"Enquanto cogitarmos de nacionalismo, não conseguiremos sair do *ponto morto* que paraliza ou impede o funcionamento normal do nosso maquinismo econômico".

Ouvi, até à última palavra, o "cívico e patriótico bate-papo", mas, confesso, fiquei enojado. Nauseado. Quanta mentira e quanto sofisma!

Procura-se, ainda hoje, atrofiar o raciocínio e a vontade própria dos brasileiros, como, no período colonial, obedientes ao decreto pontifical de Alexandre VI, tentaram os jesuítas, por meio dos férreos moldes da *Ratio studiorum* e do *perinde ac cadaver*, despersonalizar os nacionalistas e evitar a Independência do Brasil.

Não é devancio. É realidade histórica. Estudem a sejam sinceros.

Que podem esperar o Brasil e os brasileiros de progressistas, evolucionistas, "futuristas" da catadura desses "dignos convivas"

Será lícito ou moral que, no criminoso interesse para *acolitar* o Vaticano, sacrifiquem, prejudiquem o Brasil, como no caso recente dos milhões que intentaram extorquir ao patrimônio das Irmandades?

Será lícito incentivar a imigração de estrangeiros e proveito do Capitalismo Ianque, como no caso escandaloso dos nossos minérios, lesam ou traíam, a tódo o instante, a própria Pátria? Vendam, por dez, o que vale mil!...

Será lícito incentivar a imigração de estrangeiros para regiões, do Brasil, de onde os próprios nativos emigram, em virtude da inclemência do meio ambiente? Precisamos de braços ou de bôcas? Careceremos de trabalhadores, para cultivar a terra, ou de vagabundos, para esmolar e morrer de fome, no asfalto das capitais?

Governar não é permitir o desvio clandestino das rendas nacionais para os cofres de instituições estrangeiras, eclesiásticas ou mercantis, ou vender o Brasil ao Imperialismo e ao Capitalismo Internacionais, fazendo jus à "gôrdas comissões".

Governar não é negociar, fraudulentamente, com a teocracia e a plutocracia estrangeiras, os bens, os valores, as riquezas naturais do Brasil.

Não confundamos Palácio do Catete com Palácio de S. Joaquim, nem Cadeira Presidencial com Banco de Boston.

Cardial é "príncipe", mas, não é Presidente da República. Tem "honras", mas, não tem autoridade, na administração do país.

Cuidado!... A função constitucional do Exército é defender a integridade nacional. Exército não é *partido político* e, muito menos, *guarda pretoriana*, a serviço pessoal de *mandões* do Clero Romano. Cuidado! O povo despertou!

O dinheiro, hoje em dia, não é só de Cesar, é, também, de S. Pedro, mas, não é de Deus. Religião não é Política e, muito menos, Comércio. Política não é a arte de sofismar Constituição e Comércio, a técnica de infringir o Código Penal.

Evitemos a propagação dessas heresias. É melhor não ensinar do que ensinar errado.

Tiremos, ao contrário, o maior partido moral, o mais honesto e edificante proveito da *patriótica promessa*, a vitória cívica do pleito de 3 de Outubro de 1950. Não julgemos, sem provas, o caso do Maranhão. Raciocinemos.

O povo precisa raciocinar e impôr a sua vontade. É a Soberania Nacional.

A *Ratio studiorum*, o *perinde ac cadaver* e outros métodos pedagógicos e didáticos, medievais, ressuscitados nos educandários mantidos pelo Estado ou particulares, precisam ser, imediatamente abolidos e substituídos por outros que despertem e desenvolvam, no brasileiro contemporâneo, as faculdades congênitas de raciocínio e vontade própria, propositadamente atrofiadas, pelos "nosos primeiros mestres", desde 1950, como

O Divórcio na Câmara dos Deputados

Desde a sua fundação, em 6 de Julho de 1945, vem a ICAB propugnando pelo Divórcio. É, pois, com grande satisfação que encara o projeto de lei do Exmo. Sr. Deputado Nelson Carneiro, seguido do pronunciamento do Instituto dos Advogados.

Para orientação dos nossos leitores, transcrevemos, em nossas colunas, o que diz "O DIÁRIO DA NOITE", de 20 de Julho de 1951:

PASSOU NA CÂMARA A VOTAÇÃO SECRETA PARA O DIVÓRCIO

109 assinaturas no requerimento do deputado Nelson Carneiro — Não irá, sequer, a plenário

Vai a Câmara votar, em escrutínio secreto o projeto Nelson Carneiro, que concede divórcio aos casais separados por mais de cinco anos. Ontem o autor da proposição, furando todas as barreiras levantadas pelos anti-divorcistas, apresentou requerimento com a assinatura de 109 deputados, pedindo votação secreta para a proposição. Essa iniciativa do deputado Nelson Carneiro anulou os planos dos liderados do cônego Arruda Câmara, que estavam cogitando de pedir votação nominal para a matéria, logo que ela surgisse em plenário. Os divorcistas da Câmara dos Deputados enxergam na votação nominal um grande obstáculo ao êxito da proposição, de vez que os parlamentares que votassem a favor estariam vulneráveis a campanhas de exploração política em seus Estados por parte da Igreja, que já tomou posição rígida em defesa dos seus princípios.

NÃO IRÁ A PLENARIO

De acôrdo com o número IV do parágrafo único do artigo 137 do regimento, um terço da Câmara pode determinar a votação secreta de qualquer projeto. Baseado nesse artigo, foi que o sr. Nelson Carneiro ontem apresentou o seguinte requerimento, que independe de pronunciamento do plenário:

— Na forma do art. 137, IV do Regimento (que assegura a um terço dos deputados obter, mediante requerimento escrito, escrutínio secreto para qualquer votação), vimos requerer seja procedida, em escrutínio secreto, as votações do projeto n.º 86, de 1951, de autoria do sr. Nelson Carneiro, sem que isso importe em manifestação favorável ou desfavorável à referida proposição. Sala das Sessões, 19 de julho de 1951. Nelson Carneiro, Felix Valois, Carvalho Neto, Orlando Dantas, Manoel Peixoto, Marinho Machado, Napoleão Fontenele, Filadelfo Garcia, Heitor Beltrão, Lima Figueiredo, Lopo Coelho, Aliomar Baleeiro, Osvaldo Orico, Armando Correia, Cunha Bueno, Lucio Bittencourt, Plínio

Coelho, Antenor Bogéa, José Guiomard, Marrey Junior, Alberto Bottino, Salo Brand, Castilho Cabral, Mario Eugenio, Paulo Lauro, Manhães Barreto, Henrique Pagnocelle, Cezar Santos, Hildebrando Bisaglia, Lucio Borralho, José Matos, Clovis Pestana, Ivete Vargas, Oliveira Brito, Ari Pitombo, Antonio Balbino, Jaime Araujo, Pereira da Silva, Joaquim Viegas, Jader Albuquerque, Epílogo de Campos, Abelardo Andréa, Dario de Barros, Abelardo Mata, Saturnino Braga, José Guimarães, Alfredo Barreira, Clodomir Millet, Alfredo Dualibe, Mario Altino, Gurgel do Amaral, Paulo Nery, Virgílio Santa Rosa, Araf Moreira, Campos Vergal, Lauro Cruz, Menotti del Picchia, Emilio Carlos, Menezes Pimentel, Moreira da Rocha, Otavio Lopo, Francisco Macedo, Dolor de Andrade, Bias Fortes, Roberto Morena, Breno da Silveira, Cunha Machado, José Neiva, Mendonça Braga, Paulo Maranhão, Nelson Parijós, José Gaudencio, Alberto Deodato, Monteiro de Castro, Carlos Valadares, Adail Barreto, Lima Cavalcanti, Jaime Teixeira, Coaraci Nunes, Miguel Couto, Osvaldo Fonseca, João D'Abreu, Mirocles Veras, Leonidas Melo, José Pedroso, Benjamim Farah, Antonio Feliciano, Alvaro Castelo, Coutinho Cavalcanti, Placido Olimpio, Joaquim Ramos, Vasco Filho, Licurgo Leite, Lameira Bittencourt, Rafael Cincurá, Afonso Matos, Vitorino Correia, José Candido, Chagas Rodrigues, José Romero, Celso Peçanha, Antonio Maria Correia, André Fernandes, Luiz Garcia, Anizio Moreira e Ulisses Guimarães".

NOVO DEBATE NA CÂMARA

Hoje, como segundo orador inscrito, deverá usar da palavra na Câmara o deputado monsenhor Arruda Câmara, que combaterá a proposição Nelson Carneiro. O projeto se encontra na Comissão de Constituição e Justiça e foi distribuído ao Deputado Luis Garcia, um dos signatários do requerimento de votação secreta, para relatar.

O PRONUNCIAMENTO DO INSTITUTO DOS ADVOGADOS

O sr. Oscar da Cunha, com palavras de grande elogio, apresentou o projeto Nelson Carneiro ao Instituto dos Advogados, solicitando um pronunciamento dos seus pares sobre a matéria que vem empolgando a opinião pública nacional. Foi designado relator o conhecido advogado João de Oliveira Filho, que já exarou parecer provável à constitucionalidade e conveniência da proposição do deputado baiano. O parecer aprecia também o aspecto moral do projeto, concluindo pela sua aceitação.

IGREJAS NACIONAIS

Escreve: Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Em Avião da Braniff Airways do dia 21 de Junho de 1951, chegou, ao Rio, exilado, procedente do Panamá, S. Ex. Revma. o Sr. Dom Luiz Fernando Castillo Méndez, Patriarca de Caracas e Primaz da Venezuela, da Igreja Católica Apostólica Venezuelana.

Tive ocasião de examinar todos os documentos de Dom Luiz. A própria polícia da Venezuela confessa que todos os antecedentes de Dom Luiz são bons, não podendo sua conduta ser recriminada. E nada existindo contra Dom Luiz, foi ele preso, porque não admite intervenção estrangeira religiosa, dentro da sua Pátria, escravizando o povo e pervertendo as consciências. Como aqui, lá também e em toda parte, é o VATICANO que pretende ter a hegemonia em todos os assuntos religiosos, políticos, económicos e militares. Não. Essa situação não continuará.

Por exigência do Vaticano, Dom Luiz foi preso e conduzido a uma Ilha — EL GRAN ROQUE — e lá ficou oito meses. Perverso, o Vaticano pretendeu matar Dom Luiz de fome. Não conseguiu. Era preciso o Governo dar uma satisfação ao público. Como manter preso, durante tanto tempo, um bispo inocente? Sendo o motivo exclusivamente, religioso, o Vaticano, mais uma vez fez pressão, e foi comutada a prisão pelo exílio.

Deixou, pois, Dom Luiz a sua Pátria. Em todas as Repúblicas Americanas, ele encontraria as mesmas dificuldades. Foi para o Panamá. Do Panamá para Guatemala. Lá encontrou uma Nação, pequena, porém, que não se deixa influenciar por tribunais inquisitoriais, nem por magnatas feudais e ditaduras de tacão de Tio Sam, reduzindo uma Nação a uma Senzala ou a um Banco de Boston. Era precisão que, um por um, todos os habitantes da Guatemala fossem livres, para que a Nação fosse uma República digna do seu povo. Essa a obra do grande homem e de espírito profundamente democrático: JOÃO JOSÉ ARÉVALO. Para libertar Guatemala da escravidão em que vivia, foi necessário que os altos interesses da Nação se chocassem com os interesses culturais, políticos e económicos de trezentas famílias, herdeiras de privilégios coloniais e ligadas a interesses estrangeiros coordenados com elementos administrativos oficiais de mútua protecção, fazendo crescer geometricamente suas finanças. Noventa por cento da população era escrava dessa situação africana. E foi JOÃO JOSÉ ARÉVALO, o grande Presidente da Guatemala, quem restituiu Guatemala ao Governo de si mesma, pondo em prática a Nova Constituição liberal. Está Guatemala livre de influências do Vaticano e do Dolar Americano. Livre de influências do Vaticano, porque o Art. 32 da Constituição diz: "*É proibido o estabelecimento de congregações conventuais e de toda espécie de instituições ou associações monásticas, assim como a formação e o funcionamento de organizações políticas de caráter internacional ou estrangeiro*".

Na Guatemala, os Padres não andam de batina, na rua, e as Irmãs estão proibidas de sair de hábito. É uma Nação pequena, que está dando lições ao Brasil.

Quanto á intervenção estrangeira, o representante dos Estados Unidos pretendeu se imiscuir nos assuntos internos e Arévalo fez ver á Secretaria de Estado que a pessoa do seu representante deixara de ser grata, dando o prazo de vinte e quatro horas para se retirar do país.

E o Embaixador Americano teve que sair da Guatemala.

Quando eu estive preso, na cidade de Bonfim, em Minas Gerais, lá me apareceu um padre para saber quais as intenções minhas. Com Dom Luiz sucedeu o mesmo. Foi visitá-lo, na Ilha — EL GRAN ROQUE — um padre romano. Recebido, pelo administrador, este disse-lhe: — Acho bom V. Revma. não insistir em estar com Dom Luiz, porque, aqui, a começar de mim, todos pertencemos á Igreja Nacional e, a mim, me faltam meios, para garantir a sua pessoa, em caso de um levante, nem eu me poria a seu lado contra Dom Luiz.



Dom Luiz, no exílio, por exigência do Vaticano, ao Governo Venezuelano

Depois de dezessete dias de permanência na Guatemala, onde elementos da sociedade guatemalteca fundaram a Igreja Católica Apostólica Guatemalteca, Dom Luiz retirou-se para o Panamá.

Entrando certo dia numa Igreja do Panamá, a Cúria levantou uma calúnia contra Dom Luiz, dizendo que ele estava aliciando o povo para se apoderar de algumas paróquias. A imprensa do Panamá colocou-se ao lado da Cúria, obrigando Dom Luiz a se defender. A polícia começou a agir, até que, chamado pelo Chefe de Polícia, este lhe deu o prazo de três dias para se retirar do país.

No Panamá, os bispos são estrangeiros e existem apenas, três padres "romanos", de nacionalidade panamenha. É o franco domínio do VATICANO.

Expulso do Panamá, Dom Luiz veio procurar refúgio no Brasil. Está comigo. É meu hóspede. Aqui, no Brasil, a questão entre a Igreja Romana e a Igreja Brasileira já está resolvida. Já está firmada a jurisprudência nos Tribunais do país. E aqui Dom Luiz ficará aguardando que o seu país entre no regime constituo-



Sargentos Técnicos-Sub-Oficiais da Aeronáutica, do Exército Venezuelano, da Igreja Nacional Venezuelana, que terminaram seu curso de aperfeiçoamento, em Balboa — Zona do Canal do Panamá

nal para regressar, em seguida, à sua Pátria e lá continuar seus trabalhos apostólicos.

E como ficou a Igreja Católica Apostólica Venezuelana? Morreu?

Como aqui, lá, também, a questão suscitada, pela Igreja Romana, está sendo elemento preponderante de propagação das idéias abraçadas, pelas Igrejas Nacionais.

Lá ficou uma heroína, batalhando. Quem? D. Carmen Castillo, progenitora de Dom Luiz. É a mulher forte do Evangelho. Atende a tudo e a todos. É a mulher dos primeiros tempos do cristianismo. É o tesouro da Igreja Nacional Venezuelana. Com ela estão seus filhos sustentando as obras iniciadas por Dom Luiz. As Escolas continuam funcionando. Um irmão de Dom Luiz abandonou o emprego, para cuidar exclusivamente das Escolas, primária e secundária. É ela que assiste a tudo e tudo governa.

Temos presente o comentário religioso de "O NORDESTE", de Fortaleza, dia 14 de março de 1951.

Ataca a Rússia, dizendo que a nova tática de Moscou é a fundação de Igrejas Nacionais, para liquidar com a Igreja Romana. Nada disso. O Governo Soviético cometeu grande erro, logo de início. Deveria fazer o Vaticano optar ou pela Tiara ou pela Religião. A Tiara representa o poder triplice dos "papas". O Vaticano governa o CÉU, a TERRA e o INFERNOS. É o domínio completo do Universo. Si com a Tiara o "papa" é coroado Monarca Universal, com as chaves, ele penetra e domina todos os governos do mundo e

abre as portas do Céu para os assassinos e viciados, e as do Inferno para os seus perseguidos.

Si com a Tiara o "papa" domina todo o Universo, com a Religião, ele explora toda a Humanidade.

A Rússia não ataca a Religião. A Rússia deveria expulsar, logo de início, todo o clero estrangeiro, porque forma o grande exército internacional de espíões nacionalizando a Religião. Não devia permitir que súditos seus recebam ordens de um estrangeiro. Em outras palavras: Deveria exigir Hierarquia Nacional.

O desastre da Rússia serviu de exemplo à China. Diz a Nota de "O NORDESTE": Nacionalizar para dividir. Não. Nacionalizar para que haja Ordem e Progresso. Nacionalizar para que as riquezas do país não sejam utilizadas, enviadas para Roma, no próprio massacre nacional. O dinheiro enviado para as MISSÕES, com esse dinheiro, o VATICANO massacra a Humanidade.

É sabido de todos que o fechamento do Partido Comunista partiu do Palácio S. Joaquim. É sabido, também, que o massacre dos comunistas partiu do Palácio S. Joaquim. Toda a desordem, dentro do país, é provocada pelo Palácio S. Joaquim.

E isso não é perseguição!...

O mundo só terá Paz, quando cada país nacionalizar tudo o que é seu. O primeiro passo para essa NACIONALIZAÇÃO é a NACIONALIZAÇÃO DAS IGREJAS.

Rio, 6 de Julho de 1951, 6º aniversário da ICAB.

UNA IGLESIA para cada País Americano

Bloqueado en Guatemala.—Historia de un cura pobre.—Los dos cleros.—La Iglesia Nacional.—Retorno a la Iglesia primitiva.—Diferencia con la Iglesia Romana.—La Iglesia y el problema social.—Una opinión final.

Reportaje de FRANCISCO CATALAN

SENCILLO, jovial, con acusados rasgos de mestizo, sin acudir nunca a la frase o palabra rebuscada, regordete y mediano de estatura, más parece un campesino con hábito que un sacerdote que ha provocado el movimiento religioso más importante y hasta ahora de insospechadas proyecciones a lo largo de toda la historia de América. En nada recuerda al cura tradicional que cocea o por pedantería o por el mucho uso del latín.

Se trata de Monseñor Luis Fernando Castillo Méndez, Arzobispo de Caracas y Primado de Venezuela de la Iglesia Católica Apostólica Venezolana, quien al frente de un grupo de sacerdotes negaron el predominio de Roma y sostienen que cada país de América y del mundo entero debe contar con una Iglesia absolutamente libre y de acuerdo con sus propias e innegables realidades. Pero no se sola la teoría siguiendo el ejemplo de otro grupo de sacerdotes brasileños que pocos meses antes se independizaron de Roma, han creado de aquel reducido núcleo una Iglesia de considerables proporciones.

Bloqueado en Guatemala

A fines de Abril llegó Monseñor Castillo Méndez a Guatemala en calidad de exilado. Desde entonces fué materialmente cercado para que no hiciera ni declaraciones ni pronunciamientos públicos. Los interesados casi logran su propósito si no en la ayuda eficaz del colega y amigo Alfonso Alvarado quien contribuyó a que pudiésemos verlo casi con un pie en el avión, antes de partir.

Sin embargo, la entrevista no fué del todo fructífera. Monseñor Castillo Méndez sabe que no debe comprometer su Iglesia ni su posición con juicios que inciten a represalias, ya ejercidas con violencia. La Iglesia Católica Apostólica



Monseñor Luis Fernando Castillo

Venezolana es demasiado joven y sin la suficiente fortaleza para resistir los golpes de sus enemigos. Aún de lejos no olvida que se ha entregado a una causa de la cual no puede distraer fuerzas inútilmente. A pesar de todo ello, con lo que logramos obtener de sus labios — poco pero interesante — y con algún conocimiento que ya teníamos y recortes de periódicos, construimos este reportaje.

—Hemos creado — dice — una Iglesia para Venezuela. Nuestro pueblo tomó su ruta y escogió a

Bolívar en vez del Papa, escogió a su patria en vez del Vaticano.

—Ojalá — agrega — todos los pueblos americanos nos imitaran. Son nuestros deseos pero no podemos hacer más que orar. Si intervinieramos, violentaríamos nuestro principio fundamental que es una Iglesia independiente para cada pueblo

y explota, que sostiene a Trujillo y Somoza. Es el reaccionario y fanatista. Es quien le lleva dólares a Franco para que pueda seguir sojuzgando a España. Es el que se distancia del pueblo pero lo fanatiza apartándolo del verdadero culto a Dios. Si Cristo expulsó a los mercaderes del templo, ¿qué no haría con estos que han hecho de la Iglesia una mercancía?

La Iglesia Nacional.

No podía serse buen cristiano contribuyendo a mantener la miseria y la ignorancia del pueblo, fuente de pecados y perversiones.



De izquierda a derecha: Alfonso Alvarado, Francisco Catalan, nuestro Director Alfredo Palmieri, monseñor Luis Fernando Castillo.

Historia de un cura pobre.

Luis Fernando Castillo Méndez es un muchacho de familia pobre y muy religiosa. Los principios cristianos inculcados en el hogar le firman su vocación por el sacerdocio desde que corría por las calles de su ciudad natal, Ureña, Estado de Táchira, Venezuela. Finalmente en 1934, a los once años, ingresó en el seminario. Es cuando siente la discriminación, las prebendas, las distinciones, cuando comprende que no es lo mismo ante los hombres así sean religiosos, el hijo de familia pobre que el hijo de familia rica, aunque a los ojos de Dios no hay diferencia.

Al seminario ha llevado también otra visión: la de la miseria, la ignorancia, la enfermedad, el hambre, y algo que ha de ser decisivo, el obispo lleno de orpел cruzando frente a los mendigos que se agupan a la entrada de la Iglesia. Es enviado a España y se ordena sacerdote el 10 de agosto de 1944, a los veintidós años, en Solsona. El regreso a América le marca un nuevo derrotero.

Los dos cleros.

—En América hay dos cleros. Uno es el criollo que viste sotana raiada, que siempre es postpuestu, que tiene a su cargo los curatos más pobres, pero que ama a su patria y mantiene la tradición de Hidalgo y Matamoros en México, del cura Delgado en Centroamérica y Méndez y Madariaga en Venezuela.

El otro es el extranjero que se rodea de pompa y oro, que medra

traicionando a la patria y fingiendo lo por servir a una organización internacional supeditada a Roma.

Para remediar esto, el 14 de febrero de 1947 surgió la Iglesia Católica Venezolana. La formaban treinta y tres sacerdotes romanos entre los cuales fué electo primado Monseñor Luis Fernando Castillo Méndez. Como se necesitaba tener sucesión apostólica episcopalmente, lo consagró el Arzobispo de Río de Janeiro y Patriarca Primado del Brasil, Monseñor Carlos Duarte Costa, fundador y jefe de la Iglesia Católica Apostólica Brasileña, la primera Iglesia americana que se separaba de Roma. A la ceremonia concurren como obispos asistentes Salomau Farrás y Antidio José Vargas.

En la actualidad cuenta con un seminario, 153 seminaristas, 230 sacerdotes y un fuerte porcentaje del pueblo venezolano. Precisamente Monseñor Castillo se encuentra en visita pastoral a la Isla de Los Roques, cuando la Junta de Gobierno venezolano ordenó su confinamiento y posteriormente su deportación.

Retorno a la Iglesia primitiva

La Iglesia venezolana intenta regresar a los tiempos primitivos en los cuales los ritos eran más puros y el sentido social de la organización religiosa más acentuado, aparte de que es en la multiplicitad de Iglesias cristianas de entonces, donde encuentra la razón histórica para separarse del Vaticano.

Aquellas reuniones de Neles elegían sus obispos en anabimbas, sig-



5 CTS.

A.P.C.

Nº 10

Guatemala, 17 de Mayo de 1951

Año 1

Emperador Justiniano en 533 dió el espaldarazo y consagró esas pretensiones imperialistas

Sostiene la importancia que tuvo Pablo en la formación de la Iglesia y estudia con detenimiento la epístola de éste. Resume su separación en estas razones:

a) "Jesucristo Nuestro Señor dió a sus apóstoles el mismo poder que dió a Pedro"

b) "Los apóstoles nunca reconocieron en San Pedro al Vicario de Cristo y al infalible doctor de la Iglesia"

c) "Los concilios de los cuatro primeros siglos, mientras reconocían la alta posición que el Obispo de Roma ocupaba en la Iglesia por motivo de Roma, tan sólo le otorgaron una preeminencia honoraria, nunca el poder y la jurisdicción"

d) "Los santos padres en el famoso pasaje: "Tú eres Pedro y sobre esta piedra edificaré mi Iglesia", nunca entendieron que la Iglesia estaba edificada sobre Pedro, sino sobre la roca, es decir, sobre la confesión de la fe del apóstol"

Rechaza la infabilidad del Papa establecida en 1870 en el Concilio Vaticano. Aceptarla — dicen — es aceptar las perversidades de muchos Papas anteriores, como Sergio y su hijo natural Juan XII, que fué "elegido por influencia de las cortesanas" a los 18 años; como Alejandro VI, el amante de Lucrecia, como Juan XXII que negó la inmortalidad del alma y muchos otros más

La hegemonía de Roma ha sido el origen de los sucesivos desmembramientos de la Iglesia, entre los cuales el más importante es la formación de la Iglesia Católica, Apostólica, Ortodoxa de Oriente, que

—Pasa a la página 12

Charnaud MacDonald renuncia del PAR

(BUSQUE INFORMACION EN PAGINA 16)

ALTO EMPLEADO A LA CARCEL POR ROBAR TIMBRES FISCALES

Después de que se presentó un grupo de elementos de la Guardia Judicial y procedieron a investigar, se estableció que se había perpetrado un desfalco de alto valor en la oficina de la sección contable. Los detectives se retiraron a los pocos minutos y también el alto empleado del Ministerio de Relaciones Exteriores que tenía a su cargo esta dependencia, junto con los representantes de la autoridad, pasándolo al primer cuerpo, precautoriamente.

Hasta el momento no se ha establecido el monto de la cantidad a que asciende el desfalco, habiéndose afirmado que se trata de una fuerte suma en especies fiscales. El descubrimiento se hizo desde el sábado pasado y las investigaciones han prosseguido. Los delegados del Tribunal de cuentas que están llevando a cabo una revisión en todas las dependencias del gobierno en que se manejan fondos, se apuraron un segundo éxito del que se tiene conocimiento, habiendo sido el primero el de la Dirección de Ganadería cuya información oficial aún se mantiene en reserva como el caso de Relaciones Exteriores.

—Pasa a la página 16

Dom Luiz concede una entrevista ao Jornal A. P. C., na Guatemala, sobre as Igrejas Nacionais

NOTICIAS DA ICAB

Distrito Federal

PENHA

CENTRO DIFUSOR DA ICAB

Atividades:

No dia 1º de Abril de 1951, o Centro Difusor da ICAB promoveu uma homenagem a S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, pela passagem do 40º aniversário de sua Ordenação Sacerdotal.

O Ilmo. Revmo. Sr. Padre Olinto Ferreira Pinto celebrou missa festiva em ação de graças, saudando, em seguida, S. Ex. Revma. com o discurso, que ilustra as páginas de "LUTA!":



A garotada da Escola N.S. Menina da Penha, festeja o aniversário do Padre Olinto Ferreira Pinto, em 18 de maio de 1951

Exmo. Sur. Dom Carlos Duarte Costa
Prezados ouvintes.

Desejo, antes de tudo, agradecer a Deus e aos católicos apostólicos brasileiros, a generosa mercê que me outorgaram de interpretar o júbilo sincero e justo que rigosija os nossos corações, pela data que, hoje, transcorre e comemoramos, neste abençoado momento.

Ha quarenta anos, precisamente, tomava ordens sacras o em'nente patrício, o grande brasileiro, S. Excia. Revma. Dom Carlos Duarte Costa, digníssimo Bispo do Rio de Janeiro, iluminado e fervoroso apóstolo da Religião Católica Apostólica Brasileira.

De fato, no dia 1º de Abril de 1911, era ordenado sacerdote, o diácono Carlos Duarte Costa, predestinado pela Providência Divina, para ressuscitar, na alma, na mente e no coração do povo brasileiro, a verdadeira doutrina do Cristo, o legítimo, o genuíno Cristianismo que Jesus de Nazaré, ensinou aos homens de seu tempo: Amor, Perdão e Caridade.

Esta data não poderia passar despercebida aos discípulos de tão preclaro Mestre, e, por isto, peço vên'ia para salientar, nesta pálida síntese, um pouco da sua gloriosa vida, inteiramente devotada à sublime e sacrossanta missão a que se devotou, abnegadamente.

Sim; peço licença para falar-vós da luminosa personalidade do impávido evangelizador da perfeitíssima doutrina cristã, no Brasil, na qualidade de seu humilde auxiliar que, por uma feliz coincidência, completa, hoje, um ano que iniciou seus passos, na senda espinhosa que vamos palmilhando.

Muitos desconhecem, efetivamente, as nobres e dignas qualidades morais do ex-bispo de Maura e daí a

necessidade imperiosa de recordar fatos assinalados em sua modelar biografia.

Nasceu S. Excia. na capital da República, a 21 de Julho de 1888.

Perdeu seu pai, aos 4 anos de idade, passando, por este doloroso motivo, a residir, em companhia de seu tio, D. Eduardo Duarte Silva.

Em 1898, com 9 anos, seguiu para Roma, onde o seu referido tio fê-lo matricular, no Colégio Pio Latino Americano.

Nesse estabelecimento de ensino, estudou humanidades e filosofia, cursando teologia com o seu tio, D. Eduardo Duarte Silva, em Uberaba — Regressando ao Rio de Janeiro, encetou a sua missão sacerdotal.

Pelas suas virtudes, inteligência e cultura, exerceu os encargos e as comissões mais importantes do Arcebispado Romano, em terras brasileiras.

Foi coadjutor da Igreja de Santa Rita, e, sucessivamente, da Glória e da Catedral Metropolitana, e Vigário da Luz.

Promovido a Cônego, foi, em seguida Secretario do Arcebispado e Vigário Geral, e a 8 de dezembro de 1924, sagrado Bispo de Botucatu em S. Paulo, tomando posse a 2 de fevereiro de 1925.

Esteve 13 anos como Bispo de Botucatu, renunciando, em 1937, passou a residir, nesta cidade, como Bispo titular de Maura, iniciando a patriótica e humana campanha de evangelização do autêntico, do legítimo, do genuíno Cristianismo, no Brasil.

Esta denodada batalha, como ninguém ignora, custalhe os mais aflitivos vexames e os mais amargurados sacrifícios.



O Padre Olinto Pinto, auxiliar do Bispo de Maura na Penha, e D. Laura Jannuzzi, Tesoureira da Irmandade de S. Ana, nos fundos da Igreja da Penha

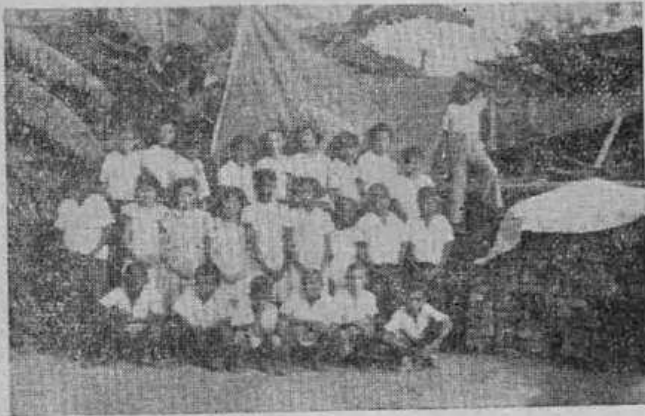
Infelizmente, só os libertos do tenebroso complexo de inferioridade que os "nossos primeiros mestres" inculcaram, no sub-consciente dos brasileiros, percebem a verdade e a lógica dos seus axiomáticos argumentos.

Contudo, com a graça de Deus, o número de católicos brasileiros cresce, vertiginosamente, porque, o Cle-

rialismo Romano já não pode esconder os seus intúitos plutocráticos, de explorar nossa terra e nossa gente.

De Norte a Sul, de Leste a Oeste, do Brasil, S. Excia. Dom Carlos Duarte Costa recebe inúmeras cartas de adesão e solidariedade. A sua vitória é apenas, uma questão de tempo, sabem todos e muitos já o reconhecem e proclamam.

A excomunhão já não intimida os brasileiros que, inteligentes e cultos, compreenderam que uma Religião que precisa das *baionetas temporais*, para impôr e defender os seus *dogmas espirituais*, perdeu as graças divinas. Já não estamos na Idade Média. O povo já raciocina e começa a ter vontade própria.



As crianças da Escola N.S. Menina festejam o aniversário do Padre Olinto, na Penha

Infelizmente, não disponho dos maravilhosos dotes da eloquência para exaltar a obra patriótica e humana do missionário de Deus, no seu louvável propósito de libertar o povo e o país das algemas que tolhem a sua marcha vitoriosa, na estrada resplandecente do progresso e da evolução.

S. Excia., com a divina resignação dos grandes mártires, vai suportando e vencendo todos os obstáculos, todas as perseguições, pois, como aconteceu no dia 6 de julho de 1944, encarceraram-no, como se fosse um criminoso comum.

Mas, nada d'isso intimida ou estorva o passo do sereno e conciente propagador da Religião Católica Apostólica Brasileira.

Cheio de fé e conciente de que exerce um direito e cumpre um sagrado dever, prossegue, inexoravelmente, no caminho que Deus, o próprio Deus, determinou.

É preciso não esquecer as suas acertadas e significativas palavras, eloquente expressão do sublime ideal que nos ilumina e conduz:

“O Reino de Cristo não é deste mundo material. A missão do sacerdote é unificadora e nunca divisora, porque, o Cristo abriu os seus braços, na cruz, para abraçar a humanidade e não, somente, este ou aquele povo”.

Salve, Snr. Dom Carlos Duarte Costa!

O orador foi calorosamente aplaudido.

Em seguida, S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa agradeceu as homenagens.

O Centro Difusor da ICAB ofereceu, na sala de refeições da Escola N. S. Menina, uma mesa de doces aos inúmeros convidados.

O Centro Difusor da ICAB agradece os selos e envelopes enviados como auxílio para difusão da IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA.

A Secretaria do Centro da ICAB avisa que, devido ao grande número de cartas, que vem recebendo de todo o país, solicitando informes sobre a organização da Igreja Brasileira, a sua correspondência está atrasada.

No dia 22 de Junho, o Centro Difusor da ICAB

recebeu a visita de dois seminaristas romanos, interessados de conhecer melhor os princípios que regem a ICAB.

A Diretoria do Centro Difusor da ICAB agradece a oferta de Cr\$ 100,00, enviada por um sacerdote “romano”, como auxílio de propaganda da Igreja Brasileira. Muito obrigado.

No dia 24 de Junho, o Centro Difusor da ICAB levou a efeito a festa Junina, no pátio da Escola N.S. Menina. A festa esteve muito concorrida, sendo abrihantada com a presença de S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa e de Dom Luiz Fernando Castillo Méndez, Patriarca de Caracas e Primaz da Venezuela, além de oficiais da nossa Marinha de Guerra.

FESTAS LITÚRGICAS

Com a solenidade própria do ritual, foram realizadas todas as festas litúrgicas: Ascensão do Senhor, Pentecostes, Corpo de Deus, Sagrado Coração de Jesus.

FESTA DE S. JORGE.

Na forma do costume, grande foi o movimento de batizados, no dia de S. Jorge. Foram celebradas 30 missas. Houve procissões de féis, cumprindo seus votos. Comemoramos, também, o primeiro aniversário da bênção da primeira bandeira da ICAB.

ESCOLA NOSSA SENHORA MENINA.

A Escola N. S. Menina continua funcionando, estando matriculados 74 alunos. Foram feitas as provas da metade do ano escolar e a Escola entrou no período de férias regulamentares.



Dom Carlos, entre os Padres Olinto, Smania e Altair, na Penha

**FOI DADA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA AOS SE-
GUINTE CENTROS ESPÍRITAS:**

S. Jorge; Caboclo Roseira; S. Catarina e S. Miguel Arcanjo; Caboclo Jorge da Cachoeira; S. Sebastião; Cabana Pai Tomé; N.S. da Conceição, em Deodoro; S. Sebastião, em Bonsucesso; N.S. de Fátima; S. Coração de Jesús; S. Antônio de Pádua; S. Mateus; Seara Imaculada Conceição; Pena Verde; S. João Batista; Jupiaçara; Manuel Cambinda; S. Jorge.



Lídia Wozniak, filhinha do casal Wozniak, grande benfeitor da ICAB, em Porto Alegre, Est. do Rio Grande do Sul, oferece seu retrato a Dom Carlos



O Revdo. Padre Altair Soares Guimarães, auxiliar do Padre Olinto Ferreira Pinto, na Penha, e professor da Escola N. S. Menina, entre seus alunos.

Licilino do Nascimento Cavallero e Vilma Augusto Roballo; Romeu Silva e Stela Nogueira; Wilson Martins e Aida Lima Pedrosa; Wilson Gonçalves Dutra e Antonieta Ferreira Gomes; Geraldo Carlos e Ubaldina Anacleto; Italo Alvaro Rodrigues e Devanir Rodrigues Moreira; Oswaldo Feliciano de Abreu e Georgina da Silveira Rodrigues.

A todos as nossas felicitações e votos de muitos anos de vida.

COMEMORANDO o 6º ANIVERSÁRIO DA ICAB.

Houve missa festiva, no dia 8 de Julho, com Te Deum e Bênção do Santíssimo Sacramento.

S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, o bispo abençoado por Deus, pela excomunhão do Papa, aproveitou da ocasião para dizer ao povo qual o grau de prosperidade da Igreja Brasileira, ao celebrar o seu 6º aniversário de fundação.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CABO FRIO — O Casamento da exma. senhorinha Maria José dos Santos e Icalife dos Santos foi a nota principal do dia 26 de maio de



Enlace matrimonial da exma. senhorinha Maria José dos Santos e Icalife dos Santos, no momento em que se recebem mutuamente, pronunciando a fórmula do ato cerimonial.

CASAMENTOS na Penha.

Marcos Nepomuceno e Maria Raimundo Nepomuceno; Aureliano Durval Moreira e Joana Ourofino Moreira; Alvaro Gonçalves Filho e Lucy de Souza Brum; Nelson dos Santos e Zilda Rabelo de Souza; José Rangel de Melo e Ires Rosa da Silva; Joaquim Moreira da Silva e Iraci de Oliveira; José França e Norma Dias Pacheco; Renato e Edméia Coutinho; Nicanor Barreiros da Rocha e Ana Regina da Silva; Onofre Antônio de Souza e Jedila Lopes da Costa; Alberto Ribeiro de Souza e Maria Rosa Carnaval; Domingos Novais de Farias e Maria da Penha; Antônio Amaro da Silva e Matilde de Oliveira; Wilson Marques e Eneida Ferreira Alves; Fernando Libório Filho e Deusdith Olsson Soares; Romy Silva e Isaura Regis; Francisco da Silva e Regina da Rocha; João e Nely; Alberto Monteiro e Dalva da Fonseca Costa; João da Cruz Almeida e Virginia da Conceição; Jorge de Carvalho e Maria de Lourdes Martins Melo; Nabor Gonçalves da Rocha e Alice Ferreira; Messias Thomé de Souza Marinho e Neyde Ferreira Nepomuceno; Jorge Alexandrino Caldas e Nilda de Oliveira Quintaneiro;



Dom Antídio José Vargas, entre as Associadas de N.S. Menina, que acabavam de receber as insígnias, no Templo Nacional de Lajes

"Congratulo-me cordialmente Vossencia pela merecida e oportunnissima resposta dada insolentes provocações laçao caluniador Carmelo Mota, publicada "DIÁRIO DO POVO", de Fortaleza. Peço remessa vários exemplares jornal. Grande abraço. Dom Antídio.

Aproveitando-se da confusão, estabelecida pelo Edital do Cardial de S. Paulo, os agentes estrangeiros do Vaticano, pretendem perturbar a marcha vitoriosa da ICAB, em S. Catarina. Enganam-se A. ICAB já tem a sua jurisprudência firmada, nos Tribunais e perante a Nação inteira. S. Ex. Revma. O Sr. Dom Carlos recebeu do Exmo. Revmo. Sr. Dom Antídio José Vargas, Bispo Diocesano de S. Catarina, o seguinte telegrama, comunicando o fato:

"Representantes Papismo aqui explorando caso S. Paulo, usando métodos conhecidos mediante falsa interpretação leis e campanha difamatória, voltaram provocar ordem e direitos inalienáveis família católica brasileira. Basta. É chegado tempo pôr termo abusos cometidos contra pessoa jurídica ICAB.

Abraços. Dom Antídio".

Esse telegrama teve a seguinte resposta de S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro:

É preciso agir com toda energia, tendo presente números 8 e 9 de Luta, onde encontrará officio Ministro Justiça ao Chefe Político e parecer sub procurador República. É chegado, sim, momento colocar nossos inimigos banco réus. incursos Código Penal Brasileiro. Edições DIÁRIO POVO esgotadas. Muito grato seu telegrama congratulações minha resposta Cardial S. Paulo. Vou processar Cardial S. Paulo. Atenciosas saudações. Dom Carlos.

Ecos do processo contra o Cardial de S. Paulo

S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro, recebeu os seguintes telegramas de solidariedade:

De Dom Antídio:

"Recebi carta. No processo contra Carlos Carmelo Mota, receba Vossência plena integral solidariedade e apoio do Bispo e Diocesanos de S. Catarina. Fraternalmente. (a) Dom Antídio Vargas".

Da Comissão Diocesana:

"Abaixo assinados, representando Comissão Diocesana, temos grande honra hipotecar Vossência inteira solidariedade, no processo está sendo instaurado contra calúnias e provocações petulante, assim chamado, Cardial Mota. Respeitosamente. (a) Wenceslau Silva, Inácio Gomes de Campos, José Marins, Venâncio João Maria Borges, Eugênio Camargo".

Da Juventude Militante Católica Brasileira:

"A Juventude Militante Católica Brasileira da Diocese de S. Catarina está totalmente Vossência no rebate contra as calúnias do Carmelo Mota. Pedimos a bênção. Representam a Juventude: Aires Serpa, Enio Ribeiro da Silva, Neli Rosa, Maria Rodrigues, Paulo Bibom".

Da Associação de N. S. Menina:

"Associação N. S. Menina S. Catarina, por nós representada, vem hipotecar Vossência Revma. toda solidariedade, pedindo seja processado Cardial Mota, em vista atrevidas calúnias assacadas contra Vossência e Nossa Igreja. Pedimos preciosa bênção apostólica. Respeitosamente. Josefina Franklin da Silva, Donária Gomes, Ana Pereira Vargas, Francisca da Rosa, Adélia Befefe".

ESTADO DO CEARÁ

FORTALEZA

O "DIÁRIO DO POVO" e O EDITAL DO CARDIAL DE S. PAULO.

Tendo o "Diário do Povo", de Fortaleza, publicado a resposta do Bispo de Maura ao Cardial de S. Paulo, S. Ex. Rema. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro, escreveu ao Dr. Jäder de Carvalho, a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 3 de Julho de 1951.

Ilmo. Sr. Jáder de Carvalho.

FORTALEZA

Atenciosas saudações.

Há anos, venho acompanhando sua brilhante atuação na imprensa e na tribuna, pela libertação da Pátria



Procissão de Ramos, em Fortaleza, Est. do Ceará

dos crimes, que vem perpetrando contra a sua história, contra a sua política, contra a sua economia e contra seus sentimentos religiosos, o VATICANO, pelo que há de mais sórdido, dentro do seu IMPÉRIO e da sua falsa RELIGIÃO, o JESUITISMO.

Seu aliado, nessa luta tenaz, tem sido o SOFRIMENTO. Sem ele, porém, nada se consegue, porque ele é o batismo da nobreza de caráter. Ainda bem que o SOFRIMENTO desaparece diante do IDEAL. E o nosso IDEAL é: A VERDADE, a JUSTIÇA, a FRATERNIDADE HUMANA, dentro da IGUALDADE e da COMPREENSÃO, propulsores da PAZ UNIVERSAL elemento de ORDEM e PROGRESSO.

Publicando a minha resposta ao Cardinal de S. Paulo, nas páginas de "O DIÁRIO DO POVO", prestou V. S. um grande serviço a êsse IDEAL, motivo que me traz á sua presença, a fim de manifestar-lhe o meu agradecimento e profundo reconhecimento.

O inimigo não sossegou. É ousado. Eis que "A NOITE", do Rio de 30 de Junho de 1951, traz um telegrama da ASAPRESS, procedente de João Pessoa, repetindo as mesmas mentiras, com o acréscimo: "AQUI, COMO EM TODA A PARTE ONDE AGE (refere-se ao Bispo de Maura), VALE-SE ELE DE MAUS SA-



Processão da ICAB, em Fortaleza, Est. do Ceará



Neuraci Uchôa Santiago, filho do Sgto. do Exército, Osório Moacyr Santiago e de D. Alzira Uchôa Santiago, grandes lutadores pela libertação da Pátria do jugo do Vaticano

CERDOTES CATÓLICOS QUE, COMO ÊLE, REPELIDOS PELA IGREJA EM GERAL POR VIDA ESCANDALOSA, PARA QUE O POVO



Procissão do Corpo de Deus, em Fortaleza, Est. do Ceará. Na foto, o Padre Raimundo conduzindo o SSmo. Sacramento

CRÉDULO ACREDITE QUE SE TRATA DE OBRA SÁ. UM EX-PADRE, DESPIDO DA BATINA E DE SUAS PRERROGATIVAS SACRAMENTAIS, ESTÁ AQUI FAZENDO PROPAGANDA DO NOVO CREDO, ANGARIANDO DONATIVOS PARA A FUNDAÇÃO DE UMA IGREJA DO SEU CISMA. A CÚRIA ESTÁ ALERTANDO O POVO, PARA QUE NÃO SE DEIXE ENGANAR".

O Concílio Plenário Latino Americano, nº 390, a Pastoral Coletiva de 1915, nº 1055, o Concílio Plenário Brasileiro, nº 53 § 1, e o Código de Direito Canônico dão como chefe da Cúria o Bispo Diocesano, no caso o Arcebispo da Paraíba. O texto do telegrama dá como inspirador da notícia veiculada, pela Asapress, o Arce-



D. Maria Augusta, irmã do Padre Raimundo, entre seus filhinhos: Augusto Sérgio, Ademar Filho e Geraldo Magela

bispo da Paraíba. Sendo coisa grave está o Arcebispo incurso nas penalidades dos Artigos: 187, 188, 189 e 190 do Código Penal Brasileiro, provado, como eu provarei, que a minha vida, como simples sacerdote e como bispo, nunca foi escandalosa.

Quanto ao padre da ICAB, que está angariando doativos, em João Pessoa, para a fundação da Igreja Nacional, na capital da Paraíba, eu ficaria satisfeito que me declinasse o nome para que eu o entregue à Polícia, pois eu ignoro, completamente, o fato.

Ficarei grato a V.S., si publicar esta carta no "O DIÁRIO DO POVO".

Como são caluniadores e mentirosos êsses agentes do VATICANO!

Como elevada consideração

Pat^o at^o obr^o
f Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Ao Sr. Lúcio Lima, Redator-Chefe do "DIÁRIO DO POVO", S. Ex. Revma. escreveu a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 3 de Julho de 1951

Ilmo. Sr. Lúcio Lima
M.D. Redator-Chefe de "O DIÁRIO DO POVO"



Precissão de Ramos, em Fortaleza, Est. do Ceará. Presidindo-a está o grande batalhador, Padre Raimundo Simplicio de Almeida, Pároco de S. José de Fortaleza

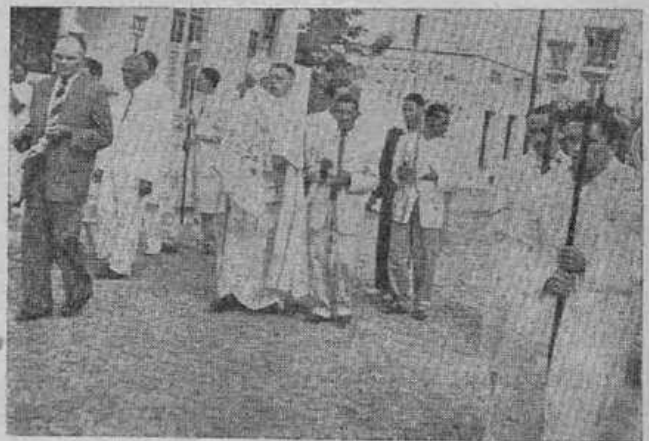
Atenciosas saudações.
Há dois anos atrás, na data de hoje, era fundada, em Fortaleza, a ICAB.

Foram dois anos de luta, no combate ao VATICANO, o inimigo n^o 1 da nossa querida e idolatrada PÁTRIA.

Combater o VATICANO é combater a IGNORANCIA, o OBSCURANTISMO, o VÍCIO, o CRIME, a HIPOCRISIA, a MENTIRA, a CALÚNIA, a PERVERSIDADE, abrindo caminho à ORDEM e ao PROGRESSO DA HUMANIDADE.

O Padre Raimundo Simplicio de Almeida, Pároco de S. José de Fortaleza, tem sido o grande batalhador, auxiliado por brasileiros dignos do Brasil, e entre êles, V.S. tem sido elemento destacado, ao lado do seu jornal — "O DIÁRIO DO POVO" —, que, nesse pedaço de chão do nosso Brasil, elucidando o povo, vem construindo o Mundo de amanhã.

No mentiroso Edital de Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, êle diz: "Um dos seus chefes de fato, o ex-bispo de Maura, não trepidou em prefaciá-lo o famigerado livro do "Deão Vermelho", endossando erros políti-



Outra foto da procissão do Corpo de Deus da ICAB, em Fortaleza

cosociais que fariam a infelicidade do mundo, se um dia fossem colocados em prática". E falando da ICAB, diz êle, merecer ela a desconfiança do mundo civilizado.

O livro do Deão de Canterbury prestou um grande serviço à HUMANIDADE, fazendo conhecida a Rússia tal-qualmente ela é. O livro do Deão contribuiu, imensamente, para que o Mundo civilizado conhecesse as mentiras e falsidades do VATICANO.

A ICAB, que desconhece a bajulação, vem dizendo ao público o que seja essa civilização, que está nos estertores da morte.

Pregando contra a injustiça das condições sociais, a ICAB não admite que o Vaticano continui dizendo: "É da natureza das coisas que sejam uns pobres e outros ricos". A civilização do Vaticano é aquela que diz: "Não provem da imperfeição das nossas instituições a grande e constante desigualdade na distribuição da riqueza. Essa é a teoria ensinada pela imprensa mercenária, pela Igreja, na escola e no colégio.

Não é possível deter a marcha da civilização que surge da opressão do homem pelo homem. Enormes são os progressos nas concepções materiais. Conforme progride a civilização, esta exige uma consciência mais elevada, um sentimento mais vivo da justiça, uma confraternidade mais ardente e um espírito público mais sincero, mais amplo e mais sublime. Faltando estas coisas, a civilização há-de converter-se em destruição, e é isso



Procissão de Ramos, em Fortaleza

que se passa com o Vaticano. Não pode manter-se na moral do selvagismo, porque a civilização une os homens cada vez mais estreitamente e propende, sem cesar, a subordinar a individualidade à totalidade e a dar maior importância ao estado social.

Os problemas social e político que afrontamos, são mais obscuros do que se nos afiguram, contudo, a sua solução é simplesmente questão de justa acomodação das forças sociais. O homem domina a natureza material pelo estudo das suas leis e tanto nas condições como nos elementos que pareciam mais inexpugnáveis, já encontrou os seus mais ricos depósitos e os seus mais poderosos auxiliares. Si bem que não temos feito mais que começar a sistematizar o nosso conhecimento da natureza física, é evidente que esta não nos há de recusar os seus segredos, si buscarmos a satisfação dos nossos desejos em harmonia com as suas leis, como vem acontecendo, sobretudo, nos últimos anos, depois da última guerra.

É essa faculdade de adaptar os meios ao fim, vem permitindo ao homem converter o Oceano, antes impraticável em caminho natural, e o espaço em rota para a ligação do planeta terra a outros planetas, e transportar-se de um ponto a outro com uma velocidade que excede a tudo quanto concebeu o ser humano no passado. É ainda essa faculdade que suprime o espaço na comunicação das suas idéias, converte as cataratas em

calor e em luz, em força e em material para usos mil, pesar as estrelas e analisar o sol, fazer gelo sob o equador e abrirem-se as flores nos invernos boreais. Si essa faculdade permite tudo isso, permitirá, igualmente, si assim ele o desejar, vencer e sobrepor-se às dificuldades e evitar os perigos sociais. O domínio da lei não está limitado à natureza física. Ele abarca, e de um modo tão real, o universo moral e intelectual, e o desenvolvimento social e a vida social têm as suas leis tão determinadas como as da matéria e movimento. Trabalhem para fazer a vida social feliz e saudável, descobriremos essas leis, conseguindo o nosso fim em conformidade com elas.

Tenhamos presente que a reforma social não se consegue pelo tumulto e gritos, nem por acusações e denúncias, nem pela formação de partidos ou fazendo revoluções, senão pelo despertar da opinião e pelo progresso das idéias. Enquanto não houver uma opinião exata, não poderá haver uma ação justa. Quando existe essa opinião correta a ação justa há de seguir. A força está sempre nas mãos das massas. O que as oprime é a sua própria ignorância e miópe egoísmo.



A bênção de Ramos, em Fortaleza, pelo Pároco, Padre Raimundo

Mais do que nunca, a hora presente está exigindo de nós o cumprimento do nosso dever.

O maior inimigo do bem-estar social é o EGOISMO.

Tendo presente essa verdade, estaremos pondo em prática o que nos diz o Divino Mestre: "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS. E NÃO FAÇAIS AO VOSSO PRÓXIMO AQUILO QUE NÃO QUEREIS QUE VOS FAÇAM". Neste espírito, e em nenhum outro, está a força para a solução dos problemas sociais e o avanço da civilização.

Dentro desses princípios está a IGREJA NACIONAL e, pondo-os em prática, ela estará trabalhando pela unidade da Nação Brasileira, tornando-a forte contra todos os seus inimigos internos e externos.

Com os meus agradecimentos, a minha profunda admiração.

Pat^o at^o obr^o

† Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Em Fortaleza, o Padre Raimundo Simplício de Almeida, Pároco de S. José de Fortaleza, da ICAB, lançou o seguinte protesto contra as mentiras e calúnias do Cardial de S. Paulo:

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA

O Sr. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota mente e calúnia a Igreja Católica Nacional



O câoro da Paróquia de S. José de Fortaleza. Foto tirada antes da missa do Patrono, no dia 7 de abril de 1951



Procissão de Corpo de Deus, em Fortaleza.

É uma vergonha para o Brasil, permitir êle, que a "igreja" papista, chefiada por um estrangeiro que se juiça "infallível" e "santíssimo", faça por intermédio de jornais e rádios, a serviço do "vaticano", no Brasil, as mais baixas perseguições à Igreja Católica Nacional.

A propósito da notícia dada ontem pela "Rádio Tupí" de São Paulo, não damos valor, pois, ela não fez, outra cousa senão, ler as mentiras e as calúnias do "romano" Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, aluno do "sacro colégio" dos "vermelhos" e representante de uma "igreja" política, comerciante e desordeira que está condenada a desaparecer do mapa, isto é, a falsa "igreja" do "papa".

É ao "vaticano", é á todos os seus súbditos conscientes e inconscientes que a "Rádio Tupí" de São Paulo deve fazer um combate sem tréguas e ler ao povo brasileiro os dois Manifestos á Nação de Dom Carlos Duarte Costa, os "Estatutos Secretos" do Império do "Vaticano" e a história dos "papas", e não descer tanto no conceito público, lendo notícias mentirosas de um "cardial romano".

Não nos atemorizam as perseguições do "clero" romanista, pois, conscientes de nossa nobre missão, lutaremos até á morte, contanto que libertemos a nossa Pátria do jugo nefasto, humilhante e pernicioso do "vaticano-romano".

Terminando, desafio a "igreja romana, em Fortaleza ou mesmo a em São Paulo, que prove com documentos idôneos que a Igreja Católica Brasileira é comunista ou que tem alguma ligação "subterrânea" com o partido comunista.

Aqui fico esperando!
Por Cristo e pelo Brasil!



Procissão de Corpo de Deus, em Fortaleza

Padre RAIMUNDO SIMPLICIO DE ALMEIDA.
(Do "Diário do Povo" — Fort. 9 de junho de 1941).

ESTADO DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE

O Edital do Cardial de S. Paulo — Mente o "Estado de Minas Gerais"



Consórcio da senhorinha Stela Nogueira e Romeu Silva, residentes em S. Gonçalo de Sapucaí, Estado de Minas Gerais, no dia 17 de Junho de 1951

Do nosso amigo, em Belo Horizonte, Sr. Salustiano de Araujo, recebeu S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa carta, queixando-se de não o ter avisado, quando da sua visita a Belo Horizonte. Com a carta, veio uma Nota do "ESTADO DE MINAS", que publicamos, para que todos saibam como a arma do inimigo da Igreja Nacional é a Mentira, a Calúnia, a Falsidade, a perversidade. A Nota é esta:



Procissão em Centralina, no Triangulo Mineiro

ESTEVE NA CAPITAL O EX-BISPO DE MAURA

"Esteve na capital o ex-bispo de Maura, d. Carlos Duarte, chefe da Igreja Católica, que há temos ele próprio fundou A sua permanência na cidade convocou a atenção da polícia, que procurou investigar os motivos que o trouxeram a Minas. O delegado José Henrique, titular da delegacia de Ordem Pública, destacou vários

mentos do partido comunista, viajou para o Triângulo Mineiro, provavelmente para Uberlândia.

Sr. Redator:

A Redação dessa notícia deixa bem entrever o fim para o qual foi dada.

Tenha a bondade de provar que eu estive em Belo Horizonte, hospedando-me em casa de destacado membro do extinto partido comunista, que eu seja comunista ou simpatizante do "Comunismo". Em que se estriba esse jornal, alegando isso?

Não podendo V.S. provar nada disso, dentro da lei de imprensa, queira publicar esta nota no mesmo local, em que foi publicada a notícia tendenciosa.

Rio de Janeiro, 11 de junho de 1951

† Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

O "ESTADO DE MINAS", covarde, fugindo à responsabilidade da lei de imprensa, em lugar de publicar essa NOTA, restringiu-se a dar o seguinte desmentido:



O Padre Euler Lannes Bernardes, Pároco de Uberlândia, celebra e prega a palavra de Deus, em Uberlândia

ESTEVE NA CAPITAL O EX-BISPO DE MAURA

"Em nossa edição do dia 10 último, divulgamos, sob o título acima, uma nota acerca da presença do ex-bispo de Maura na Capital, acrescentando que o delegado de Ordem Pública havia destacado investigadores para sindicarem a respeito.

A propósito, dom Carlos Duarte Costa escreveu-nos do Rio uma carta, de cujos termos se conclui que opõe formal desmentido à informação, bem como nega ter qualquer ligação com atividades desenvolvidas por elementos do extinto Partido Comunista.

O dia de Assis Chateaubriand chegará!

Convertido, como está, o Brasil numa Senzala do Império do Vaticano e do Imperialismo Americano, quando vemos a "VIRGEM PEREGRINA", paseando de Avião, de Navio, de Estrada de Ferro, etc., penetrando em todos os edifícios públicos, tornados capelas, viagem feita para tirar dinheiro e mandá-lo para o Vaticano, e olhamos para esses casebres, para esses



O Padre Euler Lannes Bernardes, Pároco de Uberlândia, celebra na Capela de N.S. das Graças, em Centralina, no Triângulo Mineiro

elementos para investigar a respeito,

O visitante, que é elemento ligado ao comunismo, viajou de avião, tendo se hospedado em residência de destacado membro do extinto partido comunista, localizada quase no centro da cidade.

SEGUIU PARA O TRIANGULO

O ex-bispo de Maura, depois de ter conferenciado na capital com vários comunistas, viajou para o Triângulo Mineiro, provavelmente, para Uberlândia.

Respondendo a carta, S. Ex. Rema. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, remeteu a seguinte Nota, para que o "ESTADO DE MINAS" publicasse:

ESTEVE NA CAPITAL O EX-BISPO DE MAURA

Ilmo. Sr. Redator de o "ESTADO DE MINAS".
BELO HORIZONTE

Em sua edição de 10 de junho de 1951, o "ESTADO DE MINAS" noticia a minha estada em Belo Horizonte, convocando a atenção da polícia que procurou investigar os motivos que me haviam levado a Minas, destacando o delegado José Henrique, da Ordem Política, vários elementos para esse fim.

Diz, ainda, o seu jornal que o visitante é elemento ligado ao "Comunismo", tendo viajado de avião e se hospedado na residência de destacado membro do extinto partido comunista, localizada essa residência quase no centro da cidade.

Afirma o seu jornal que, depois de ter o ex-Bispo de Maura conferenciado, nessa capital, com vários ele-



Em Centralina, Triângulo Mineiro, depois da missa celebrada, pelo Padre Euler



Procissão em Centralina, Triângulo Mineiro

barracos, temos vontade de chegar aos pés dessa "VIRGEM-RAINHA-PEREGRINA" e dizer-lhe: Tem piedade, ó senhora, do povo que sofre tantas injustiças daqueles que te fazem passeiar... Visita a minha casa, porque eu não tenho pão, não tenho carne, não tenho roupa... Dá-me um pouco da tua riqueza!... Uma esmolinha por amor de Deus!...

UBERLÂNDIA

No mês de Maio, estive, em Uberlândia, Sr. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro, a fim de tratar de assuntos de interesse da ICAB. Com efeito, S. Ex. Revma. recebeu doação de dois terrenos, recompôs a Comissão Paroquial, tomou providências para o imediato início das obras da Igreja Paroquial, em terreno doado pelo Coronel Marcos Vilela, chefe político local, medindo dez metros de frente por 25 de fundos. De acordo com a vontade do Coronel Marcos Vilela, a Igreja será dedicada à Nossa Senhora das Graças.

A festa de S. Antônio foi concorridíssima, terminando com a procissão de duas mil e quinhentas pessoas.

Dom Luiz Fernando Castillo Mendez, Patriarca de Caracas e Primaz da Venezuela, por determinação de S. Ex. Revma. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro, fixou residência, em Uberlândia, durante o tempo de sua permanência no Brasil.

É o seguinte o teor do Decreto, concedendo essa bênção aos habitantes do Triângulo Mineiro e Sul de Goiás:

Dom Carlos Duarte Costa, por Mercê de Deus,



Em Centralina, Triângulo Mineiro, o Padre Euler, preparando o povo para a procissão

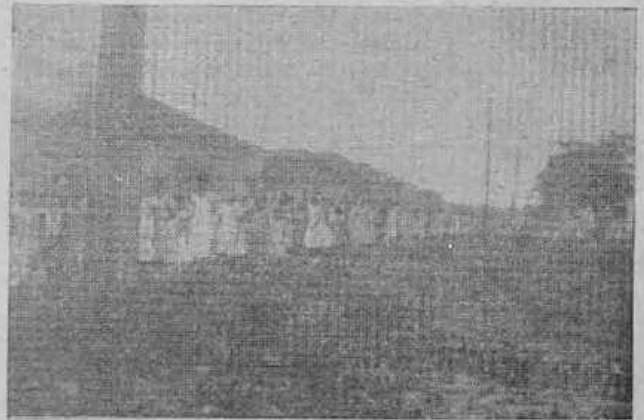
Fundador da Igreja Católica Apostólica Brasileira e, por vontade do povo, Bispo do Rio de Janeiro.

A todos os que este presente Nosso Decreto virem: Saudação, Paz e Bênção em o Senhor.

FAZEMOS saber que, desejando aproveitar a permanência no Brasil do Exmo. Revmo. Sr. Dom Luiz Fernando Castillo Mendez, Patriarca de Caracas e Primaz da Venezuela, da Igreja Católica Apostólica Venezuelana, em benefício espiritual dos Nossos queridos patriotas: Havemos por bem designá-lo, como pelo presente Nosso Decreto designamos, para representar-Nos, em todas as cerimônias litúrgicas do Ritual Brasileiro, concedendo-lhe, como concedemos, plena jurisdição episcopal e paroquial, em todo o território do Triângulo Mineiro e Sul do Estado de Goiás, ordenando a todos os católicos brasileiros que o tratem, com todo respeito da sua dignidade, certos de que, assim procedendo, estarão dando a Nós grande prazer e consolação.

Dado e passado nesta cidade do Rio de Janeiro, sob o Nosso Sinal e Sêlo de Nossas Armas, aos vinte dias do mês de julho do ano de mil novecentos e cinquenta e um. E eu o Padre Olinto Ferreira Pinto, servindo de Secretário, o subscrevi.

† Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro



Procissão em Centralina, Triângulo Mineiro

Decreto pelo qual V. Ex. Revma. Há por bem designar S. Ex. Revma. o Sr. Dom Luiz Fernando Castillo Mendez, Patriarca de Caracas e Primaz da Venezuela, para representá-lo no Triângulo Mineiro e Sul de Goiás.

Desligado da ICAB o Padre Euler Lannes Bernardes.

Esta a carta de S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro, ao Padre Euler Lannes Bernardes:

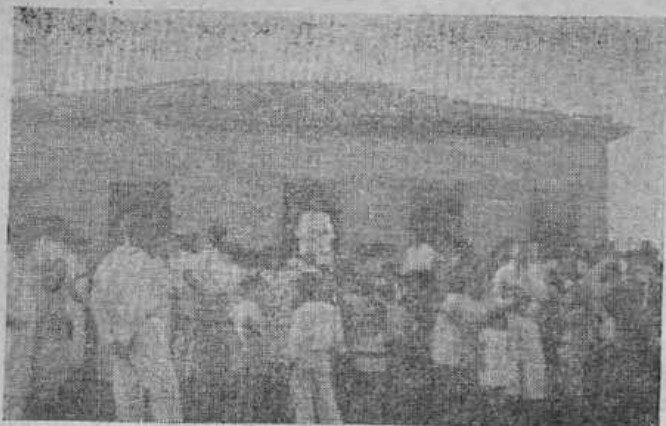
Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1951

Ilmo. Revmo. Sr. Padre Euler Lannes Bernardes

UBERLÂNDIA

Atenciosas saudações no Senhor

Constituindo a sua "Declaração necessária", publicada em o "Correio de Uberlândia", de 17 de Julho de 1951, ato de indisciplina eclesiástica e não correspondendo à verdade da orientação traçada, pela ICAB, na sua parte social, respeitando, como respeita a ICAB o SER MUMANO, esteja ele no comunista ou em qualquer outra ideologia, pela presente, venho confirmar, em público, a declaração, já feita, por V. Revma., em particular, do seu afastamento da Igreja Católica Apostólica Brasileira, para ingressar V. Revma., novamente no seio da Igreja Católica Livre no Brasil, de Dom Salomão Ferraz.



Em Centralina, Triângulo Mineiro, o Padre Euler dá as instruções para a procissão

Embora V. Revma. não tivesse ainda sido nomeado Pároco de Uberlândia, por mim, todavia, reconhecendo os serviços prestados à ICAB, venho agradecê-los e dizer-lhe que, na parte material ou administrativa dessa Paróquia, do Triângulo Mineiro e de todo o Sul de Goiás, preste contas V. Revma., respectivamente, aos Ilmos. Srs. Dr. Manuel Tomaz Teixeira de Souza e Dr. Benedito Cesário, ambos meus procuradores.

Desejando-lhe as bênçãos do Senhor, subscrevo-me, em Cristo

Pat.º at.º obr.º
† Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Nota: Tendo declinado, por motivos pessoais, julgados justos S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, em lugar do Dr. Manuel Tomaz Teixeira de Souza, passou procuração ao Dr. Jose de Oliveira Pinto.

MONTE ALEGRE

De Uberlândia S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos foi a Monte Alegre, onde recebeu escritura do terreno e casa de residência do Padre Dr. Francisco Alves Corrêa. Nas poucas horas de permanência, em Monte Alegre, S. Ex. Revma. reviveu a sua meninice, em Goiás, tendo ocasião de conversar com antigos companheiros do Seminário de Goiás quando Bispo, dessa diocese, S. Ex. Rema. o Sr. Dom Eduardo Duarte Silva, seu tio materno. Teve ainda oportunidade de conversar com pessoas gradas da cidade, integradas no movimento de libertação da Pátria do jugo nefasto do Vaticano.

CENTRALINA

Este foi o programa da festa de N.S. das Graças, em Centralina.

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA

Festa em louvor de Nossa Senhora das Graças, em Centralina, dia 5 e 6 de Maio de 1951

PROGRAMA

- Dia 4 de Maio — Chegada do Revmo. Vigário.
- Dia 5 — Sábado — Às 8 horas da manhã Missa, às 7 horas da noite, reza do terço, sermão e bênção com a cruz.
- Dia 6 — Domingo. Às 8 horas da manhã, Missa. Às 12 horas (meio dia) batizados Às 4,30 horas da tarde, Procissão de N. Sra. das Graças.

Cordialmente convidamos o povo em geral, para os festejos em louvor à N. Sra. das Graças e pedimos a todos auxílio em donativos ou prendas para os leilões, em benefício da Construção da Capela de Nossa Senhora das Graças em Centralina.

A Comissão

ESTADO DE GOIAZ

PIRES DO RIO

De Uberlândia, S. Sx. Revma. o Sr. Dom Carlos rumou para Go'az, a fim de visitar a cidade de Pires do Rio.



D. Luiz encaminha-se para o local da bênção da pedra fundamental da Igreja Paroquial de Pires do Rio, em Goiaz. Ao seu lado estão o Padre Euler, Dr. Benedito Cesário, Presidente da Comissão Paroquial, e demais membros

Em Pires do Rio. S. Ex. Revma. Dom Carlos Duarte Costa renovou a aprovação, feita em carta ao Sr. Dr. Benedito Cesário, dos membros componentes da Comissão Paroquial da ICAB, no dia da fundação, em 16 de Abril de 1951.

Passamos para "LUTA!" o documento histórico da fundação da ICAB, em Pires do Rio. É o seguinte:

ATA DE FUNDAÇÃO DA COMISSÃO PAROQUIAL, DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA, EM PIRES DO RIO — Goiaz

Aos quatorze (14) dias do mês de abril de mil novecentos e cinquenta em um (1951), nesta cidade de Pires do Rio, Estado de Goiás: à rua "Joaquim Antonio Teixeira", s/n., no salão de propriedade do senhor Francisco Soares, às 20,30 horas, presentes as pessoas que a presente assinam, depois de uma exortação do Rev. Padre Euler Lannes Bernardes, sobre o programa de ação da Igreja Brasileira, fundou-se a associação denominada — Comissão Paroquial de Pires do Rio: ficando assim constituída: Presidente: Dr. Benedito Cesário, Vice-Presidente: Miguel Ferreira, 1º Secretário: Adib Fayad, 2º Secretário: Domingos G. Cabral,



Dom Luiz coloca a pedra fundamental no local preparado. Está o seu nome ligado ao movimento da Igreja Brasileira, em Goiaz, onde a ICAB conta com brasileiros dignos do Brasil, dispostos a dar tudo, pela libertação da Pátria do jugo nefasto do Vaticano

1º Tesoureiro: Miguel A. Simoni, 2º Tesoureiro: Cezar de Melo, 1º Procurador: Lindolfo Alves Ferreira, 2º Procurador: Luiz Teixeira Marques, Diretor Espiritual: Pe. Euler Lannes Bernardes (sujeito à aprovação do Bispo do Rio de Janeiro). JUNTA DE CONSELHEIROS: Jerônimo Cândido Gomide, Jesus Saraiva de Goiaz, Jonas Fausto Ferreira, Augusto Monteiro de Godoy, Adelino Ferreira, Seme Koffes, Walter Guilherme Schults, Amin Rassi, Hacher Abdala, Herotildes Mendes, Roberval Carlos de Souza, Euclides Demostenes Lôbo.

Depois de proclamada a diretoria acima, foi franqueado o uso da palavra e tomou-se a resolução de se dirigir aos senhores vereadores deste município, solicitando-lhes a aprovação de um projeto de lei concedendo doação do terreno onde deverá ser construído o Templo da Igreja, bem como a residência Paroquial e o Seminário. Resolveu-se ainda a organização de um livro intitulado "Livro de Ouro". Ficou aprovado que o Padroeiro da Paróquia de Pires do Rio será São João Batista. Por solicitação do Rev. Euler Lannes Bernardes, foi deliberado que se consignasse nesta Ata, um voto de aplauso em homenagem ao Grande Bispo da Igreja Católica Apostólica Brasileira, D. Carlos Duarte Costa, pela sua tenacidade e bravura, com que tem se mantido ante todos os obstáculos e perseguições surgidas contra esta religião, e consequentemente, contra sua própria pessoa. Serviu de presidente a presente sessão o Sr. Adelino Ferreira, secretariado por mim, Adib Fayad, indo assinado por todos os presentes. (a.a.) Adelino Ferreira-Presidente Adib Fayad Secretário. Diretoria eleita e pessoas presentes: Dr. Benedito Cezario. Miguel Ferreira. Adib Fayad. Domingos G. Cabral. Miguel Antonio Simoni. Cezar de Melo. Lindolfo Alves Ferreira. Luiz Teixeira Marques. Jerônimo Cândido Gomide. Herotildes Mendes. Jesus

Saraiva de Goiaz. Roberval Carlos de Souza. Walter Guilherme Schults. Calimério Gonçalves. Amin Rassi. Seme Koffes. Emílio Gonçalves de Araujo. Hacher Abdala. Jonas Santos Ferreira. Geraldo R. Ortiz, Gabriel Oliveira.

A presente ata foi datilografada por mim, 2º Secretário, que confere com o original.

Pires do Rio, 16 de abril de 1951.

Domingos Cabral

Visto: Pe. Euler Lannes Bernardes.
Dr. Benedito Cesário: Presidente

S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos respondeu a esse ofício da seguinte forma:

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1951.

Ilmo. Sr. Dr. Benedito Cesário

M.D. Presidente da Comissão Paroquial da ICAB.

PIRES DO RIO

Atenciosas saudações.

Li a ATA DA FUNDAÇÃO DA ICAB, em Pires do Rio.

Dou-lhe os meus parabens, por ter sido eleito Presidente da Comissão Paroquial, em Pires do Rio, e e, na sua pessoa, congratulo-me com todos quantos foram aclamados membros dessa Comissão, que passará á história como Libertadora do Brasil, em terras goianas, porque o Brasil só terá a sua independência, quando fôr expulso do seu território o último padre "romano".

Muito conforto traz, ao meu espírito, o voto de aplauso, consignado em Ata, e peço-lhe o especial obséquio de, na primeira reunião da Comissão, manifestar a todos o meu profundo agradecimento.

O "Livro de Ouro" deve ser aberto e rubricado, com autorização sua pelo 1º Secretário, e o Tesoureiro deposite tôdas as importâncias arrecadadas nalgum Banco local. Não poderá ser feita retirada alguma, sem autorização sua.

Registre a ATA da Fundação da Comissão, em Cartório, transcrita "ipsis verbis".

Essas providências inspirarão confiança ao povo, facilitando, destarte, a construção de tôdas as obras.

Não permita despesas superfluas.

Receba o meu abraço, que não é seu só, é de todos quantos fazem parte da Comissão e de todo o povo que



Primeira missa da ICAB, em Pires do Rio Goiaz, celebrada, pelo Padre Euler Lannes Bernardes



S. Ex. Revma. o Sr. Dom Luiz Fernando Castillo Méndez, Patriarca de Caracas e Primaz da Venezuela, faz as preces rituais da bênção fundamental da Igreja Paroquial de Pires do Rio, em Goiaz

assisti á missa, cuja fotografia passará á história, demonstrando a brasilidade do povo de Pires do Rio.

Com elevada consideração, em Cristo.

Pat° at° obr°
† Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

Endereço: Dom Carlos Duarte Costa
Rua Clovis Beviláqua, 259-Tijuca.

RIO DE JANEIRO

S. Ex. Revma. escreve ao Sr. Miguel Simoni, eleito Tesoureiro:

Rio de Janeiro, 26 de abril de 1951

Ilmo. Sr. Miguel Simoni

PIRES DO RIO

Atenciosas saudações.

Entre os documentos da Fundação da Comissão Pa-



D. Luiz chega ao local da pedra fundamental da Igreja Paroquial de Pires do Rio, em Goiaz

roquial da ICAB, de Pires do Rio, chegados ás minhas mãos, veiu um Convite de missa de 30° dia, a ser celebrada, no dia 14 de abril, por alma de BRÍGIDA M. DE GODOY, e entre as pessoas que convidam está o seu nome e de outros parentes seus. De onde verifico



O Padre Euler, em Pires do Rio, com os filhinhos do Dr. Benedito Cesário

que o bom amigo perdeu um ente querido.

Apresento-lhe os meus sentidos pêsames e peço-lhe o especial obséquio de transmitir, a todos, os meus sentimentos.

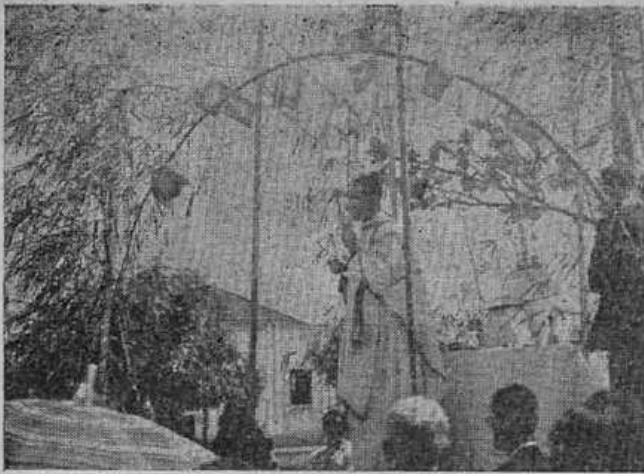
Aproveito da oportunidade, para congratular-me com o amigo, por ter sido eleito 1° Tesoureiro da Comissão Paroquial da ICAB, em Pires do Rio, representando essa sua eleição grande tranquilidade para o meu espírito, dadas as responsabilidades, que a Comissão assume perante o povo de Pires do Rio.

Com elevada consideração, em Cristo.

Pat° at° obr°
† Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro



Dom Carlos e o Padre Euler, em Pires do Rio, Est. de Goiaz



O Padre Euler Lannes Bernardes celebra missa, em Pires do Rio, em Goiás

Endereço: Dom Carlos Duarte Costa
Rua Clovis Beviláqua, 259- — Tijuca
RIO DE JANEIRO

Em reunião, presidida, por S. Ex. Revma., em casa do Secretário da Comissão, S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos aprovou a eleição do Padre Euler Lannes Bernardes para Diretor Espiritual.

Em Pires do Rio, S. Ex. Revma. Dom Carlos visitou todas as autoridades locais e passou o seguinte telegrama ao Exmo. Sr. Governador do Estado:

No momento que piso território goiano, apresento minhas respeitadas saudações V. Ex., fazendo votos de felicidade e prosperidade ao Governo V. Ex. Ao mesmo tempo, reverência, na pessoa V. Ex., memória Dr. João Teixeira Alvares, amigo meu saudoso tio, Dom Eduardo, e meu.

(a) Carlos Duarte Costa.

S. Ex. o Sr. Governador do Estado respondeu:

"Muito agradeço Ilustre Patrício gentileza votos expressos seu telegrama pela felicidade meu Governo, assim como delicadas referências ao meu saudoso Pai. Cordialmente.

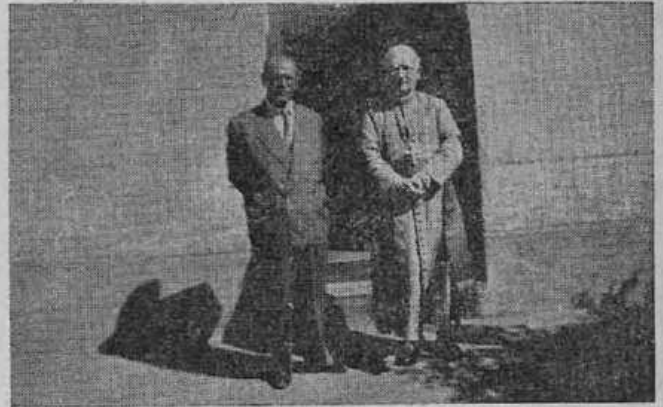
(a) Pedro Ludovico, Governador Estado".

Ficou aprovada a compra do terreno, para a construção da Igreja, medindo 50 metros de frente por 55 de fundos, por Cr\$ 31.000,00, pago em prestações combinadas, sendo a entrada de Cr\$ 10.000,00.



D. Carlos, tendo ao seu lado o Padre Euler, o Dr. Benedito Cesário e seu filho, tomando o avião, em Pires do Rio, de regresso ao Rio

S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos deixou procuração ao Dr. Benedito Cesário, Presidente da Comissão Paroquial, para assinar escritura de compra. Não permitindo as ocupações, que S. Ex. Revma. se retirasse do Rio, presentemente Dom Carlos autorizou S. Ex. Revma. o Sr. Dom Luiz Fernando Castillo Mendez, Patriarca de Caracas e Primaz da Venezuela, exilado, em nossa Pátria, por perseguição do Vaticano, a benzer a pedra fundamental da Igreja Paroquial de Pires do Rio, que será dedicada a S. João Batista. A cerimônia deu-se em 1º de Julho.



Dom Carlos e o Dr. Benedito Cesário, Presidente da Comissão Paroquial, de Pires do Rio, em Goiás

Por carta do Presidente da Comissão, Dr. Benedito Cecário, S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos sabe que grande é animação para a construção da Igreja, cujas obras estão orçadas em Cr\$ 80.000,00.

ESTADO DE S. PAULO

S. PAULO

Em princípios de Maio, S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa Bispo do Rio de Janeiro, esteve na capital de S. Paulo, atendendo ao honroso convite do Ilmo. Revmo. Sr. Padre Antônio Hermano Wengorski, sacerdote da ICAB, para batizar seu primogênito Paulo Antônio.

Assim, com a presença de famílias de relações do Padre Antônio H. Wengorski e de sua Exma. Esposa, D. Odília, foi realizado, em sua residência, o batizado no dia 3 de Maio, festa da Ascensão do Senhor.

Pela manhã, S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos havia celebrado, em casa, a santa missa e, à tarde, realizou-se a cerimônia de batismo.

Grande foi a alegria reinante, entre os convivas, captivos todos das gentilezas do casal Antônio e Odília Wengorski.

Renovamos os votos de S. Ex. Revma., a fim de que o Paulo Antônio seja vigoroso na fé cristã, humilde e brando na operosidade das boas obras.

No dia seguinte, 4 de Maio, S. Ex. regressou ao Rio.

ESTADO DE PERNAMBUCO

RECIFE

Continua animador o movimento da ICAB, na capital do Estado de Pernambuco.

Foram realizadas todas as festas litúrgicas, com muita piedade e frequência.

A Capela foi aumentada e enriquecida de alfaias, ofertas de simpatizantes da ICAB.

No dia 10 de Junho, domingo, foi realizado o primeiro casamento. Os noivos são: João Alves da Silva, corretor nesta cidade de Recife, e Maria Angela de Lima Villa Nova, proprietária. Foram padrinhos do noivo o Sr. Fernando Guimarães Carneiro, negociante e esposa, D. Eudix Costa Carneiro; da noiva, Dr. José Sardá, da firma Mendes Lima & Cia e esposa, D. Maria Dulce de Andrade Sardá. Entre os assistentes estavam: Eng^o Pascoal Evin, da Columbia Picturefil Brasil, e esposa, Afonso Guimarães Carneiro e Adolfo Rozemblit do Comércio, uma comissão do Circulo Exotérico da Comunhão de Pensamento, Sr. Florêncio Alves da Silva, Luiza Lima da Silva, genitores do noivo e representantes da mãe da noiva, que está doente; um seminarista Batista, acompanhando a uma senhora Batista, de origem francesa, ex-freira de Santa Gertrudes, do Convento de Caruarú.

Foi celebrada a missa nupcial, comungando os noivos, pela primeira vez. Foi estreado um rico frontal, oferta de D. Djanira, esposa do Padre Diamantino, bordado a fio prateado, com altos relevos à seda. Foi feita uma iluminação especial e o altar foi decorado com cravos e outras flores brancas.

Foi realizado o 2^o batizado. Trata-se da menina LINDACY, filhinha de Antônio Ayres Simões e D. Maria José Wenceslau Simões. Foram padrinhos José Silva Sobrinho e D. Marcionila Maria da Silva. A criança foi consagrada à Nossa Senhora da Conceição.

Este batizado já é fruto do trabalho dos cooperadores distratais.

No dia 17 de Junho, foi celebrada missa gratulatória, pelo noivado de Paulo Motta da Costa e a Senhorinha Almezina Alves Muniz. O noivo é filho do Padre Dr. Diamantino Costa.

Apresentamos aos noivos e aos pais nossas felicitações.

No dia 9 de Julho, passou o primeiro aniversário da ordenação sacerdotal do Padre Dr. Diamantino Costa, Pároco de N.S. do Carmo de Recife. S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos enviou-lhe telegrama, felicitando-o.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE

O Padre Raul Clementino Smania partiu para os Estados Unidos, em missão especial, devidamente autorizado pelo Ministério da Guerra.

Antes de seguir viagem, deixou em construção a Igreja da ICAB em Porto Alegre. As obras já estavam em Cr\$ 52.000,00.

CEARA — FORTALEZA

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA

Desta vez são as "freiras do chapelão"

Ultimamente, por que celebrei no "Alto da Paz", a "igreja de Roma em Fortaleza fica toda medrosa e manda desta vez, sem perda de tempo, não as freiras de "chapeuzinho" e sim as do "chapelão" fazer contra propaganda da Igreja Católica Brasileira, naquele bairro, para que o povo brasileiro continui religiosamente súbdito de Roma e continui sempre, e sempre registrando terrenos, capelas, igrejas, catedrais, palácios, instituições de caridade, colégios etc., para a potência estrangeira do Vaticano.

E quem são essas "freiras" que vão mentir abertamente no Alto da Paz, combater e caluniar a Igreja Católica do Brasil? São cidadãs brasileiras que embora vivendo e colhendo no Brasil, conservam em Roma o

cérebro, a alma e o próprio coração e ainda procuram, por meio de mentiras e excomuniões inventadas pelos "cardiais" italianos, manter o povo brasileiro manietado escravizado ao jugo do Imperialismo do chamado "papa". Infelizmente são brasileiras a serviço do egoísmo da "igreja" de Roma no Brasil. São as "freiras" apelidadas de irmãs de "caridade", isto é, aquelas que andam quase sempre com crianças carregadas de embrulhos de esmolas como burros de carga, enquanto que elas andam com as mãos abanando. Elas fingem pedir para as crianças que "educam..." Mentira! o que elas fazem é emburrecer e fanatizar as pobres criancinhas para torná-las escravas do "papa", o monarca estrangeiro.

Fiquem sabendo, freiras do chapelão, que a Igreja Católica Brasileira atravessará séculos celebrando missas em Fortaleza, porque aqui é Brasil e não Roma!

Brasileiros! Basta de tantas mentiras e de tantos abusos! Trabalhemos pela nossa Igreja, cujo catolicismo apostólico é puro porque não pregamos política nem estrangeirismo, não temos sacramentos nem missas tabelados e não usamos lingua estranha aos fiéis nos atos litúrgicos!

Por Cristo e Pelo Brasil!

Padre Raimundo Simplicio de Almeida — Pároco de São José de Fortaleza.

CEARA — FORTALEZA

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA

Como são audaciosos os holandeses de batina da "Igreja-balcão" dos remédios

Na verdade é muito audácia desses indivíduos terem o atrevimento de combater, em plena Capital Cearense a Igreja Católica Nacional, cujo objetivo máximo é libertar o Brasil do Vaticano que, dia à dia, se enriquece à custa daqueles que consciente ou inconscientemente o ajudam, tecendo, assim, cadeias para sua própria escravização.

Na verdade é muito atrevimento, porque são eles estrangeiros de nascimento e estrangeiros nas funções que exercem! São Holandeses e Romanos ao mesmo tempo.

Brasileiros! Eles nos combatem porque estão com medo de perder o seu comercio de "missas" e "sacramentos" e para não lhes faltar os cruzeiros, para comprarem os bons "Vinhos", os deliciosos "Charutões" e "Charutinhos" e os bonitos rolos de "Fumo" para os seus "Cachimbos".

Eles nos combatem, porque estão receiosos de perder as boas viagens que fazem em "missões" pelo interior do nosso Estado, para não lhes faltar assuntos nos refeitórios e para fazerem "recreio" e mais "recreio" zombando dos nossos pobres conterrâneos.

Fiquem certos, seus mentirosos, que as perseguições, as calúnias, as mentiras e as excomuniões canônicas em seus vários graus e matizes não farão calar a minha voz e jamais impedirão o triunfo da Igreja Católica Nacional, porque o seu triunfo está em não obedecer à Roma, porque a sua glória está em ser excomungada pelo sr. Engênio Pacelli para poder ser abençoada por Cristo, pois as "Bênçãos Papais" são fatídicas.

Fiquem certos, seus perseguidores, que não é possível que ainda apareçam outros "Calabar" que desejem entregar a nossa Pátria ao Estrangeiro.

Fiquem certos, que raiará um dia glorioso para o Brasil, quando será feita a expulsão dos holandeses de batinas e de todos os brasileiros indignos que colocam os interesses do Vaticano acima dos interesses da Pátria.

Brasileiros! Elementos como esses são indesejáveis à Nação, porque se o Vaticano declarasse guerra ao Brasil, eles, com exceção de alguns, se levantariam contra a Pátria para combaterem a favor dos "Estados Pontifícios".

As Fazendas dos Jesuítas

Relação de algumas fazendas mais importantes dos jesuítas, no Brasil, até 1760, de acordo com o tomo X, da História da Companhia de Jesus, no Brasil, do Jesuíta, Padre Serafim Leite. É o sistema latifundiário dos jesuítas, que se opõe à reforma agrária, exigida pelo mundo hodierno, para que haja Paz.

HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS. NO BRASIL

DE

SERAFIM LEITE, S. I.

(Tomo X, INDICE GERAL)

(Esta relação dos latifúndios nacionais, de propriedade da Companhia de Jesus, fô copiado das páginas 88, 89, 90, 91, 92 e 93, do tomo X — *Índice geral — Fazendas* — da obra *História da Companhia de Jesus, no Brasil*, de Serafim Leite, S. I.)

FAZENDAS: Começadas por Nobrega, I, 176; *impossível sem terras e criação de gado a sustentação dos Padres do Brasil* (Anchieta), I, 76; *o fazendeiro-missionário, fenômeno espontâneo da América florestal*, IV, 89; *necessidade econômica e social das fazendas no Brasil*, IV, 170-175; o P. Fernão Cardim estabelece o primeiro Engenho de Açúcar da Companhia, VII, 7; Regulamento Interno (Engenho da Pitanga), V, 257-258; dificuldades em defender as terras, de ocupantes estranhos, V, 257; a boa organização e relativa prosperidade provocam invejas, VII, 297; gastos com os índios, IV, 184; as suas diversas oficinas, IV, 175; *rendimento de uma grande fazenda amazônica* (Ibiapaba), IV, 175; as raízes e as ervas medicianis das "Quintas dos Padres", VII, 284-285; Ver Agricultura; ver Pecuaría.

Fazenda:

Água Branca (S. Paulo) VI, 65
Água de Meninos, I, 14, 149; II 144; IX, 418
Água Verde, V, 553, 554
Aíama, I, 466; V, 425
Alagadiços; V, 551
Algodão; V, 553
Almas (Piauí); V, 554
Almas (em Santa Cruz); VI, 55
Amandijú; III, 140; IV, 174
Angical; V, 554
Anindiba; III, 135-138; IV, 82, 190; VIII, 325; IX, 88, 152
Apipucos; V, 418
Aracajú; V, 316, 320
Araçápiranga; VI, 365
Araçáriguama; II 588,
Araçatiba (Engenho) VI, 143, 152, 155-158, etc.
Araçatuba; III, 190
Arapapuú; I, 528
Arari; III, 250-252
Areias; V, 577
Baixa do veado; V, 551
Baixo da Boca do Rio Paranamirim; (Baía)

VIII, 111
Bananal; VI, 365
Bandeira; V, 577, 578
Barreta; V, 478
Boa Esperança; V, 574
Boa Vista; VI, 365
Bom Jardim; V, 574
Boqueirão (1); V, 460
Boqueirão (2); V, 501
Borda do Compo (Paraná); VI, 400
Borda do Campo (S. Paulo) VI, 428
Botucatu; VI, 355, 365, 372
Brejinho; V, 553
Brejo de S. Inácio; V, 553 e 560
Brejo de S. João; V, 553, 557, 560
Buraco; VI, 365
Burity; V, 553, 554
Butarità; VI, 365
Caçarola; VI, 157
Caché; V, 553
Cachoeira (Maranhão); III, 169
Cachoeira (Paraíba); V, 501
Cachoeira (Piauí); V, 553-554
Cajáiba; I, 448
Cajaseiras; V, 553
Camamá (Engenho) Doada por Mem de Sá, I, 154-158; VII, 438; — Índice, I 590, II, 638; V, 608, 611; VI, 616; VIII, p. 137, 165. Ver *Camamá*.
Camaragibe; I, 465
Camboapina; VI, 156
Campo dos Goitacazes (Engenho) V, 592, 596, etc.
Campo Grande; 553-554
Campo Largo; V, 553
Compos Novos; V, 592-593
Canavieira; V, 554
Cana-Brava; V, 554
Capela Velha; VI, 374
Capivarí; V, 261, 264, 589
Caraibas; V, 554, 593
Carapina (Engenho) VI, 143, 151, 152
Caruba (Engenho) VI, 390, 424, 593
Castelo; V, 553-554
Catarães; V, 553
Cidade dos Veados; IX, 144
Cobé; V, 579
Conceição — Ver Memim
Conceição (Sapucaia) VI, 55
Conceição (Piauí) V, 554
Conceição (Santa Cruz) VI, 55
Cotegipe (Engenho) V, 259, 260, 309, 577
Cotunguba (Engenho) V, 390, 424, 425, 593
Cubatão, VI, 355, 366
Curitiba, VI, 428, 455
Curimantá, V, 579
Curucá; III, 271, 287, 289, VII, 327
Dois Riachos; V, 501
Embiara; V, 174
Embuaçaba; VI, 365
Ermida de S. Sebastião (Baía) I, 152
Engenho Novo (Rio) I, 152
Engenho Velho (Rio) — Ver S. Francisco Xavier.
Esfolado; V, 554
Espinhas, V, 553
Espírito Santo; (Piauí) V, 554

Feira de Capoame; V, 577-580
 Flores; V, 554
 Formiga; V, 500, 503
 Gado Bravo; VI, 211
 Gameleira do Canindé; V, 553
 Gameleira do Piauí; V, 553
 Gameleiras; V, 553
 Genipapo; V, 553
 Geribatiba; I, 257, 543
 Gerijó; III, 199, 201
 Geribatiba; VI, 365 — Ver *Geribatiba*
 Geribié ou Gibrié; III, 285, 300, 302
 Gilbué; VI, 211
 Grande; V, 553
 Guajará-Una; III, 304
 Guaraípe; II, 238
 Guaraipiranga; I, 420
 Guaratiba; I, 420
 Guaraú (Ilha); I, 256
 Guarei; VI, 355, 372, 373
 Guaribas; V, 533
 Guarupaba; V, 414
 Guirataquiara; III, 47
 Ibirajuba (Engenho) III, 222, 302
 Igapara; III, 47
 Iguaraú; III, 128, 140
 Iguacú; I, 413, 416, VI, 67, IX, 24
 Iguape; (Baía) V, 128, 170; VIII, 297
 Iguape; (S. Paulo), I, 150, 319, II, 238
 Iguará; III, 157
 Iguaraú; I, 465
 Ilha; V, 553
 Ilhéus; IV, 156
 Imbueira; III, 66; VIII,
 Imbubuçu; VI, 365
 Inxú; V, 553
 Iperuibe — Ver *Peruibe*
 Ipitanga; VII, 38, 129, 438 (*Pitanga*)
 Ipojuca — Ver *Pojuca*
 Itapicurú (Engenho) III, 143, 144
 Itapoca; VI, 143, 152; VII, 446
 Itatinga; VI, 478
 Jaboaão; V, 309, 316, 320, 323, 579, 589, 596;
 V, 438
 Jacaré; V, 554
 Jacarei; III, 190
 Jacurutuouara; I, 225, 226
 Jacuibe; I, 154
 Jaguarari (no Rio Mojú, Pará) III, 248, 297,
 300, 303; IV, 200
 Jaguaribe; V, 425
 Jaguaripe; V, 323
 Jaguaroca; III, 152
 Japi; VI, 375
 Joazeiro; V, 564
 Jucurucaí (Engenho) V, 424
 Julião Ver S. Julião
 Jundaí; VI, 375, 377
 Juquiri; III, 102
 Lagoa (Paraíba) V, 501
 Lagoa (Piauí) V, 554
 Lagoa (S. Paulo) VI, 365
 Lagoa de S. João; V, 553
 Lagoa Torta; V, 424
 Lapa; VI, 366
 Limeira; V, 578
 Luiz de Grã (Sesmaria); I, 150, 543
 Macacões; V, 554
 Macacú; I, 418, 420, 432, 548; V, 592, 596; VI,
 113, 114, VIII, 280
 Macaé (Engenho) V, 592; VI, 113, 114; VIII,
 280
 Madalena (Quinta da) V, 345, 376, 377, 416, 426,
 428, 593
 Madre de Deus; V, 554

Maecaxá ou Maecaxará; VI, 84, 93; VIII, 142,
 194
 Malhada de cavalos; V, 554
 Mamaicú; III, 145, 148, 271, 284, 288; IV, 100,
 109,, 200, 278, 57; IX, 49
 Mamanguape; V, 500
 Mamo; V, 155; VIII, 177
 Manaquí; VI, 375, 377
 Mandei; VI, 365
 Mar Grende; V, 266
 Marajó; III, 287; IV, 200, 246
 Marajoacú; III, 249
 Marajoão; III, 249
 Matachirence (Baía) V, 589
 Matadoiro; III, 128, 169
 Mato; V, 553
 Meio; V, 554
 Mendes; V, 554
 Mereti; III, 304
 Missão (Ceará); III, 464
 Macajuba; III, 285
 Mocambo; III, 285
 Mõnim (Engenho); III, 158; IX, 151
 Monjope (Engenho); I, 146; V, 416, 423, 426,
 593, VII, 449
 Monteiro; V, 420
 Morcegos; III, 128, 169
 Morretes; VI, 455
 Mouxão; III, 169, 170
 Mucum; V, 500
 Muribara; V, 425, 479
 Muribeca (Engenho), V, 264, 594, VI, 143, 152,
 157, 192; VII, 446; VIII, 257
 Murundú; VI, 71
 Nazaré; V, 553, 557, 560
 Nhundiaí (R.G. do Norte); I, 157
 N. S. da Escada (Baía) I, 153
 N. S. da Luz (Engenho) V, 593, 596; VII, 561
 Nova Matança; V, 579
 Olho d'Água; V, 553
 Ortigas; VI, 211
 Pacaembú; VI, 355, 365
 Papucaia; VI, 114; VII, 444
 Panela; V, 554
 Paraíba do Norte (Engenho) V, 423
 Paraíba do Sul — Ver S. José dos Campos
 Partido; V, 250, 579, 589
 Passagem da Gameleira; V, 176
 Passé; (Engenho) I, 151, 154; V, 577
 Pedras; VI, 365
 Penha da França; V, 266, 267
 Pari-Açú; III, 199
 Pericumã; III, 199, 202
 Peroacú; (Sesmaria) IX, 185
 Peruibe; I, 255, 541; II, 238
 Piauí — Ver Piauí (título geral)
 Picaraca; V, 176
 Pilar; III, 202
 Pindaré; III, 190, 199
 Pindoba; II, 82
 Pindobas; III, 579
 Piudobeira; VI, 211
 Pingela; V, 176
 Piratininga; VI, 365
 Piraquimirim; VI, 452
 Piripirí; V, 554
 Piriris; III, 157
 Pitanga (Engenho), V, 148, 250 — Ver *Ipitanga*
 Pitanguí; VI, 452, 455, 460
 Pitinga (Ceará) III, 66
 Pitinga (Engenho) V, 254, 255, 579
 Pobres; V, 553, 554
 Poções; V, 553
 Pojuca; V, 425
 Ponta dos Buzios; VI, 84

- Ponta da Cotia; VI, 365
 Ponta do Mar; I, 152
 Porta; VI, 156 *W*
 Porto Alegre; V, 554
 Porto das Naus; (S. Vicente), I, 549
 Potí; V, 364
 Prata; III, 154; V, 554
 Pua; V, 501
 Quiriri; V, 426, 500, 501
 Quiriris de Fora; V, 500
 Paposos; V, 577
 Recolhimento; VI, 211
 Remanso Grande; V, 501
 Riacho; V, 554
 Riacho de Almécega; V, 554
 Riacho dos Bois; V, 553
 Riacho dos Cabaços; V, 478, 593
 Riacho da Onça; V, 554
 Rio Ambebe; V, 579
 Rio Anhembi; VI, 355
 Rio Grande do Norte; I, 557, 559
 Rio Itaipé; V, 579
 Rio Itanhaem; V, 530
 Rio Jaguaribe; (R. G. do Norte), I,
 Rio Joanes; I, 154, 177
 Rio Mongouro; V, 580
 Rio Mensó; V, 579
 Rio Paraguaçu; V, 579
 Rio Patatiba; V, 580
 Rio Piauí (Sergipe) V, 539
 Rio Piratininga; I, 257
 Rio Patãobú; I, 258
 Rio Real; I, 448
 Rio S. Francisco; V, 462
 Rio da Trindade; (Engenho) V, 199
 Rocio; VI, 455
 Rosário; V, 176, 579
 Saco; V, 533
 Saco de S. Francisco Xavier (junto de Niterói) VI, 51; III, 112; VII, 138, etc.
 Sacramento; VI, 156
 Salinas; V, 553, 554
 Salinas de Curuçá; III, 289, 400
 Salinas de Itauera; V, 553
 Sanbaíba; V, 564
 Sant'Ana (Engenho) V, 200, 213, 225, 588; VI, 605; etc.
 Sant'Ana (Ilheus) V, 213
 Sant'Ana (Macacú) V, 55
 Sant'Ana (Piauí) V, 554
 Sant'Ana (Porto Seguro) V, 237
 Sant'Ana (S. Paulo) VI, 152, 365, 375, 377; VI, 152; IX, 54
 Sant'Ana (Santa Cruz) VI, 55
 S. Bárbara (Santa Cruz) VI, 55
 Santa Cruz (Engenho) Medições, VI 55; o caminho Rio-S. Paulo, VI 57; vida social e econômica dos escravos, etc.
 S. Cruz (Piauí) V, 554
 S. Inês; V, 203, 213; X, p. XVIII
 S. Isabel; V, 554
 S. Luzia; VI, 55
 S. Rosa; V, 554
 S. Teresa; VI, 55
 S. Agostinho VI, 55
 S. Antonio (Capoame) V, 577, 578
 S. Antonio (Piauí) V, 554
 S. Antonio (Rio de Janeiro) VI, 55
 S. Barnabé (Santa Cruz) VI, 55
 S. Boaventura (Santa Cruz) VI, 55
 S. Bonifácio (Engenho) III, 185, 190
 S. Brás; (Maranhão) III, 135, 140
 Caetano; III, 183
 S. Cristóvão (Baía) V, 161, 162, 596, VII, 438
 S. Cristóvão (Rio); V, 163, 592; VI, 67-72; 152; VII, 444; VIII, 258
 S. Estevão; VI, 55
 S. Francisco Xavier (Engenho Velho) Rio, VI, 444
 S. Francisco Xavier (Saco de) ver Saco
 S. Inácio (S. Paulo) VI, 574
 S. Inácio — Ver Campos Novos
 S. Inácio (Santa Cruz) VI, 55
 S. João; V, 554
 S. José (Rio de Janeiro) VI, 55
 S. José dos Campos da Paraíba; V, 595; VI, 355, 364, 367, 369, 378; Ver Aldeias.
 S. Julião; IV, 204, 205, V, 553
 S. Luiz; VI, 55
 S. Marcos; VI, 55
 S. Miguel (Santa Cruz) VI, 55
 S. Miguel e Conceição (Engenho. Rio) V, 596; VI, 68, 69; VII, 444, IX, 130
 S. Nicolau; V, 554
 S. Paulo; (Rio de Janeiro) VI, 55
 S. Pedro de Alcantara; V, 554
 S. Pedro (Santa Cruz) VI, 55
 S. Pedro de Iporanga; VI, 427, 428, 489
 S. Romão; V, 553
 S. Sebastião (Baía); V, 579
 S. Vitor; V, 554
 Santos; (Engenho) VI, 428
 Sapicú; V, 554
 Saquinho; V, 553
 Saúde; V, 152
 Sêco; III, 154
 Sergipe do Conde (Engenho) Rei dos Engenhos do Brasil, V, 113, 215, 221, 243, 255, 259, 268, 383, 581, etc.
 Serinhaem; V, 596
 Serra Grande; V, 553
 Serra Vermelha; V, 554
 Serranos; III, 169
 Serrinha; V, 553
 Sesmaria de Luiz da Grã; I, 150 e 543
 Silveirense; V, 478
 Sobrado; V, 130
 Superaguá; VI, 455
 Tabatinga (Vigia); III, 283; IV, 202, IX, 146
 Tabatinguá; VI, 365
 Taguaú; VI, 365
 Tajepe; I, 466 — Ver Fazenda de Monione
 Tanque; — Ver Quinta do Tanque
 Taperucú; VI, 365
 Tapiracú; VI, 365
 Taquara; V, 435
 Taú; 553, 554
 Tatuaba; III, 158
 Tejupeba; I, 449; V, 316, 320, 322, 579, 596; VII, 250, 251, 434
 Terreiro do Mosteiro; I, 151
 Tiaia; III, 66
 Tieté; V, 595; VI, 375
 Timbauba; III, 201
 Tirapua; V, 424
 Torre; V, 555

Rumoroso Julgamento em Dores do Indaiá

Processo criminal relacionado com violências praticadas contra um representante do bispo de Maura — Protestaram os católicos contra os patrocinadores da "Festa do Rosario"

DORES DO INDAIÁ, (Do correspondente) — Vem despertando grande interesse, nesta cidade, a tramitação pelo fóro local de intrincada questão criminal, relacionada com as atividades do padre Francisco Correia, pertencente à Igreja Católica Apostólica Brasileira, fundada pelo bispo de Maura.

Todos os anos é comemorada solenemente neste município, a festividade religiosa denominada "Festa do Rosario", no dia 15 de agosto. A festa tem, normalmente, a duração de 3 a 4 dias, prolongando-se os ensaios preparatórios, porém, por tempo superior a um mês.

Após ter sido patrocinada durante muitos anos, pela Igreja, que á ela dava seu integral apóio, deixou a Festa do Rosario, por motivos diversos, de contar com o patrocínio da paróquia de Dores do Indaiá. Embora sofrendo alguma diminuição na intensidade das comemorações, prosseguiu a população local fazendo realizar as comemorações do dia 15 de agosto, sem contar com o apóio do clero.

ONDE SURGE A IGREJA DO BISPO DE MAURA

No ano de 1949, decidiram os patronos da "Festa do Rosario" dar á mesma um carater mais acen-tuadamente oficial, convidando a dela participar representante da Igreja Católica Apostólica Brasileira, dirigida pelo bispo de Maura. Cumprindo o desejo dos organizadores das comemorações, determinou aquela discutida autoridade eclesiástica, há tempos excomungada pela Igreja Católica Romana, o somparecimento, como seu representante direto, do padre Francisco Correia, bastante conhecido em nosso Estado.

Com a presença desse sacerdote, tiveram inicio as comemorações tradicionais, sendo erigido, ás pres-sas uma capela para a celebração dos atos religio-sos.

Tranqueira de Baixo; V, 553
Tranqueira do Meio; V, 553
Tremembé; (S. Paulo) VI, 375, 377
Trincheiras; V, 501
Ubaí; I, 150
Ubatubaré; VI, 372
Ubuturapam; I, 528
Urubú; V, 322, 478, 596
Urubumirim; V, 309, 323, 476, 481, 513; VII, 451.



Foram Aldeias ou Fazendas da Companhia muitas cidades actuais do Brasil.

(Transcrito da página XVII do tomo X, Índice Geral, da História da Companhia de Jesus no Brasil, por Serafim Leite S.I.



Por não se conformarem com o carater dado às festividades, autenticamente de propaganda da nova igreja, os católicos da cidade, não conseguindo impedir a realização das comemorações, promoveram uma passeata de desagravo, culminada com diversas perturbações da ordem em frente ao Regio Hotel, onde se hospedava o padre Francisco Correia.

Com a intervenção da policia, foi instaurado o competente inquerito policial, quando foram recolhidos os depoimentos de diversos implicados e testemunhas.

Remetidos os autos à Justiça, foram denunciados os participantes da desordem, em numero de nove: srta. Adelia de Oliveira, srta. Fidencia Pacifica, José Ferreira Lima, José Pinto Ribeiro, Romem Soares, Ricardo de Faria, José do Nascimento, Celso Afonso de Melo, dr. Miguel de Almeida Barbosa e dr. Rodolfo Argôlo de Castro.

Tão logo seja concluido o processo do feito, serão os autos encaminhados ao juiz de Direito da Comarca, para a competente decisão final.

De "O Estado de Minas", de Belo Horizonte, de 7-8-1951.



NOTA — Ao encerrar as páginas deste número de "LUTA", tivemos conhecimento do rumoroso processo de Dôres de Indaiá, dando a Justiça ganho de causa á Igreja Católica Apostólica Brasileira.

A Redação.

Crucificado!

Ao Dr. Roberto das Neves um homem como o que fôra procurado...

Manoel Bezerra

Por que crucificado enôntra-se JESUS,
Aquele que sofreu por nossa Evolução?
É incoerência manter prégado em uma cruz
Quem a morte venceu pela ressurreição!

Trazendo a um mundo obscuro a inapagável luz
ÊLE desempenhára a mais árdua missão!
E Roma — a clerical — retrógrada, O conduz
Qual se Êle mercêsse a infame humilhação!...

Não é justo, ó cristãos, que ÊLE assim permaneça...
Não vos aumenta a fé! É mesmo revoltante
Não vos móstrem JESÚS em seu áureo esplendor!!!

Ressuscitado, enfim, que a todos apareça!...
É que o povo cristão, triunfalmente, cante
A aleluia auroral do IMÁCULO PASTOR!!!

ATENDENDO À LIBERDADE DE PENSAMENTO

A apreensão dos livros QUEREMOS REVOLUÇÃO e NESSE PASSO ÊLES VÃO ATÉ HONOLULU do ardoroso panfletário paraibano Arlindo Colaço, feita em Recife foi mais um dos atentados à liberdade de pensamento e de imprensa cometidos pela autoridade que recebeu influência direta ou indireta do clericalismo arrogante e opressor de consciência.

Os clericais não podendo abafar a voz daquele que enfrenta na tribuna da imprensa o pederio vaticanesco do Brasil procura vencer o adversário pela opressão e pelos meios violentos.

O Diário da Noite e o Jornal Pequeno de Recife do dia 30 de abril do ano em curso publicaram a notícia lançando o seu protesto. Nós nos associamos à imprensa livre de Pernambuco, juntando também o nosso mais veemente protesto contra o ato violento.

Pode o autor contar com o nosso apóio e receba a nossa solidariedade. Avante na gloriosa marcha que empreendeu porque a ordem que damos aos patriotas é:

LUTAI, BRASILEIROS!

Os brasileiros dignos do Brasil, na hora presente, devem deixar de lado o comodismo, o medo, a covardia, e lutar por um Brasil digno dos brasileiros, enfrentando, combatendo e varrendo do território nacional, todos os funcionários do Vaticano: Nuncio, Cardiais, Bispos, Padres e Freiras — Essa é a ordem. Esse o avançar do Bispo de Maura — Dom Carlos.

A redação desta revista se encarrega da distribuição dos livros "heréticos".

Podem ser procurados, nesta redação, os seguintes trabalhos do escritor brasileiro ARLINDO COLAÇO:

	Cr\$
QUEREMOS A REVOLUÇÃO	20,00
ENSINO ATUALIZADO	10,00
NESSE PASSO ÊLES VÃO ATÉ HONOLULU	10,00

A BEM DA VERDADE

Domingos Mogarinos

Na página 27, do n.º 10, de *Luta!*, leem-se as seguintes palavras escritas por Maurício Lachatre:

"Alexandre VI consentiu em ser o mediador da paz entre as duas partes; traçou uma linha que passava pelas ilhas dos Açores juntando os dois polos e decretou, em virtude da sua onipotência universal, que todos os países que estivessem aquém dessa linha, isto é, as Índias Orientais ou a América, pertenceriam aos reis de Espanha, e aqueles que estivessem além dela, isto é, as Índias Orientais e as costas da África, pertenceriam aos reis de Portugal. S. Santidade não punha outra condição a este magnífico dom senão o pagamento imediato de uma forte soma em dinheiro e o compromisso para os Espanhóis e para os Portugueses de converterem, por bem ou por mal, os habitantes ao cristianismo. Sessenta anos depois da publicação desta bula, os execráveis missionários espanhóis tinham degolado quinze milhões de vítimas no Novo Mundo para obedecerem ao papa".

Que induzir e deduzir, à luz da lógica e da verdade, desse idôneo documento, senão que a outorga de quase toda a América à Espanha, e do Brasil, a Portugal, decorreu da bula, decreto pontifical ou doação de Rodrigo Bórgia, espanhol que procedeu deste modo, no intuito de proteger os interesses de sua Pátria e conquistar as boas graças do seu rei, Fernando V, o Católico?

O mesmo número de historiadores que atribuem a descoberta da América a Colombo, e do Brasil a Cabral, nega, documentadamente, esse acontecimento histórico, acrescentando que os povos nórdicos da Europa nunca deixaram de manter intercâmbio com a América.

Eugênio Londum afirma, categoricamente, no seu famoso livro, *Les ignorances de la Science Moderne*, que a "América nunca esteve perdida"; só os povos latinos das margens do *Mare Nostrum*, o Mediterrâneo, esqueceram a sua existência, porque, "todos os indivíduos que ouzavam aludir a esses conhecimentos, morriam, inexoravelmente, nas chamas apavorantes das fogueiras inquisitoriais".

Isto, sem qualquer sofisma ou mistificação, quer dizer que a América não foi, absolutamente descoberta, por este ou aquele "mareante espanhol ou português", e, no caso presente, que "se não fosse a bula, o decreto ou doação de Alexandre VI, continuaria, para todos os efeitos, inexistente, pelo menos, para os povos latinos da Europa Meridional.

Está de pé, portanto, o que afirmei no meu artigo *Estudem e sejam sinceros*.

Revisão

SCRIPTA MANENT

Domingos Magarinos

Segundo Marcos Terencius Varro (o *Varrão*, o pórcico) notável polígrafo romano, autor do famoso tratado *De lingua latina*, a palavra Vaticano (*Vaticanus*) deriva do termo *vaticinia* que significa orago, oráculo, a resposta de Deus, e foi dado ao lugar e ao palácio que, no presente, serve de residência aos papas romanos, mas, é preciso não esquecer que, em priscas eras, um outro edifício que existiu, na mesma região, e foi demolido afim de permitir a construção do atual, serviu de domicílio, de habitação, aos chamados *adivinhos*, os *magos*, mais tarde, alcunhados de *bruxos* ou *feiticeiros* que, nesse tempo remoto, davam consultas aos indivíduos, de todas as castas, que pretendiam desvendar o respectivo futuro e "obter conhecimentos que escapavam à percepção comum da maioria dos homens". Ouvir, como se dizia, a VOZ DE DEUS.

Os *magos* faziam Magia e a Magia, ninguém o ignora, como ensinam os que se arvoram, hoje em dia, em privilegiados, exclusivos e infalíveis intérpretes da VERDADE, "é a suposta arte de submeter a vontade humana à vontade divina, ao desígnio integral de uma Entidade Superior ou de várias Entidades Superiores".

É a técnica oculta, a prática esotérica, o ritual secreto que faculta o poder de impôr, à Humanidade, o Intento Absoluto de Deus, doutrinavam esses *adivinhos*, esses *infalíveis*, esses *magos*.

A Magia, com o decorrer dos tempos, como tudo neste mundo, foi-se adulterando, foi-se corrompendo e acabou dividida em duas facções distintas, opostas e antagonicas: Magia Negra.

A Magia Branca dizia-se a serviço do Deus do Bem e a Magia Negra, a serviço do Deus do Mal.

Uma protegia e a outra perseguia. Uma favorecia e a outra prejudicava. Uma inspirava-se no amor e a outra no temor. Uma pregava o amor de Deus e do próximo e a outra, o temor de Deus e do próximo.

A Magia Branca fazia caridade; a Magia Negra, comércio. A Magia Branca dava; a Magia Negra vendia. Vendia, a peso de ouro, tudo que os crentes, os fiéis lhe suplicavam, submissos, de joelhos em terra. Pedia e, sob essa aparência de humildade, apoderava-se, dissimuladamente, de metade, pelo menos, das rendas e das fortunas "públicas e particulares dos povos, em cujos países se radicavam".

Leiam, estudem e libertem-se da sugestão, da hipnose que lhes atrofia o raciocínio e embarga a vontade própria.

Todas as delícias que o homem desfrutava, na Terra, emanavam da Magia Branca; todas as calamidades, da Magia Negra.

As religiões, nessa época, nessa quadra inquisitorial do crê ou morre, que se caracterizou pelas maiores atrocidades postas em prática pelo homem, eram dualistas.

Evangelizavam, apostolavam a existência de dois deuses, implacáveis inimigos, que se degladiavam, a ferro e a fogo, numa luta titânica, numa guerra ciclópica, sem tréguas e sem desfalecimentos.

Os livros santos, as bíblias sagradas, os alcorões mais antigos, recordam-nos a tradição e a história desse tenebroso passado, em que se chegou a dizer que "não foi Deus quem fez o homem à sua semelhança, e sim, o homem quem fez Deus, de acordo com a sua ferocidade".

De fato, a maioria das religiões, desse tempo, como, ainda hoje, propalavam a existência de Deus e do Diabo, ambos poderosíssimos, ambos onipotentes, e, portanto, senhores do Mundo e da Humanidade.

Esses dois Adversários Divinos, esses dois Inimigos Onipotentes, por intermédio de seus ministros, de seus embaixadores, de seus representantes, na Terra, engendraram a Guerra ou a Paz, a Dor ou o Prazer, o Mal ou o Bem, a Desgraça ou a Felicidade que afligiam ou deliciavam a Humanidade que não media sacrifícios, renúncias e martírios, "obediente e submissa" a esses ministros, a esses embaixadores, a esses representantes.

Todo o ouro, toda a prata, todas as pedras preciosas, todos os bens, todos os valores, todas as propriedades, todos os latifúndios existentes, nas cinco partes do Mundo, eram doados ao Vaticano, o ex-palácio dos Adivinhos, segundo Marcos Terencius Varro, o notável polígrafo romano.

Sem comentários!... Cada um que faça uso de seu respectivo raciocínio, da sua razão, da sua inteligência, da sua cultura, do seu livre arbítrio, e proceda, de acordo com a própria consciência, ao fiel cumprimento dos sagrados deveres para com a Pátria e os seus patrícios.

Leiam. Estudem. *Scripta manent!*